C. H. SPURGEON

PESCADORES DE CRIANÇAS

Orientação prática para falar de Jesus às crianças



Shedd

PESCADORES DE CRIANÇAS

Capítulo 1: "Cuide dos meus cordeiros"

Nem os melhores da igreja são bons demais para esta obra. Não pense que, por você já ter outro trabalho para fazer, não deva se interessar por esta espécie de trabalho santo; ao contrário, com toda bondade, de acordo com suas possibilidades, disponha-se a ajudar os pequeninos e alegrar aqueles que têm o chamado para cuidar deles. Para todos nós vem a mensagem: "Cuide de meus cordeiros" (nvi), "Apascente os meus cordeiros" (ara). Para o pastor e para todas as pessoas que conheçam as coisas de Deus, é dada a comissão. Cuide bem das crianças que estão em Cristo Jesus. Pedro era um líder entre os crentes, contudo, ele devia alimentar os cordeiros.

Os cordeiros são os mais novos do rebanho. Por isso, devemos cuidar de modo especial daqueles que são novos na graça. Podem ser velhos em anos, mas ainda assim serem bebês na graça quanto à idade de sua vida espiritual, e por isso precisarem da tutela de um bom pastor. Assim que uma pessoa é convertida e acrescentada à igreja, ela deve tornar-se alvo do cuidado e da bondade de seus irmãos na fé. Ela acabou de chegar entre nós e não tem amigos conhecidos entre os santos, portanto, devemos ser amigáveis com essa pessoa. Mesmo que seja para deixar nossos amigos mais antigos, precisamos ser bondosos para com aqueles que são recém-escapados do mundo, e que vieram encontrar refúgio no Todo-Poderoso e no seu povo.

Vigie com cuidado incessante por esses bebês recém-nascidos que são fortes em desejos, mas em nada além disso. Eles acabam de sair das trevas, estão engatinhando, e seus olhos quase não agüentam a luz; sejamos sombra para eles até se acostumarem com a intensa claridade diurna do evangelho. Entregue-se, "vicie-se", no trabalho santo de cuidar dos fracos e abatidos. O próprio Pedro naquela manhã deve ter se sentido como um recruta, pois, em certo sentido, ele havia dado fim à sua vida cristã ao negar sua fé diante de seu Senhor e seus irmãos; e, por isso, porque foi levado dessa forma a se simpatizar com recrutas, ele foi comissionado para agir como um guardião deles. Os novos convertidos são tímidos demais para pedir a nossa ajuda; por isso mesmo eles nos são apresentados pelo nosso Senhor que, com uma palavra enfática de comando, diz: "Cuide dos meus cordeiros." E esta será a nossa recompensa: "O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram".

Por mais novo que um crente seja, ele deve fazer uma confissão aberta, uma confissão pública da sua fé e ser arrebanhado para fazer parte do rebanho completo de Cristo. Não estamos entre aqueles que desconfiam da piedade jovem. Jamais podemos duvidar daqueles que se arrependem enquanto têm pouca idade tanto quanto daqueles que se arrependeram tarde na vida. Dos dois, achamos estes últimos mais para serem questionados do que os primeiros: pois é maior a probabilidade que o medo egoísta de castigo e o temor da morte produzam uma fé falsa do que a mera infantilidade. Quanta coisa a criança deixou de ver que poderia tê-la estragado! Quanto ela não conhece que, se Deus quiser, esperamos que ela nunca conheça! Ah, quanto há de brilho e confiança em crianças quando convertidas a Deus que não é visto em convertidos mais velhos! Nosso Senhor Jesus era profundamente solidário com as crianças, e pouco se parece com Cristo quem as olha como sendo um estorvo no mundo, e quem as trata como se fossem pequenos enganadores ou tolos e simplórios. Você que leciona em nossas escolas tem esse privilégio alegre de descobrir onde estão os cordeiros verdadeiros que realmente são os cordeiros do rebanho de Cristo — e é para você que ele diz: "Cuide

dos meus cordeiros"; isto é, dê instrução àqueles que são verdadeiramente cheios de graça, mas novos na idade.

É significativo que o verbo usado aqui para "cuide de meus cordeiros" é muito diferente do usado no preceito "cuide de minhas ovelhas". Não vou preocupá-los com palavras gregas, mas no segundo caso "cuidar" significa exercer o ofício de um pastor, governar, regulamentar, dirigir, orientar, fazer tudo que um pastor tem de fazer com um rebanho; mas no primeiro caso, cuidar não tem todos esses significados, mas sim o de *alimentar*, e dirige professores a uma obrigação que eles talvez possam negligenciar , ou seja, a de instruírem crianças na fé. Os cordeiros não precisam tanto de ser mantidos em ordem como nós, que temos tanto conhecimento e, no entanto, sabemos tão pouco, que achamos que estamos tão avançados que julgamos uns aos outros e brigamos. As crianças cristãs necessitam principalmente aprender a doutrina, o preceito e a vida do evangelho; precisam que a verdade divina lhes seja ensinada com clareza e convicção. Por que as doutrinas mais altas lhes devem ser negadas, as doutrinas da graça? Estas não são como dizem alguns, puros ossos; ou, se são ossos, estão cheios de tutano e cobertas de gordura. Se há alguma doutrina difícil demais para uma criança, é antes por culpa do conceito que o mestre tira dela, do que por falta de capacidade do pequeno para recebê-la, contanto que a criança esteja realmente convertida a Deus.

Compete a nós tornar a doutrina simples; essa será a parte principal de nosso trabalho. Ensinar aos pequenos a verdade inteira e nada senão a verdade; pois a instrução é o grande desejo da natureza da criança. Uma criança não só tem de viver como nós, como também tem de crescer; portanto, tem dupla necessidade de alimento. Quando os pais dizem de seus meninos "Que apetites eles têm!", devem lembrar-se de que nós também teríamos grandes apetites se não tivéssemos apenas que manter o funcionamento, mas também de aumentar o seu tamanho.

As crianças na graça têm que crescer, aumentando a capacidade de saber, ser, fazer e sentir, para chegar a um maior poder recebido de Deus; portanto, acima de tudo, precisam ser alimentadas. Precisam ser bem alimentadas ou instruídas porque correm o risco de que sua fome seja satisfeita com erros, perversamente. A juventude é suscetível à má doutrina. Quer ensinemos a verdade ou não aos jovens cristãos, o diabo com certeza lhes ensinará o erro. Eles o ouvirão de algum modo, mesmo que sejam vigiados pelos mais cuidadosos guardiões. O único meio de evitar que o joio entre na pequena caneca de medidas da criança é enchê-la até transbordar de trigo bom. Ah, sim, que o Espírito de Deus nos ajude a fazer isso! Quanto mais for ensinado aos jovenzinhos, tanto melhor; pois isso evitará que sejam desencaminhados.

Somos exortados especialmente a alimentar os pequenos, mesmo porque esse trabalho é muito proveitoso. Por mais que façamos com indivíduos convertidos com idade avançada, nunca podemos fazer muito por eles. Ficamos contentes com eles, mas aos 70 anos, o que lhes resta, mesmo que vivam outros dez anos? Instrua uma criança, e ela poderá ter 50 anos de serviço santo à sua frente. Ficamos contentes de receber aqueles que entram na vinha à décima primeira hora, mas quase nem empunharam sua ferramenta de poda e sua enxada antes do pôr-do-sol e já seu curto dia de trabalho termina.

O tempo gasto com treinamento daqueles que se convertem tardiamente é maior do que o tempo que o futuro reserva para o seu trabalho. Mas tome-se uma criança convertida e

ensine-a bem. Como uma piedade cedo na vida muitas vezes chega a se tornar uma piedade em alto grau, e essa piedade eminente se estica por longos anos em que Deus pode ser glorificado e outros abençoados, tal trabalho é por demais proveitoso. Esse trabalho é também muito benéfico para você mesmo. Nós sabemos que exercita nossa humildade e nos ajuda a permanecer mansos e humildes. Também treina nossa paciência; que aqueles que duvidam disso façam a experiência; pois mesmo cristãos jovens põem à prova a paciência daqueles que crêem neles e que estão ansiosos por eles justificarem sua confiança. Se você quer homens ou mulheres de alma grande, de coração dilatado, procure por eles entre aqueles que estão muito ocupados entre os jovens, suportando suas tolices e condoendo-se com suas fraquezas por amor a Jesus.

Capítulo 2: Não impeçam as crianças

Vamos ver de que forma as crianças são impedidas de virem ao Salvador. A primeira coisa a ser observada é que o culto, muitas vezes, não oferece nada para as crianças. O sermão passa por cima de suas cabeças, e o pregador não acha que isso seja defeito; na verdade, ele quase se alegra por isso ser assim. Há algum tempo, uma pessoa que quis, suponho eu, fazer com que sentisse minha própria insignificância, me escreveu para dizer que havia se encontrado com alguns negros que tinham lido meus sermões com grande prazer; e essa pessoa acreditava que eram muito adequados para eles. Sim, minha pregação era justamente o tipo de coisa para esses homens. O remetente nem sonhava que me dava um prazer muito sincero; pois se sou compreendido por pessoas pobres, por empregadas, por crianças, estou certo de que posso ser entendido por outros.

Ambiciono pregar ao mais humilde, ao mais simples e desprezado. Nada é mais importante do que ganhar o coração dos despretensiosos, como também ganhar o coração das crianças. As pessoas, às vezes, falam à respeito de alguém: "Ele só serve para ensinar crianças: pregador ele não é." Pois eu lhes digo, à vista de Deus, não é pregador quem não se importa com as crianças. Deveria haver pelo menos uma parte de cada sermão e culto que agradasse aos pequenos. É um erro aquilo que permite que esqueçamos disso.

Os pais também pecam quando omitem a religião da educação de seus filhos. Talvez a idéia seja que suas crianças não podem ser convertidas enquanto são crianças, e então acham o lugar onde eles estudam nos seus tenros anos inconseqüente. Mas isso não é verdade. Muitos pais esquecem-se disso até quando suas meninas e meninos estão nos últimos anos da escola. Mandam-nos para outros países, a lugares com toda sorte de perigo moral e espiritual, com a idéia de que lá poderão completar os estudos elegantemente. Em quantos casos eu vi essa instrução completada, e ela produziu moços que são consumados libertinos, e moças que só sabem flertar. Conforme se semeia, se colhe. Vamos esperar que nossos filhos conheçam o Senhor. Que desde o início combinemos com seu "ABC" o nome de Jesus. Que leiam suas primeiras lições da própria Bíblia. É notável o fato de que as crianças não aprendem a ler de nenhum outro livro tão rapidamente como do Novo Testamento; há um encanto no livro que atrai a mente infantil. Mas nunca sejamos culpados, como pais, de esquecer o treinamento religioso de nossas crianças; porque, se deixarmos isso esquecido, poderemos ser culpados do sangue de suas almas.

Outro resultado é que a conversão de crianças não é esperada em muitas de nossas igrejas e congregações. Ou seja, não se espera que as crianças sejam convertidas

enquanto crianças. A teoria é que, se podemos estampar sobre a mente das crianças bons princípios que lhes possam ser úteis em anos vindouros, já fizemos o suficiente; mas converter crianças enquanto crianças e considerá-las como sendo tão crentes como adultos, é visto como absurdo. A esse suposto absurdo, eu me agarro de todo o coração. Creio que das crianças é o Reino de Deus, tanto na Terra como no céu.

Outro problema é que não se acredita na conversão de crianças. Certos indivíduos desconfiados sempre afiam seus dentes quando ouvem falar de uma criança recém-convertida: querem avançar para tirar um naco dela se puderem. Insistem, corretamente, que essas crianças sejam examinadas com cuidado antes de serem batizadas e admitidas na igreja; mas estão errados em insistir que só em casos excepcionais devem ser recebidas. Concordamos com eles quanto ao cuidado a ser exercido; mas deve ser o mesmo em todos os casos, nem mais nem menos nos casos de crianças.

É muito freqüente as pessoas esperarem de meninos e meninas a mesma solenidade de comportamento de pessoas mais velhas! Seria um bem para todos nós se nunca tivéssemos deixado de ser meninos e meninas, e tivéssemos acrescentado a todas as excelências de uma criança as virtudes de um homem. Certamente, não é necessário matar a criança para fazer o santo! Os mais severos pensam que um pequeno convertido deve ficar vinte anos mais velho em um minuto. Certa vez, um indivíduo muito solene me chamou do *playground* e me admoestou sobre a impropriedade de eu jogar uma brincadeira de armadilha, bastão e bola com os meninos. Ele disse: "Como você pode brincar como os outros, se você é um filho de Deus?" Respondi que eu tinha a responsabilidade de conduzir as pessoas aos assentos na igreja, e fazia parte de minhas obrigações participar dos passatempos dos garotos. Meu crítico venerável achou que isso alterava bem o assunto; mas estava claro que sua visão era que um menino convertido nunca deveria brincar!

As pessoas não esperam das crianças uma conduta mais perfeita do que elas próprias demonstram? Se uma criança crente tem um acesso de raiva, ou age mal em algum caso pouco importante por esquecimento, ela é condenada na hora como sendo um pequeno hipócrita por aqueles que estão longe de ser perfeitos. Jesus diz: "Cuidado para não desprezarem um só destes pequeninos." Cuidado para não dizerem nenhuma palavra cruel contra seus irmãos pequenos em Cristo, suas irmãzinhas no Senhor. Jesus valoriza tanto seus preciosos cordeirinhos que ele os leva em seu seio; e eu encarrego vocês que seguem seu Senhor em todas as coisas a mostrarem ternura semelhante aos pequenos da família divina.

"Alguns traziam crianças a Jesus para que ele tocasse nelas, mas os discípulos os repreendiam. Quando Jesus viu isso, ficou indignado." Ele não ficava indignado com freqüência, certamente. E quando ficou, sabemos que o caso era sério. Indignou-se por essas crianças serem empurradas para longe dele, uma vez que essa atitude era contrária ao seu pensamento sobre elas. Os discípulos fizeram *mal às mães*; eles repreenderam os pais por fazerem um ato materno--por fazerem, de fato, aquilo que Jesus amava que fizessem. Levavam seus pequenos a Jesus por respeito a ele; valorizavam uma bênção que viesse de suas mãos mais do que ouro; tinham certeza de que uma bênção de Deus viria, com o toque do grande Profeta. Podem ter esperado que um toque da mão de Jesus tornasse a vida de seus filhos alegre e feliz. Embora possa ter havido algo de fraqueza no pensamento dos pais, mesmo assim o Salvador não podia julgar duramente aquilo que surgiu de reverência pela sua pessoa. Por isso, ele indignou-se bastante ao

pensar que aquelas boas senhoras, que quiseram prestar-lhe honra, fossem rudemente impedidas.

Fez-se também um mal às crianças. Os doces pequeninos! O que eles tinham feito para serem repreendidos por virem a Jesus? Não tencionavam atrapalhar. Pobrezinhos! Teriam caído a seus pés em amor reverente para com o Mestre de doce voz que encantava não só homens, mas crianças também, com suas palavras ternas. Os pequenos não tencionavam mal, e por que levariam a culpa?

Além disso, também havia o mal feito a ele próprio. Poderia deixar as pessoas pensando que Jesus era durão, reservado e auto-suficiente, como os rabinos. Ora, se pensassem que ele não podia condescender a crianças, teriam caluniado tristemente o bom nome de seu grande amor. Pois seu coração era um grande porto onde muitas embarca-çõezinhas poderiam ancorar. Jesus, o homem-criança, nunca esteve mais à vontade do que com crianças. Jesus, a criança santa, tinha afinidade com crianças. Seria ele representado pelos seus próprios discípulos como alguém que fecharia a porta para as crianças? Isso prejudicaria seu caráter. Portanto, entristecido pelo mal triplo que feriu mães, crianças e a si mesmo, ele ficou indignado. Qualquer coisa que fazemos para impedir uma querida criança de vir a Jesus desagrada ao nosso querido Senhor. Ele exclama: "Abram espaço. Deixe-os em paz. Que venham a mim, e não os impeçam."

Outra coisa: isso era contrário ao seu ensino; pois ele prosseguiu para dizer: "Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele." O ensino de Cristo não era o de que existe algo em nós que nos capacita para o Reino; e que um certo número de anos poderá nos tornar capazes de receber graça. Seu ensino era todo em outra direção, ou seja, de que nós não devemos ser nada, que quanto menos somos e quanto mais fracos, melhor; pois quanto menos temos do eu, mais espaço há para a graça divina dele. Você pensa chegar a Jesus subindo a escada do saber? Desça; você se encontrará com ele ao pé dela. Pensa alcançar Jesus subindo o morro íngreme da experiência? Desça, meu caro escalador; ele está na planície. "Ah! mas quando eu for velho, então estarei preparado para Cristo." Fique onde você está, jovem; Jesus o encontra na porta da vida; você nunca esteve mais preparado para se encontrar com ele do que justamente agora. Ele nada pede de você a não ser que não seja nada, e que ele possa ser tudo em tudo para você. Este é o ensinamento dele, e mandar afastar a criança porque ela não tem isto ou aquilo é resistir abertamente à bendita doutrina da graça de Deus.

Mais uma vez, impedir os pequenos era bem contrário à prática de Jesus Cristo. Ele os fez ver isso; porque "tomou as crianças nos braços, impôs-lhes as mãos e as abençoou". Durante toda a sua vida, nada houve nele que se parecesse com rejeição e recusa. Ele disse verdadeiramente: "Quem vier a mim eu jamais rejeitarei." Se ele rejeitasse quaisquer pessoas por serem novas demais, o texto seria declarado falso de imediato, mas isso nunca acontecerá. Ele recebe todos que vêm a ele. Está escrito: "Este homem recebe pecadores e come com eles." Toda a sua vida poderá ser desenhada como um pastor com um cordeiro em seu seio: nunca como um pastor cruel atiçando seus cães atrás de cordeiros e tirando-os de perto, juntamente com suas mães.

Capítulo 3: Os discípulos e as mães

Os discípulos imediatos de nosso Senhor foram um grupo de homens altamente honrosos. Apesar de seus erros e deficiências, eles devem ter sido grandemente

adoçados por viverem próximo de alguém tão perfeito e tão cheio de amor. Suponho, então, que, se esses homens, que eram a nata da nata, censuraram as mães que levaram seus filhos pequenos a Cristo, isto deve ser uma ofensa bastante comum na igreja de Deus. Temo que a geada paralizadora desse erro seja sentida em quase toda parte. Não farei nenhuma afirmação pouco generosa; mas acredito que se fosse feita uma pequena investigação pessoal, muitos de nós poderíamos descobrir sermos culpados nesse ponto, e poderíamos ser levados a exclamar com o copeiro de faraó: "Hoje me lembro das minhas faltas." Será que temos nos esforçado pela conversão de crianças tanto quanto temos nos esforçado pela conversão de adultos? Acham que estou sendo sarcástico? Vocês se derramam pela conversão de alguém? O que preciso lhes dizer? É terrível que o espírito de Caim entre no coração de um crente e o faça dizer: "Sou eu o responsável por meu irmão"? É chocante que nós mesmos comamos a gordura, bebamos o doce e deixemos as multidões famintas a perecer. Mas, me digam, se vocês não cuidaram da salvação de almas, não achariam um tanto trivial começar com meninos e meninas? Sim; e seu sentimento é compartilhado por muitos. A falha é comum.

Creio, no entanto, que esse sentimento, no caso dos apóstolos, foi provocado por zelo ao Mestre Jesus. Esses bons homens pensavam que levar as crianças ao Salvador causaria uma interrupção, pois ele estava envolvido em um trabalho muito melhor: ele agia confundindo os fariseus, instruindo as massas e curando os doentes. Seria correto amolá-lo com os pequenos? As crianças não entenderiam seu ensino, e elas não precisavam de seus milagres — por que deveriam elas ser introduzidas para perturbar seus grandes feitos? Assim, os discípulos praticamente disseram: "Levem suas crianças de volta, boas senhoras. Ensinem a elas a lei vocês mesmas, e instruam-nas nos Salmos e Profetas, e orem com elas. Não dá para toda criança ter as mãos de Cristo postas nela. Se deixarmos vir um grupo de crianças, teremos toda a vizinhança aglomerando-se à nossa volta, e o trabalho do Salvador será muito interrompido. Vocês não enxergam isso? Por que agem tão sem pensar?" Os discípulos tinham tanta reverência por seu Mestre que queriam mandar embora os tagarelas para que o grande rabino não parecesse ser um mero professor de bebês. Isso pode ter sido zelo por Deus, mas não era segundo a sabedoria. Desse modo, nos dias atuais, alguns irmãos não gostam de receber muitas crianças na igreja, com medo que se torne uma sociedade de meninos e meninas. Se essas crianças entram na igreja em grande número, a igreja pode sofrer críticas! O mundo lá fora a chamará de uma mera Escola Dominical. Lembro-me de que quando uma mulher de má fama foi convertida em uma de nossas cidades da comarca, houve objeção entre certos professores de que ela fosse recebida na igreja como membro, e certos rapazes mais obscenos chegaram a escrever nas paredes que o ministro batista tinha batizado uma prostituta. Eu disse ao meu amigo que considerasse esse fato uma honra. Assim também, se alguém nos critica por receber crianças novas na igreja, usaremos a crítica na lapela como insígnia de honra. Crianças santas não têm nenhuma possibilidade de nos causar mal. Deus nos enviará pessoas suficientes de idade e experiência para dirigir a igreja com prudência. Não receberemos ninguém que não produza prova do novo nascimento, qualquer que seja sua idade; mas não excluiremos nenhum crente por mais novo que possa ser. Deus nos livre de condenarmos nossos irmãos cautelosos, mas, ao mesmo tempo, desejaríamos que sua cautela aparecesse onde é mais necessário. Jesus não será desonrado pelas crianças: temos muito mais razão para temer os adultos.

A repreensão que os apóstolos fizeram sobre as crianças deve-se em parte por ignorarem a necessidade das crianças. Se alguma mãe naquela aglomeração tivesse dito,

"Preciso levar meu filho ao Mestre porque ele é muito afligido com um demônio", nem Pedro, nem Tiago, nem João, teriam feito objeções, mas, ao contrário, teriam ajudado a levar a criança possessa ao Salvador. Ou, suponhamos que outra mãe tivesse dito, "Minha filha tem uma doença que a faz definhar, está só pele e osso; permitam-me levar minha queridinha para que Jesus ponha suas mãos sobre ela", os discípulos todos teriam dito: "Abram caminho para essa mulher e seu fardo infeliz." Mas por que esses pequenos de olhos vivos, de línguas soltas e pernas saltitantes, deveriam ir a Jesus? Esqueceram-se de que nessas crianças, com toda sua alegria, saúde e inocência aparente, havia uma necessidade grande e grave da bênção da graça de um Salva dor. Se você cede à idéia dos tempos de que *seus* filhos não precisam de conversão, de que crianças nascidas de pais cristãos são um tanto superiores a outras, e tem o bem dentre eles que só precisa de desenvolvimento, uma grande motivação para sua sinceridade devota deixará de existir.

Creia-me, suas crianças precisam que o Espírito de Deus lhes dê novo coração e espírito reto, porque, do contrário, irão se perder como outras crianças. Lembre-se de que por mais novos que sejam, há uma pedra dentro do peito mais jovem; e essa pedra precisa ser tirada, ou, então, será a ruína da criança. Há uma tendência para o mal mesmo onde não é desenvolvida em ato, e essa tendência precisa ser vencida pelo poder divino do Espírito Santo, que atua fazendo com que a criança nasça de novo. Ah, que a igreja de Deus lance fora a velha idéia judaica, ainda tão forte à nossa volta — que o nascimento natural traz consigo privilégios da aliança!

Ora, mesmo sob a Velha Dispensação houve sugestões de que a semente verdadeira não era nascida segundo a carne, e sim segundo o espírito, como no caso de Ismael e Isaque, e de Esaú e Jacó. Será que nem a igreja de Deus sabe que "O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito"? "Quem pode extrair algo puro da impureza?" O nascimento natural comunica a impureza da natureza, mas não pode transmitir graça. Sob a nova aliança nos é comunicado expressamente que os filhos de Deus "não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus".

Sob a antiga aliança, o nascimento segundo a carne produzia privilégio; mas para entrar de qualquer modo na aliança da graça é preciso nascer de novo. O primeiro nascimento nada lhe traz senão uma herança com o primeiro Adão; é preciso nascer de novo para se colocar sob a chefia do segundo Adão.

Mas está escrito, diz alguém, que "a promessa é para vocês e para seus filhos". Nunca houve uma desonestidade mais grave do que a citação deste texto conforme é geralmente citada. Já a ouvi sendo usada inúmeras vezes para provar uma doutrina que está bem longe do que ela ensina claramente. Se pegarmos parte da frase de uma pessoa, sem considerarmos o resto, podemos fazer com que ela diga o oposto daquilo que quis dizer. O que você acha que o texto realmente diz? Veja Atos 2.39: "A promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar." Essa declaração grandiosamente ampla é o argumento no qual está fundada a exortação: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado." Não é uma declaração de privilégio especial de ninguém, e sim uma apresentação da graça que tanto é para todos que estão longe como para eles e seus filhos. Não há nenhuma palavra no Novo Testamento para mostrar que os benefícios da graça divina são em qualquer grau transmitidos por descendência natural: eles vêm "para todos quantos o

Senhor, o nosso Deus, chamar", quer tenham pais santos ou pecadores. Como as pessoas têm o descaramento de rasgar metade de um texto de modo que se ensine o que não é verdade? Você precisa olhar com tristeza para seus filhos como nascidos no pecado, e formados na iniqüidade, "herdeiros da ira, assim como outros"; e embora você mesmo possa pertencer a uma linhagem de santos, e traçar seu pedigree de um pastor para outro pastor, todos eminentes na igreja de Deus, assim mesmo seus filhos ocupam exatamente a mesma posição pelo seu nascimento como ocupam os filhos dos outros; por isso precisam ser redimidos da maldição da lei pelo sangue precioso de Jesus, e precisam receber uma nova natureza pela obra do Espírito Santo. São favorecidos por serem colocados sob um treinamento piedoso, e ouvirem o evangelho; mas sua necessidade e sua pecaminosidade são as mesmas como há no resto da humanidade. Se você pensar nisso, verá o motivo pelo qual os filhos devem ser trazidos a Jesus Cristo — motivo pelo qual devem ser trazidos tão depressa quanto possível, nos braços de sua oração e fé naquele que tem poder para renová-los.

Tenho encontrado por vezes uma experiência espiritual mais profunda em crianças de 10 e 12 anos do que em muitas pessoas de 50 e 60 anos. Diz um velho provérbio que algumas crianças nasceram com barba. Alguns meninos são homenzinhos, e algumas meninas são mulheres idosas. Não meça a vida das pessoas pela sua idade. Conheci um garoto que, quando tinha 15 anos, muitas vezes ouviu cristãos de longos anos dizer: "O menino tem 60 anos; ele fala com tanto discernimento da verdade divina." Eu creio que esse jovem, aos 15 anos, sabia mesmo muito mais das coisas de Deus, e da luta da alma, do que pessoas à sua volta, fosse qual fosse sua idade. Não sei dizer por que é assim, mas sei que é, que alguns são velhos quando são novos, e alguns estão muito imaturos quando são velhos; alguns são sábios quando era de se esperar que fossem diferentes, e outros são muito tolos quando seria de se esperar que tivessem deixado sua tolice. Não fale da incapacidade de uma criança para o arrependimento! Já vi uma criança adormecer soluçando durante meses a fio sob um sentimento esmagador de pecado. Se quer conhecer um profundo, e amargo, e terrível medo da ira de Deus, deixe-me contar-lhe o que eu senti quando menino. Se quer conhecer a alegria no Senhor, muitas crianças já ficaram tão cheias dela quanto pôde caber em seu coraçãozinho. Se quer entender o que é fé em Jesus, você não deve olhar para aqueles que foram confundidos pelo jargão herético dos tempos, e sim para as preciosas crianças que acreditam em Jesus pela sua palavra, que creram nele, e amaram-no, e, portanto, sabem e têm certeza de que são salvos. A capacidade de crer se acha mais na criança do que no adulto. Nós nos tornamos menos capazes de fé, em vez de mais capazes: cada ano leva a mente não regenerada para mais longe de Deus, e a torna menos capaz de receber as coisas de Deus. Nenhum terreno está mais bem preparado para a boa semente do que aquele que ainda não foi pisado e endurecido como a estrada, nem ficou cheio de mato com espinhos. Também, em alguns casos, a criança ainda não aprendeu os enganos do orgulho, a mentira da ambição, as ilusões do mundanismo, os truques do comércio, os sofismas da filosofia; e por enquanto desfruta de uma vantagem sobre o adulto. Em todo caso, o novo nascimento é obra do Espírito Santo, e ele pode tão facilmente trabalhar sobre o jovem como sobre a idade madura.

Alguns, também, têm impedido as crianças porque se esquecem do valor da criança. O preço da alma não depende de quantos anos se tem. "Ah, é apenas uma criança." "Crianças são uma amolação." "Crianças estão sempre atrapalhando o caminho." Essa conversa é comum. Deus perdoe aqueles que desprezam os pequeninos! Será que alguém ficaria muito zangado se eu dissesse que vale mais salvar um menino do que um

homem? É misericórdia infinita da parte de Deus salvar aqueles que têm 70 anos; pois qual o bem que podem fazer agora com o enfado restante de sua vida? Quando chegamos a ter 50 ou 60 anos, estamos quase desgastados; e se passamos todos nossos dias moços com o diabo, o que fica para Deus? Mas há algo para ser realizado com esses queridos meninos e meninas. Se agora se rendem a Cristo poderão ter um dia longo, feliz e santo pela frente no qual podem servir a Deus de todo coração. Quem sabe que glória Deus pode receber deles? Terras pagãs poderão chamá-los bem-aventurados. Nações inteiras poderão ser iluminadas por eles. Se um mestre famoso costumava tirar o chapéu para seus alunos porque não sabia se um deles poderia vir a ser um primeiro-ministro, nós podemos com justiça olhar para as crianças convertidas, pois não sabemos daqui a quanto tempo estarão entre os anjos, ou com que grandeza sua luz brilhará entre os homens. Avaliemos as crianças no seu valor verdadeiro, e não os impediremos, mas estaremos ansiosos por levá-los a Jesus imediatamente.

Em proporção à nossa própria espiritualidade da mente, e em proporção à nossa própria atitude de coração, igual à da criança, nós estaremos à vontade com crianças; e a par de seus temores e suas esperanças, sua fé nascedoura e seu amor desabrochante. Convivendo com os convertidos juvenis, parecerá estarmos num jardim de flores, num vinhedo onde as uvas tenras são perfumadas.

Capítulo 4: O pastor das crianças

Simão Pedro não era galês, mas tinha muito do que chamamos de fogo galês dentro de si. Era exatamente o tipo de homem que a criançada achava interessante. As crianças acham o máximo reunir-se em volta de um fogo, seja na lareira ou no coração. Certas pessoas parecem ser formadas de gelo, e dessas crianças logo fogem: as congregações ou classes se tornam menores a cada domingo quando criaturas frias e insensíveis têm a autoridade sobre eles. Mas quando um homem ou mulher tem um coração bondoso, as crianças parecem se reunir prontamente, como moscas em dias de outono se agregam num muro quente ensolarado. Por isso, Jesus diz a Simão, o de coração caloroso: "Cuide de meus cordeiros." Ele é o homem para a posição.

Simão Pedro era, além disso, um homem experimentado. Conheceu sua própria fraqueza; tinha sentido as pontadas de consciência; tinha pecado muito e sido muito perdoado, e agora foi levado em terna humildade a confessar o amor e amabilidade de Jesus. Queremos homens e mulheres experimentados para falar com crianças convertidas, e para contar-lhes o que o Senhor já fez por eles, e quais foram seus perigos, seus pecados, suas tristezas e seus consolos. Os novos se alegram ao ouvir a história daqueles que já foram mais longe na estrada do que eles. Posso dizer dos santos experimentados: seus lábios guardam conhecimento. A experiência contada com amor é alimento apropriado para jovens crentes, instrução que o Senhor certamente abençoará na nutrição deles na graça.

Simão Pedro era agora um grande devedor. Devia muito a Jesus Cristo, de acordo com aquela regra do reino — ama muito aquele a quem muito foi perdoado. Ah, você que nunca entrou nesse trabalho para Cristo, mas realmente poderia fazê-lo bem, apresente-se imediatamente e diga: "Eu deixei esse trabalho para mãos mais jovens, mas não farei mais isso. Eu tenho experiência e confio que ainda tenha um coração quente em meu peito. Irei e me unirei a esses trabalhadores que estão ocupados com a alimentação dos cordeiros em nome do Senhor."

Quando o Senhor chama um homem para um trabalho, ele lhe dá o preparo necessário para isso. Como Pedro foi preparado para alimentar os cordeiros de Cristo? Primeiro, *sendo alimentado ele mesmo*. O Senhor lhe deu uma alimentação antes de lhe dar uma comissão. Você não pode alimentar cordeiros, nem ovelhas, a não ser que tenha sido alimentado. É muito certo você estar ocupado instruindo em grande parte do dia do Senhor; mas um professor é muito insensato se não for ouvir o evangelho pregado e receber uma refeição para sua própria alma. Primeiro, deve ser alimentado e depois alimentar.

Mas Pedro foi especialmente preparado para alimentar os cordeiros por *estar com seu Mestre.* Ele nunca haveria de esquecer aquela manhã e todos os detalhes que aconteceram. Foi a voz de Cristo que ele ouviu; foi o olhar de Cristo que o atingiu no coração; ele respirou o ar que envolveu o Senhor ressuscitado, e essa comunhão com Jesus perfumou o coração de Pedro e afinou a sua fala para que pudesse sair e alimentar os cordeiros. Eu lhes recomendo o estudo de livros instrutivos, mas, sobretudo, lhes recomendo o estudo de Cristo. Que ele seja sua biblioteca. Chegue pertinho de Jesus. Uma hora de comunhão com Jesus é o melhor preparo para lecionar os novos ou os velhos.

Pedro também foi preparado de um modo mais doloroso do que esse, isto é, pelo auto-exame. A pergunta lhe veio três vezes seguidas: "Simão, filho de Jonas, tu me amas? Tu me amas? Tu me amas?" Muitas vezes, o recipiente precisa de ser areado com auto-exame antes que o Senhor possa usá-lo adequadamente para levar a água viva a sedentos. Nunca faz mal a um homem de coração sincero examinar seu próprio espírito, e ser sondado e experimentado por seu Senhor. É o hipócrita que teme a verdade que testa sua profissão; ele receia falas e meditações importunas; mas o homem genuíno quer saber com toda certeza que ele realmente ama Cristo, e por isso examina o seu interior e interroga e testa a si mesmo.

Esse exame deve ser exercitado principalmente com respeito ao nosso amor; pois o melhor preparo para ensinar os cordeiros de Cristo é o amor — amor por Jesus e por eles. Não podemos ser sacerdotes a seu favor a não ser que, como Arão, usemos seus nomes sobre nosso peito. Precisamos amar ou então não podemos abençoar. Ensinar é trabalho mal-feito quando o amor se vai; é como um ferreiro trabalhando sem fogo, ou um construtor sem argamassa. Um pastor que não ama suas ovelhas é um mercenário e não um pastor; fugirá na hora do perigo e deixará seu rebanho para o lobo. Quando não há amor não há vida; cordeiros vivos não podem ser alimentados por homens mortos. Pregamos e ensinamos o amor: nosso assunto é o amor de Deus em Cristo Jesus. Como podemos ensinar isso se nós não temos amor? Nosso alvo é criar amor no coração daqueles que ensinamos, e nutri-lo onde já existe; mas como podemos transmitir o fogo se não está aceso em nosso próprio coração? Como pode nutrir a chama aquele que tem mãos úmidas, gotejando de mundanismo e indiferença, de modo que age no coração da criança mais como um balde de água do que como uma chama de fogo? Esses cordeiros do rebanho vivem no amor de Cristo: não vão viver em nosso amor? Ele os chama seus cordeiros, e eles o são; será que nós não os amaremos por amor a ele? Foram escolhidos em amor; foram redimidos em amor; foram chamados em amor; foram lavados em amor; foram alimentados com amor, e serão guardados por amor até que cheguem aos pastos verdes do alto dos morros no céu. Você e eu estaremos fora de sintonia com o vasto maquinário do amor divino a não ser que nossa alma esteja cheia do zelo afetuoso para com o bem dos amados. O amor é o maior preparo para o ministério, quer seja

exercitado na congregação ou na classe. Ame, e depois alimente. Se você ama, alimente. Se não ama, então, aguarde até que o Senhor lhe tenha vivificado, e não use sua mão não santificada nesse trabalho sagrado.

Com os fracos do rebanho, com os novos convertidos do rebanho, com as criancinhas do rebanho, nossa principal atividade é alimentar. Cada sermão, cada lição, deverá ser um sermão que alimente, e uma lição que alimente. Pouco adianta ficar à frente de todos e bater na Bíblia e exclamar "Acredite, acredite, acredite!", quando ninguém sabe o que é para ser acreditado. Não vejo utilidade nenhuma em violinos e tamborins, pois nem cordeiros nem ovelhas podem ser nutridos com orquestras de instrumentos de metal. Deve haver doutrina, doutrina sólida, sadia, evangélica para ser alimento de verdade. Quando tiver um pernil na mesa, então, deve chamar todos para a refeição com a sineta; mas essa sineta não alimenta ninguém se a comida não for servida. Conseguir que as crianças se reúnam pela manhã e pela tarde é um desperdício dos pés delas e dos seus se você não colocar diante delas a verdade salvadora e sustentadora de almas. Alimente os cordeiros; você não precisa tocar flauta para eles, nem pôr guirlandas em seu pescoço; mas alimente-os.

Dar esse alimento é trabalho humilde, despretensioso, sem ostentação. Você conhece o nome de algum pastor de ovelhas? Posso até conhecer uma ou duas pessoas que seguem essa vocação, mas nunca ouvi ninguém falar deles como sendo grandes homens; seus nomes não estão nos jornais, nem ouvimos falar deles como profissionais que entram na justiça com uma queixa, reivindicando leis para que sejam notados. Os pastores são geralmente pessoas quietas, discretas. Ao vermos um pastor, não percebemos diferença entre ele e um lavrador. Ele caminha sem reclamar durante todo o inverno e, no começo da primavera, não descansa nem de dia nem de noite porque os carneirinhos precisam dele; isso acontece ano após ano, mas ele nunca ganhará uma "insígnia imperial", nem será elevado à nobreza, embora possa ter feito um trabalho bem mais útil do que aqueles que entram flutuando para altos postos sobre seus próprios barris de chopes. Então, no caso de muito professor fiel de criancinhas, ouve-se pouco sobre ele, mas ele faz uma grande obra pela qual os tempos futuros o chamarão de bem-aventurado. Seu Mestre conhece tudo a seu respeito, e naquele dia futuro ouviremos falar dele; talvez não antes.

É *trabalho cuidadoso*, também, alimentar os cordeiros, pois eles não podem comer qualquer coisa, especialmente os cordeiros de Cristo. É perigoso transmitir um ensino ruim que quase envenena os pequenos crentes. Se os homens devem dar atenção ao que ouvem, devemos cuidar mais daquilo que nós ensinamos. É um trabalho cuidadoso alimentar cada cordeiro separadamente, e ensinar a cada criança a verdade que ela está mais apta a receber.

Além disso, é trabalho contínuo. "Alimente meus cordeiros" não é uma tarefa para uma temporada, e sim para sempre. Os cordeiros não poderiam viver se o pastor só lhes alimentasse uma vez por semana. Creio que morreriam entre um domingo e outro; portanto, os bons professores dos jovenzinhos cuidam deles todos os dias da semana conforme têm oportunidade, e cuidam de suas almas com oração e exemplo santo quando não os estão ensinando com a palavra falada. O pastoreio de carneirinhos é trabalho de todo dia, toda hora. Quando o trabalho de um pastor termina? Quantas horas por dia ele trabalha? Ele lhe dirá que no tempo em que as ovelhas dão cria ele nunca termina. Ele dorme quando pode e logo desperta para agir. É assim com aqueles que

alimentam os cordeiros de Cristo; eles não descansam até que Deus salve e santifique seus caros cordeirinhos.

É também um trabalho árduo, e quem não se empenha nele terá uma conta terrível a acertar. Você pensa que a vida de um ministro é fácil? Eu lhe digo que aquele que a torna fácil, a achará bastante dura quando chegar a morte. Nada deixa um homem mais cansado do que o cuidado de almas; assim é em parte com todos que ensinam — não podem fazê-lo bem sem se entregar. A pessoa precisa estudar a lição; precisa trazer algo com carinho para sua classe: precisa instruir-se. Muitas vezes, somos bastante pressionados para encontrar assunto, e queremos saber como vamos conseguir passar pelo próximo dia do Senhor. Ninguém ousa correr para sua classe despreparado e oferecer ao Senhor aquilo que não lhe custou nada. Precisa haver trabalho se o alimento deve ser colocado sabiamente diante dos cordeiros, para que possam recebê-lo.

E tudo isso tem de ser feito com um espírito excelente; o verdadeiro pastor é uma amálgama de muitas graças preciosas. Ele é caloroso com zelo, mas não é inflamado com paixão; é bondoso, contudo, governa sua classe; ele é amoroso, mas não fecha os olhos numa piscada ao pecado; tem poder sobre os cordeiros, mas não é imperioso nem sarcástico; tem bom humor, mas não frivolidade; liberdade, mas não licenciosidade; seriedade, mas não cara fechada. Quem cuida dos cordeiros também deve ser um cordeiro; e bendito seja Deus, há um cordeiro diante do trono que cuida de todos nós, e que faz isso com mais eficácia porque ele é em todas as coisas feito como nós. O espírito pastoral é um dom raro e inestimável. Um pastor bem-sucedido ou um mestre bem-sucedido em uma escola revelará ter características especiais que o distinguem de seus pares. Um pássaro que está sentado sobre seus ovinhos, ou quando as avezinhas acabam de sair da casca, tem ali um espírito maternal, de modo que dedica toda sua vida à alimentação dos pequeninos; outros pássaros podem estar achando prazer no vôo, mas este passarinho se senta quietinho durante todo o dia e a noite e então seus únicos vôos são para providenciar alimento para os bicos abertos que parecem nunca se fartar. Uma paixão tomou conta do pássaro; e algo assim acontece com o verdadeiro ganhador de almas — ele morreria alegremente para ganhar almas; ele se consome, suplica, labuta para abençoar aqueles nos quais pôs seu coração. Se esses podem pelo menos ser salvos, ele empenharia a metade de seu céu por isso; sim, e às vezes em momentos de entusiasmo ele está disposto a trocar o céu completamente por almas ganhas e, como Paulo, poderia se desejar maldito, apenas para que eles fossem salvos. Muitos podem não entender essa bendita extravagância porque nunca a sentiram; possa o Espírito Santo trabalhar isso em nós para que atuemos como pastores verdadeiros pelos cordeiros. Este, então, é o trabalho: "Alimente meus cordeiros".

Nota do editor

O próximo capítulo traz uma certa surpresa, dentro do argumento geral do livro que tanto enfatiza a necessidade de se compartilhar do evangelho com crianças, isto é, que "as crianças que morrem na infância são salvas pela eleição da graça." Ainda que muitos tenham grande simpatia por essa idéia de salvação de crianças que morrem na infância, é necessário dizer que esta é uma doutrina obscura, sem fundamentos bíblicos.

É importante notar que a Bíblia diz que todos, sem exceção, já nascem condenados pelo pecado, portanto, todos são passíveis de morte (Rm 5.12ss). "Pois o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). A única solução que temos para resolver este problema de inimizade contra Deus é Jesus Cristo, pela fé, sem qualquer mérito de nossa parte (Rm 12.23, Ef 2.8-9). Jesus é "o caminho, a verdade e a vida." Ninguém vai ao Pai, a não ser por ele (Jo 14.6). Se existissem outros caminhos, então Jesus não precisaria ter

sofrido na cruz. Por isso, não podemos criar caminhos alternativos, porque isso inutilizaria a obra substitutiva da cruz. Isso não faz de Deus um ser cruel nem injusto. Mas demonstra claramente a seriedade do pecado e sua necessidade de condenação. Mais uma boa razão e urgência para proclamarmos as Boas Novas do Evangelho.

É sem sombra de dúvida que morte de crianças na infância ou de pessoas com doenças mentais apresenta para muitos de nós um grande paradoxo. Nem por isso, nos é dada a liberdade de recorrermos a idéias contrarias à Bíblia para apaziguarmos nossas consciências. O fato é que nascemos já condenados, por causa do pecado original, e a salvação é um ato gracioso de Deus, pela fé em Cristo, totalmente imerecido da nossa parte. Além do mais, a incoerência dessa doutrina levaria os cristãos a darem glória a Deus, quando os índices de imortalidade infantil demonstrassem crescimento, uma vez que as crianças estão salvas mesmo, o que é um verdadeiro absurdo.

Por fim, Spurgeon ainda assim tem a seu favor o fato de que ele acredita que essas crianças foram salvas pela graça soberana e livre de Deus (p. 41); não foi nem por inocência natural, nem por falta de pecado, pois compartilham da mesma natureza decaída de Adão (p. 41). E se foram salvas, foi pela justiça imputada de Cristo, não delas próprias. Ou seja, ao contrário de muitos e por mais contraditório e errado que seja seu argumento, ele ainda afirma que todos, indiscriminadamente, precisam depender da justiça de Jesus Cristo, da regeneração do Espírito e da graça e amor de Deus, se querem herdar a vida eterna.

Capítulo 5: Dos tais é o reino do céu

Nosso Senhor conta aos discípulos que o evangelho estabelece um reino. Será que já existiu um reino sem crianças? Nesse caso, como poderia crescer? Jesus nos diz que as crianças são admitidas no reino; não que alguns poucos sejam aqui e ali admitidos nele, mas "dos tais é o reino de Deus". Não me inclino a fugir do sentido claro dessa expressão, nem a sugerir que ele meramente diga que o reino consiste daqueles que são como crianças. É claro que ele apontava tais crianças como aquelas que estavam na frente dele--bebês e crianças pequenas--"dos tais é o reino de Deus". Há crianças em todos os reinos, e há crianças no reino de Cristo; e não garanto que João Newton não tenha tido razão quando disse que a maioria das pessoas que estão agora no reino de Deus é criança. Quando penso em todas as multidões de bebês que morreram, que agora estão apinhando as ruas do céu, parece-me uma idéia bendita que, embora muitas gerações de adultos tenham morrido na incredulidade e rebelião, um número grande de crianças passa subindo ao céu, salvas pela graça de Deus, através da morte de Cristo, para cantar os altos louvores do Senhor para sempre diante do trono eterno. "Dos tais é o reino do céu". Isso dá um tom e um caráter ao reino; é mais um reino de crianças do que de homens feitos.

Nosso Senhor nos diz que o meio de entrar no reino é recebendo. "Quem não receber o reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele." Nós não entramos no reino de Deus resolvendo algum problema profundo e chegando à sua solução; nem extraindo de dentro de nós alguma coisa, mas sim, recebendo algo secreto para dentro de nós. Entramos no reino por meio do reino entrar em nós: ele nos recebe uma vez que o recebemos. Ora, se essa entrada no reino dependesse de algo ser extraído da mente humana através de estudo e pensamento profundo, então, poucas crianças poderiam entrar nele; porém, essa entrada depende de algo ser recebido, portanto, as crianças podem entrar. As crianças que já têm idade para pecar, e serem salvas pela fé, precisam escutar o evangelho e recebê-lo pela fé: e elas podem fazer isso, com Deus, o Espírito Santo as ajudando. Não há dúvida sobre isso porque muitos já o fizeram. As crianças são capazes de receber o conhecimento de Cristo muito mais cedo do que se imagina; temos visto e conhecido crianças que deram abundante prova de que receberam Cristo e creram nele com poucos anos de idade. Algumas morreram triunfantemente, e outras

viveram graciosamente, e algumas estão aqui agora, crescidas para serem homens e mulheres que são honrosos membros da igreja.

Nós sabemos que infantes entram no reino, pois estamos convencidos de que todos da nossa raça humana que morrem na infância são incluídos na eleição da graça e participam da redenção efetuada por nosso Senhor Jesus. Seja o que for que alguns pensam, todo o espírito e tom da Palavra de Deus, bem como a natureza do Próprio Deus, levam-nos a crer que todos os que deixam este mundo como bebês são salvos. Ora, como é que eles recebem o reino, pois de igual modo nós precisamos recebê-lo? Certamente, as crianças não o recebem por nascimento ou sangue, pois nós somos avisados pelo evangelho de João que os filhos de Deus são nascidos não de sangue nem da vontade da carne. Todo privilégio de descendência agora é abolido, e nenhum bebê entra no céu porque nasceu de pais piedosos e também nenhum será barrado por seus progenitores terem sido ateus ou idólatras. Parece-nos que o filho de um maometano, ou de um papista, budista, canibal, morrendo na infância, é tão seguramente salvo como o filho do cristão. Salvação por sangue ou nascimento não pode haver, porque a dispensação do evangelho não o admite: se salvos, como nós seguramente cremos que são, as crianças devem ser salvas simplesmente segundo a vontade e o prazer de Deus porque ele os fez para serem seus.

As crianças que morrem na infância na China e no Japão são tão verdadeiramente salvas como as que morrem na Inglaterra ou Escócia. Bebês de mães morenas, ou nascidos numa aldeia africana ou na barraca cônica do índio americano, todos são igualmente salvos, e, portanto, não são salvos por qualquer rito exterior, nem pelo poder místico de um sacerdócio. São elevados ao reino do céu pela graça soberana e livre de Deus. Como são salvos, então? Por obras? Não, pois nunca fizeram nenhuma. Pela sua inocência natural? Não; pois se essa inocência pudesse lhes ter admitido no céu, também teria bastado para salvá-las de dor e morte. Se não há pecado sobre elas, como é que puderam sofrer? O pecado imputado que as faz morrer impede-nos de crer que elas reivindicaram o céu por direito de inocência. Elas morreram por causa da queda de Adão. Triste conseqüência por terem nascido de pais decaídos. Note seus olhares de apelo quando os pequeninos olham para cima em seu sofrimento como se quisessem perguntar por que precisam suportar tanta dor. A angústia do pequenino moribundo é uma prova da queda de Adão, e de sua participação no resultado dela. Os pobrezinhos vivem novamente, no entanto, porque Jesus morreu e reviveu, e eles estão nele. Perecem, quanto a essa vida, por um pecado que não cometeram; mas também vivem eternamente por uma justiça da qual não participaram, a própria justiça de Jesus Cristo, que os redimiu. Pouco sabemos sobre isso, mas supomos que passaram por uma regeneração antes de entrarem no céu, pois o que nasce da carne é carne, e para entrar no mundo espiritual eles precisam ser nascidos do Espírito. Mas o que quer que tenha se operado neles, é claro que eles não entram no reino pela força do intelecto, da vontade ou do mérito, e sim por resultado da livre graça, não tendo referência a nada que tenham feito ou sentido. Da mesma maneira, você precisa passar para o reino inteiramente pela livre graça, e não por qualquer poder ou mérito próprio. Você entrará no céu tão plenamente pela graça como se nunca tivesse vivido uma vida piedosa, nem praticado uma só virtude.

Agora temos que pensar em outra sorte de crianças, aquelas que viveram mais do que o tempo da infância e se tornaram crianças capazes de verdadeiro pecado, e de conhecer Cristo e serem convertidas. Muitas dessas crianças entram no reino pela fé. Como essas crianças recebem o reino do céu, nós precisamos recebê-las. E como as crianças o

recebem? Uma criança recebe o evangelho com humildade, com fé simples e com desapego às coisas mundanas. As crianças não nos são mostradas como um exemplo em todas as coisas, pois elas têm faltas que nós devemos evitar, mas são aqui louvadas pelo modo como recebem o reino. E como uma criança o recebe? Primeiro, com humildade. Ela é suficientemente humilde para não ter preconceito. Conte para uma criança pequena a respeito de Jesus Cristo, o Salvador, e se Deus abençoar o contar da história da cruz, e ela acreditar na história, ela a recebe sem ter pontos de vista e noções erradas para revidar. Muitos adultos ouvem o evangelho com a idéia de que Cristo é meramente um homem; não conseguem livrar sua mente desse preconceito, e por isso não recebem Jesus Cristo, o Senhor. Outro ouve a palavra com a lembrança de tudo que ouviu e leu sobre infidelidade, heresia e imprecações. Como pode ele aproveitar até que isso seja removido? Outro vem com a mente estufada com justiça própria e orgulho, com crença em poder sacerdotal, ou dependência de alguma ordem formal ou rito religioso. Se pudéssemos tirar as travas da alma, haveria alguma esperança, mas tudo isso é empecilho. Ora, a querida criança, quando escuta a história do amor de Deus em Cristo Jesus não tem nenhum desses preconceitos para atrapalhar o que ouve. Muito provavelmente nem sabe que tais males foram inventados pelo homem, e é abençoado em sua ignorância dessas coisas. Descobrirá o mal sem dúvida já cedo demais; mas por enquanto ela bebe a palavra humildemente, e ora:

Meigo Jesus, manso e suave,
Eu sou pequeno! Olhe-me.
Simples sou, tenha piedade
E deixe que eu me chegue a ti.

Ora, esse livramento de noções preconcebidas é algo de que nós precisamos muito. Assim como seus filhos precisam crer, também você precisa. Só há um caminho para o pastor e o sábio, o filósofo e o camponês. A criancinha recebe Cristo humildemente, pois nunca sonha com mérito ou compra. Não me recordo de ter algum dia encontrado uma criança que tivesse de batalhar contra a justiça própria na hora de vir a Cristo.

Capítulo 6: Como uma criancinha (Lucas 18.17)

Quando nosso Senhor abençoou as crianças, ele estava fazendo sua última viagem a Jerusalém. Foi, portanto, uma bênção de despedida o que ele deu aos pequenos, e dentre suas últimas palavras a seus discípulos, antes de ser levado para o céu, nós encontramos a ordem terna: "Cuide dos meus cordeiros." A paixão reinante estava forte sobre o grande Pastor de Israel, que "Com o braço ajunta os cordeiros e os carrega no colo"; e foi apropriado que, enquanto fazia sua viagem de despedida, abençoasse com sua graça as crianças.

Nosso Senhor Jesus Cristo não está entre nós em pessoa, mas nós sabemos onde ele está, e sabemos que ele é investido de todo o poder no céu e na Terra para abençoar seu povo; acheguemo-nos, então, a ele. Vamos buscar que ele nos toque na forma de comunhão, e vamos pedir o auxílio de sua intercessão; vamos incluir outras pessoas em nossas orações e, dentre elas, vamos dar a nossas crianças, a todas as crianças, um lugar proeminente. Conhecemos mais sobre Jesus do que as mulheres da Palestina conheciam; estejamos nós, então, mais ansiosos ainda do que elas para levar nossas

crianças a ele para que as abençoe, e para que sejam aceitas nele, assim como nós mesmos somos. Jesus aguarda abençoar. Ele não mudou no caráter, nem empobreceu na graça; pois assim como ele ainda recebe pecadores, assim também ele ainda abençoa crianças; e que nenhum de nós se contente, quer sejamos pais ou professores, antes de ele ter recebido nossas crianças, e as ter abençoado de tal modo que tenhamos certeza de que elas entraram no reino de Deus.

Nosso Salvador, quando viu que seus discípulos não estavam só com um pé atrás para deixar as crianças chegarem até ele, mas que repreenderam aqueles que as levavam, ficou muito descontente, e chamou-as para si para que as pudesse ensinar melhor. Então, informou que, em lugar das crianças serem vistas como intrusas, eram bem-vindas a ele; e em lugar de serem intrusas, tinham pleno direito de acesso, pois o seu reino era composto de crianças e de pessoas com espírito de criança. E mais, declarou que ninguém pode entrar naquele reino a não ser como as crianças entram. Ele falou com certeza divina, usando o seu expressivo "Em verdade vos digo" (ara) ou "Digo-lhes a verdade" (nvi), em que há o peso de sua autoridade pessoal: "Eu vos digo." Essas expressões de introdução visam apontar nossa reverente atenção ao fato de que, longe da admissão de crianças ao reino ser incomum ou estranha, ninguém pode achar entrada ali a não ser que receba o evangelho como uma criança pequena o recebe.

É até óbvio que os discípulos pensassem que as crianças eram insignificantes demais para ocuparem o tempo do Senhor. Se tivesse sido um príncipe que quisesse chegar a Jesus, sem dúvida, Pedro e os outros teriam se movimentado para lhe conseguir uma apresentação; mas, vejam, eram mulheres pobres, com bebês, e meninos, e meninas. Se tivesse sido uma pessoa comum como eles, não os teriam impedido com repreensões. Mas meras crianças! Bebês nem desma-mados e criancinhas! Ficava mal estarem se intrometendo com o grande Mestre. Uma palavra é usada com respeito aos candidatos infantis que pode significar crianças de qualquer idade, desde os bebês que mamam até as crianças de 12 anos; certamente Jesus tinha suficiente preocupação sem a intrusão desses juvenis. Ele tinha os mais altos assuntos em que pensar, e cuidados mais sérios. As menores eram tão pequeninas, com certeza estavam bem longe das atenções dele - assim os discípulos pensavam em seus corações.

Mas se for questão de insignificância, quem pode esperar obter a atenção divina? Se pensamos que as crianças devem ser pequenas à sua vista, o que somos nós? Ele vê as ilhas como coisas muito pequenas; os habitantes da Terra são como gafanhotos; sim, somos todos como coisas que nada são. Se fôssemos humildes, diríamos: "Senhor, que é o homem para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes?" (Sl 8.4). Se imaginamos que o Senhor não notará o pequeno e insignificante, o que achamos nós de um texto como este: "Não se vendem dois pardais por uma moedinha? Contudo, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês" (Mt 10.29). Deus cuida de pardais e não cuidará de criancinhas? A idéia de insigni-ficância deve ser afastada imediatamente. "Embora esteja nas alturas, o Senhor olha para os humildes" (Sl 138.6).

Mas será que as criancinhas são tão insignificantes? Elas não povoam o céu? A sua convicção não é essa? A minha é - que eles constituem uma parte considerável da população dos céus. Multidões de pés infantis estão pisando as ruas da Nova Jerusalém. Tirados do peito antes que tivessem cometido qualquer pecado real, livrados da peregrinação árdua da vida, eles contemplam sempre a face de nosso Pai que está no

céu. "Dos tais é o reino de Deus." Você chama esses pequenos de insignificantes? Os pequeninos, os mais numerosos no exército dos eleitos, você ousa desprezá-los? Eu poderia trocar as coisas, e chamar os adultos de insigni-ficantes, entre os quais não se pode achar mais do que um pequeno remanescente que serve ao Senhor. Além disso, muitas crianças são poupadas para crescerem à situação de homem, e por isso nós precisamos não achar uma criança insignificante. Ele é o pai do homem. Nele há grandes possibilidades e capacidades. Sua virilidade está ainda por se desenvolver, mas está lá, e aquele que a menospreza prejudica o homem. Aquele que põe uma tentação na mente de um menino pode destruir a alma de um homem.

Um erro mínimo injetado no ouvido de um jovem pode se tornar mortal no homem quando o veneno lento tiver tocado por fim uma parte vital. Mato semeado nos sulcos da infância crescerá com o crescer do jovem, amadurecerá na sua plenitude, e só se deteriorará como uma triste corrupção quando ele próprio decai. Por outro lado, uma verdade que cai no coração de uma criança ali frutificará, e sua idade adulta verá o fruto dela. Aquela criança que escuta na aula a voz suave de seu professor ou de sua professora pode ao se desenvolver tornar-se um Lutero e sacudir o mundo com sua veemente proclamação da verdade. Quem dentre nós poderá dizer? Em todo caso, com a verdade em seu coração, o menino crescerá para honrar e temer o Senhor, e assim ajudará a manter viva a semente piedosa nesses dias ruins. Portanto, que nenhum homem despreze os mais jovens, ou pense que são insignificantes. Eu reivindico um lugar na frente para eles. Peço que, se outros são mantidos para trás, que a própria fraqueza de quem faz isso possa abrir lugar para as crianças, lugar para os meninos e as meninas!

Suponho que esses apóstolos adultos acharam que a mente das crianças eram insignificantes demais. Elas estão brincando e rindo; acharão ser só mais um passatempo ser recebidas nos abraços de Jesus; será divertido para elas, e não terão idéia nenhuma da solenidade de sua posição. Insignificante, então? Critica-se que as crianças são frívolas! E vocês não são também frívolos? Se há um exame sobre a questão de frivolidades, quem são os maiores frívolos, as crianças ou os homens e as mulheres de idade adulta? O que é mais frívolo do que um homem viver pelo divertimento de prazeres sensuais, ou a mulher viver para se vestir e desperdiçar seu tempo na sociedade? Ora, mais ainda, o que é o acúmulo de riqueza por amor à riqueza a não ser uma frivolidade miserável? Será que é brincadeira de criança, mas sem o divertimento?!

A maioria dos homens é frívola numa escala maior do que as crianças, e essa é a diferença principal. As crianças quando são frívolas brincam com coisas pequenas - seus brinquedos são tão quebráveis! Não são mesmo feitos de propósito para servirem de passatempo e serem quebrados? A criança com seus passatempos está fazendo o que deve. Mas, tristemente, eu conheço homens e mulheres que brincam frivolamente com suas almas, com o céu e o inferno e a eternidade; brincam com a Palavra de Deus, brincam com o Filho de Deus, brincam com o próprio Deus! Não acuse as crianças de serem frívolas, porque seus joguinhos muitas vezes têm outro tanto de sinceridade e são tão úteis quanto as atividades de homens. A metade dos concílios de nossos senadores e os debates de nossos parla-mentares são piores do que brincadeira de crianças. O jogo de guerra é uma tolice muitíssimo maior do que as mais frívolas brincadeiras de crianças. As crianças grandes são piores para frivolidades do que as pequenas quando o mundo todo está absorto em coisas frívolas.

"Sim", dizem eles, "mas se deixássemos as crianças chegarem a Cristo, e se ele as abençoasse, elas logo se esque-ceriam disso. Por mais amoroso que fosse o olhar dele e espirituais as suas palavras, voltariam a suas brincadeiras, e suas fracas memórias não guardariam traço nenhum disso". Essa objeção nós enfrentamos da mesma maneira que as outras. Os homens não esquecem? Que geração esquecida é essa para a qual a maioria dos pregadores prega! Na verdade, esta é uma geração como aquela sobre a qual Isaías disse: "Ordem sobre ordem, ordem sobre ordem; regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali" (Is 28.10). Que pena! Muitos necessitam que o evangelho lhes seja pregado outra e outra e mais outra vez, até que o pregador esteja quase extenuado com sua tarefa desesperançada; pois são como homens que vêem seu rosto num espelho, e seguem seu caminho para esquecer que tipo de homens são. Vivem em pecado ainda. A Palavra não tem lugar para habitar em seu coração. Esquecimento! Não faça essa acusação contra as crianças para que ela não seja provada contra vocês.

Mas será que os pequenos esquecem? Eu acho que os acontecimentos dos quais mais lembramos na idade avançada são os que nos aconteceram em nossos primeiros tempos. Já dei a mão para homens grisalhos que já esqueceram quase todos os acontecimentos que intervieram entre sua idade avançada e o tempo de sua infância, mas pequenas coisas que se deram em casa, hinos aprendidos ao pé de sua mãe, e palavras ditas por seu pai ou sua irmã, ficaram com eles. As vozes da infância ecoam durante toda a vida. O que foi aprendido primeiro é, em geral, a última coisa a ser esquecida. Aquelas crianças teriam o rosto de Jesus gravado em seu coração, e nunca se esqueceriam de seu sorriso bondoso e terno. Pedro, Tiago e João, e o restante de vocês, estão enganados, e por isso precisam deixar as crianças virem a Jesus.

Talvez, também, eles tenham achado que as crianças não tinham capacidade suficiente. Jesus Cristo disse coisas tão maravilhosas que se pensava que as crianças não tivessem capacidade de recebê-las. Contudo, na verdade, esse é um grande erro, pois as crianças entram prontamente no sentido do ensino do nosso Senhor. Nunca aprendem a ler tão rapidamente de nenhum livro como do Novo Testamento. As palavras de Jesus são tão simples e adequadas às crianças que elas as absorvem melhor do que as palavras de qualquer outro homem, por mais simples que ele esteja tentando ser. As crianças compreendem prontamente a criança Jesus. O que é essa questão de capacidade? Que capacidade falta? Capacidade de crer? Eu lhes digo, as crianças têm mais disso do que pessoas adultas. Não falo agora da parte espiritual da fé, mas quanto à faculdade mental, há qualquer quantidade da capacidade de fé no coração de uma criança. Sua capacidade de crer não foi ainda sobrecarregada com superstição, nem pervertida com mentiras, nem mutilada com descrença. É só deixar o Espírito Santo consagrar a habilidade, e há bastante dela para a produção de fé abundante em Deus.

A respeito de que as crianças são deficientes em capacidade? Falta-lhes capacidade de arrependimento? Certamente não; será que eu não vi uma menina chorar até ficar doente por ter feito algo mau? Uma consciência sensível em muitos garotinhos já os têm enchido de tristeza indizível quando tomaram consciência de uma falta. Será que alguns de nós não lembramos das flechas doídas de convicção de pecado que amolavam nosso coração quando éramos ainda crianças? Eu me lembro bem de uma vez que não pude descansar por causa de um pecado, e busquei o Senhor, enquanto ainda criança, com angústia amarga. As crianças têm capacidade suficiente para o arrependimento, com Deus o Espírito Santo trabalhando neles; isso não é conjectura, pois nós mesmos somos testemunhas vivas.

O que falta às crianças em matéria de capacidade? "Ora, elas não têm entendimento suficiente", diz alguém. Entendimento de quê? Se a religião de Jesus fosse a do pensamento moderno, se fosse algum sem-senso sublime que ninguém a não ser a classe dos cultos pudesse entender, então as crianças poderiam ser incapazes de compreender; mas se é mesmo o evangelho da Bíblia do leitor comum, então há poças rasas onde o menor carneirinho do aprisco de Jesus pode andar na água sem medo de ser derrubado pela correnteza. É verdade que nas Escrituras há grandes mistérios, em que os maiores podem mergulhar e não encontrar o fundo; mas o conhecimento dessas coisas profundas não é essencial para a salvação, ou poucos de nós estaríamos salvos. As coisas que são essenciais à salvação são tão simples que nenhuma criança precisa desistir por desespero de não entender as coisas que contribuem para sua paz. Cristo crucificado não é um enigma para os sábios, e sim uma verdade simples para pessoas simples: sim, é carne para os homens, mas é também leite para os bebês.

Você disse que as crianças não sabem amar? Essa, afinal, é uma das mais grandiosas partes da educação de um cristão. Você imaginou que as crianças não pudessem chegar lá? Não, você não disse isso, nem ousou pensá-lo, pois a capacidade de amar é maior numa criança. Bom seria se fosse sempre tão grande assim em nós!

Para resumir os pensamentos dos apóstolos em uma ou duas palavras: eles acharam que as crianças não deveriam aproximar-se de Cristo porque não eram como eles--não eram homens e mulheres feitos. Uma criança não era suficientemente grande, alta, crescida, importante, para ser abençoada por Jesus! Foi mais ou menos o que pensaram. A criança não deve chegar ao Mestre porque não é como o homem. Mas o Salvador bendito inverteu a situação e disse: "Não diga que a criança não pode vir ao Mestre porque não é como o homem, mas saiba que *você* não pode vir até que você seja como ela. Não há dificuldade no caminho da criança por ela não ser como você; a dificuldade está com você, que não é como a criança." Em vez de a criança precisar esperar até crescer e se tornar homem, é o homem que precisa decrescer e tornar-se criança. "Quem não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele." As palavras do Senhor são uma resposta completa e suficiente aos pensamentos dos discípulos, e que possa cada um de nós ao lê-las aprender sabedoria. Não digamos: "Ah, que minha criança se torne adulta como eu para que possa chegar a Cristo!", mas, ao contrário, que nós quase desejássemos ser criancinhas de novo, que conseguíssemos esquecer muito do que sabemos hoje, fôssemos lavados de hábitos e preconceitos, e pudéssemos começar de novo com o viço, a simplicidade e o entusiasmo de uma criança. Ao orarmos por meninice espiritual, a Bíblia coloca seu selo na oração, porque está escrito: "Ninguém pode ver o reino de Deus, se não nascer de novo", e outra vez, "A não ser que vocês se convertam e se tornem crianças, jamais entrarão no reino dos céus".

Ora, fico pensando se alguém ainda tem um pensamento como o dos discípulos no cérebro ou no coração? Será que alguém pensou alguma vez deste modo? Não me surpreenderia se pensassem. Espero que isso não seja tão comum como já foi, mas eu costumava ver em certos meios entre os velhos uma desconfiança profunda da piedade juvenil. Os anciãos abanavam a cabeça em desaprovação sobre a idéia de receber crianças como membros na igreja. Alguns até aventuravam falar nos convertidos como sendo "só uma porção de meninas e meninos" como se ficasse pior para eles com isso. Muitos, se ouvem falar numa criança convertida, ficam duvidando, a não ser que venha a morrer logo, e então crêem tudo a respeito dela. Se a criança vive, eles afiam as machadinhas para ter sua vez de atacá-la no exame. Ela precisa conhecer todas as

doutrinas, certamente, e precisa ser sobrenaturalmente séria. Não é todo adulto que conhece as mais altas doutrinas da Palavra, mas se o garoto não as conhece, é posto de lado.

Alguns esperam uma sabedoria quase infinita numa criança antes de conseguirem crer que ela é objeto da graça divina. Isso é monstruoso. Então, também, se uma criança crente age como criança, alguns dos pais da geração passada julgam que não pode estar convertida, como se a conversão em Cristo acrescentasse vinte anos à nossa idade. Naturalmente, o jovenzinho convertido não pode mais brincar, nem conversar em seu próprio estilo infantil, porque os mais velhos ficariam chocados; porque ficou mais ou menos entendido que logo que um menino fosse convertido, ele devia se tornar um velho. Nunca encontrei algo na Bíblia que apoiasse essa teoria; mas então a Escritura não foi tão procurada quanto foi o julgamento das pessoas tão profundamente experimentadas, e a opinião geral de que era bom deixar todos os convertidos passarem um verão e inverno antes de admiti-las nos recintos sagrados da igreja.

Ora, se qualquer um de vocês ainda tem na cabeça uma idéia hostil à conversão de crianças, tente livrar-se dela, pois é errada tanto quanto pode ser. Se houvesse dois candidatos à minha frente agora, uma criança e um homem, e eu recebesse de cada um o mesmo testemunho, eu não teria mais razão de desconfiar da criança do que do homem--o fato é que, se suspeita precisa entrar no caso, deve ser mais exercitada em direção ao adulto do que em referência à criança, pela probabilidade muito menor de ser culpado de hipocrisia do que o homem, e da probabilidade muito menor de ter copiado do outro as palavras e frases. De qualquer modo, aprenda com as palavras do Mestre que você não deve tentar fazer uma criança como você, mas você deve ser transformado até que se torne como uma criança.

Capítulo 7: Pastoreie os meus cordeiros

O motivo de pastorear, de alimentar os cordeiros era para o cordeiro pertencer ao Mestre, e não mais pertencer a si mesma. Se Pedro tivesse sido o primeiro papa de Roma, e tivesse sido como seus sucessores, o que de fato ele nunca foi, certamente teria cabido ao Senhor ter-lhe dito: "Pastoreie as *suas* ovelhas. Eu as entrego a você, ó Pedro, Vigário de Cristo na Terra." Não, não, não. Pedro deve alimentá-las, mas elas não são dele, são ainda de Cristo. O trabalho que vocês têm que fazer para Jesus, irmãos e irmãs, não é de modo nenhum para si mesmos. Sua classe não é de suas crianças, e sim de Cristo. A exortação que Paulo deu foi para "cuidar da igreja de Deus", e que o próprio Pedro escreveu em sua epístola: "Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir" (1Pe 5.2). Que esses cordeiros se tornem o que podem, a glória será do Mestre e não do servo, e todo o tempo gasto, o trabalho dispensado e a energia gasta serão em cada partícula para redundar em louvor dele de quem são esses cordeiros.

Contudo, enquanto isso é uma ocupação de abnegação, e honrada também, podemos cuidar dela sentindo que é uma das mais nobres formas de serviço. Jesus diz: "*Meus* cordeiros; *Minhas* ovelhas." Pense neles, e admire-se de Jesus tê-los entregue a nós. Pobre Pedro! Certamente, quando aquela refeição matinal começou, ele se sentia desajeitado. Eu me coloco no lugar dele e sei que mal poderia olhar para Jesus do outro lado da mesa, enquanto me lembrava de que eu o havia negado com imprecações e

maldições. Nosso Senhor quis deixar Pedro bem à vontade ao levá-lo a falar sobre seu amor, que tão seriamente fora colocado em dúvida. Como um bom médico, ele pôs o bisturi onde a ansiedade estava inflamada, e ele pergunta: "Você me ama?" (Jo 21.13ss).

Não era porque Jesus não conhecesse o amor de Pedro; mas para que Pedro soubesse com certeza e fizesse uma nova confissão, dizendo: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo." O Senhor estava prestes a ter uma discussão delicada com o errante por alguns minutos, para que nunca mais houvesse uma controvérsia entre ele e Pedro. Quando Pedro disse: "Sim, Senhor; tu sabes que te amo", você quase pensou que o Senhor responderia: "Oh, Pedro, e eu te amo"; mas ele não disse isso, embora tenha dito isso, sim.

Talvez Pedro não tenha entendido o que ele queria dizer; mas nós podemos entender porque nossa mente não está confusa como estava a de Pedro naquela manhã memorável. Em outras palavras, Jesus disse: "Eu te amo tanto que confio a você aquilo que eu comprei com o sangue de meu coração. A coisa mais preciosa que tenho em todo o mundo é o meu rebanho: veja, Simão, eu tenho tanta confiança em você, dependo inteiramente da sua integridade como sendo uma pessoa que me ama sinceramente, que eu lhe faço um pastor de meus cordeiros. São tudo que eu tenho na Terra, dei tudo por eles, até minha vida; e agora, Simão, filho de Jonas, cuide deles por mim." Ah, foi "falado bondosamente". Foi o grande coração de Cristo dizendo: "Pobre Pedro, entre já e compartilhe comigo os meus mais estimados protegidos." Jesus acreditou de tal modo na declaração de Pedro que não lhe disse isso com palavras, e sim com atos. Três vezes, ele o disse: "Cuide de meus cordeiros: pastoreie as minhas ovelhas, cuide das minhas ovelhas", para mostrar o quanto o amou. Quando o Senhor Jesus ama muito uma pessoa, ele lhe dá muito para fazer ou muito para sofrer.

Muitos de nós fomos apanhados como brasas da fogueira, pois fomos "inimigos de Deus por causa do mau procedimento"; e agora estamos na igreja entre seus amigos, e nosso Salvador confia em nós com os seus mais amados. Eu fico pensando, quando o filho pródigo voltou, e seu pai o recebeu, se quando chegou o dia da feira ele mandou seu filho mais novo ao mercado para vender o trigo e trazer para casa o dinheiro. A maioria de vocês teria dito: "Estou contente que o menino voltou; ao mesmo tempo, enviarei o irmão mais velho para negociar, pois ele sempre ficou do meu lado." Quanto à minha pessoa, o Senhor Jesus me recebeu como um pobre filho pródigo, e não se passaram muitas semanas antes de ele me colocar em confiança com o evangelho, esse o maior de todos os tesouros; e esse foi um grande sinal de amor. Não conheço nenhum que o exceda.

A comissão dada a Pedro provou como foi completa a cura da brecha, como o pecado foi totalmente perdoado, pois Jesus tomou o homem que tinha praguejado e jurado negando-o, e mandou que alimentasse seus cordeiros e ovelhas. Ah, trabalho bendito, não para si, e contudo para si! Aquele que se serve se perderá, mas aquele que se perde realmente se serve da melhor maneira possível.

A motivação-mestre de um bom pastor é o amor. É para pastorearmos os cordeiros de Cristo *por amor*. Primeiro, como prova de amor. "Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos." Se me amam, alimentem os meus cordeiros. Se você ama Cristo, mostre isso, e mostre-o fazendo o bem aos outros, desgastando-se para ajudar os outros, para que Jesus possa ter a alegria desses outros.

Em seguida, como um influxo de amor, "Pastoreie meus cordeiros", porque se você ama Cristo um pouco quando você começa a fazer o bem, logo você o amará mais. O amor cresce por ser ativamente exercitado. É como o braço do ferreiro que aumenta em força por manejar o martelo. O amor ama até que ama mais, e ama mais até que ama mais; e ainda ama mais até que ama mais de tudo, e então não está satisfeito, mas aspira um alargamento do coração para que possa copiar ainda mais plenamente o modelo perfeito de amor em Cristo Jesus, o Salvador.

Além de ser um influxo de amor, o alimentar de cordeiros é um escoadouro de amor. Quantas vezes contamos ao Senhor que nós o amamos quando estávamos pregando, e eu não duvido que vocês, professores, sentem mais do que prazer em amar a Jesus quando estão ocupados com suas aulas do que quando estão a sós em casa. Uma pessoa poderá voltar para casa, sentar-se e suspirar: "É um ponto que quero muito saber, que me faz pensar e não sei responder", e enxugar a testa e esfregar os olhos, e entrar num desânimo sem fim; mas se a pessoa se levanta e trabalha para Jesus, o ponto que ela tanto deseja saber logo estará resolvido, porque o amor virá jorrando do seu coração até que não possa mais questionar se está lá.

Portanto, permaneçamos nesse trabalho abençoado para Cristo para que o deleite do amor seja o próprio oceano em que o amor nadará, o sol em que se aquecerá. A recreação de uma alma amorosa é trabalhar por Jesus Cristo; e dentre as formas mais altas e mais deliciosas dessa recreação celeste está o cuidar de cristãos novinhos; procurando edificá-los no entendimento e na compreensão, para que se tornem fortes no Senhor.

Capítulo 8: A criança Timóteo e seus mestres

Hoje em dia, visto que o mundo contém, ai!, tão poucas mães sábias e avós cristãs, a igreja achou por bem suplementar a instrução do lar com ensino mantido sob sua asa protetora. As crianças que não têm tais pais, a igreja toma sob seu cuidado maternal. Vejo isso como uma abençoada instituição. Sou agradecido pelos muitos irmãos e irmãs nossos que dão seus domingos, e muitos deles uma boa parte de suas noites da semana também, para ensinar os filhos de outras pessoas, que de alguma forma vão se tornando também filhos deles. Procuram desempenhar as obrigações de pai e mãe, por amor a Deus, para as crianças que são negligenciadas por seus próprios pais, e nisso fazem bem. Que nenhum dos pais cristãos caia na ilusão de que a Escola Dominical vise aliviá-los de seus deveres pessoais. A condição primária e mais natural das coisas é que os pais cristãos eduquem suas próprias crianças no nutrimento e na admoestação do Senhor. Que as santas avós e graciosas mães, com seus esposos, cuidem que seus próprios meninos e meninas sejam bem ensinados no Livro do Senhor. Onde não há esses pais cristãos, devem intervir pessoas piedosas. É um trabalho cristão quando outros assumem o dever que os praticantes naturais deixaram de fazer. O Senhor Jesus olha com prazer para aqueles que alimentam seus cordeiros, e amamentam seus bebês; pois não é de sua vontade que nenhum desses pequenos pereça. Timóteo teve o grande privilégio de ser ensinado por aquelas cujo dever natural é esse; mas onde esse grande privilégio não pode ser desfrutado, que todos nós, conforme Deus nos ajudar, tentemos compensar para as crianças a terrível perda que sofrem. Adiantem-se, homens e mulheres sinceros, e santifiquem-se para esse trabalho feliz.

Observe o tema da instrução: "Desde criança você conhece as Sagradas Letras"--ele foi levado a tratar o livro de Deus com grande reverência. Coloco ênfase nessa palavra "*sagradas* Escrituras". Um dos primeiros objetivos da escola Dominical deve ser ensinar às crianças grande reverência por esses escritos santos, essas Escrituras inspiradas. Os judeus estimavam o Antigo Testamento além de todo preço; e embora infelizmente muitos deles tenham caído em uma reverência supersticiosa para com a carta e perdido o espírito da coisa, contudo devem ser louvados pela profunda estima que tinham pelos oráculos santos. Esse sentimento de reverência é necessário.

Eu me encontro com homens que têm pontos de vista estranhos, mas não me importo nem com a metade de seus pontos de vista, nem com a estranheza deles, tanto como com um certo quê que vejo por traz desse novo modo de pensar. Quando descubro isso, se provo que não são bíblicos seus pontos de vista, assim mesmo não lhes provei nada, pois eles não se importam com a Escritura; então eu descobri um princípio muito mais perigoso do que uma mera precipitação doutrinária. Essa indiferença para com a Bíblia é a maior maldição da igreja nesta hora presente. Podemos ser tolerantes de opiniões divergentes, contanto que percebamos uma intenção sincera de seguir o livro-estatutário. Mas se chega a isso, que o Livro em si é de pequena autoridade para você, então não precisamos dialogar mais: estamos em acampa-mentos diferentes, e quanto mais cedo reconhecermos isso, melhor para todas as partes envolvidas. Se vamos ter qualquer igreja de Deus na Terra, a Bíblia precisa ser vista como sagrada, e ser tratada com reverência. Essa Escritura foi dada por santa inspiração, e não é o resultado de mitos obscuros e tradições duvidosas; nem ela caiu até nós ao sabor do acaso, pela sobrevivência do mais apto, como um dos melhores livros. Precisa ser dada às nossas crianças, e aceita por nós, como sendo a revelação do Santíssimo Deus. Coloque bastante ênfase sobre isso; diga a seus filhos que a Palavra do Senhor é uma Palavra pura, "como prata purificada num forno de terra, sete vezes refinada". Faça com que sua estima pelo Livro de Deus seja levada ao mais alto ponto.

Observe que Timóteo foi ensinado, não só a reverenciar as coisas santas em geral, mas especialmente a conhecer as Escrituras. O ensino de sua mãe e sua avó foi o ensino da Escritura santa. Vamos supor que reunamos as crianças no dia do Senhor, e então passemos a diverti-las e fazer as horas passarem agradavelmente; ou que ensinemos como fazemos em dias da semana, os elementos de uma educação moral, o que fizemos? Nada digno do dia ou da igreja de Deus. Suponhamos que sejamos cuidadosos ao ensinar para as crianças as regras e os regulamentos de nossa própria igreja, e não as levemos às Escrituras; suponhamos que lhes damos um livro que seja visto como o padrão de nossa igreja, mas não nos firmamos na Bíblia, o que fizemos? Esse padrão pode ou não ser correto, e nós podemos, então, ter ensinado às crianças a verdade ou ter ensinado o erro, mas se ficamos na Bíblia sagrada não podemos nos desviar. Com esse padrão, sabemos que estamos certos. Esse Livro é a Palavra de Deus, e se a ensinamos, ensinamos aquilo que o Senhor aceitará e abençoará.

Ah, queridos professores--e falo aqui para mim mesmo também--, que nosso ensino seja cada vez mais bíblico! Não se preocupem se nossas classes esquecem o que nós dizemos, mas implore que eles se lembrem do que o Senhor diz. Possam as verdades divinas sobre o pecado, e a justiça e o julgamento vindouro, serem escritos no coração deles! Possam as verdades reveladas sobre o amor de Deus, a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, e a operação do Espírito Santo, nunca serem esquecidas por eles! Possam eles conhecer a virtude e a necessidade do sangue remidor de nosso Senhor, o poder de

sua ressurreição e a glória de sua segunda vinda! Possam as doutrinas da graça ser gravadas com a pena de ferro em sua mente, e ser escritas com a ponta de um diamante em seu coração para nunca serem apagadas! Se conseguirmos isso, não vivemos em vão. A geração que agora governa parece resolvida a apartar-se da verdade eterna de Deus; mas não nos desesperaremos se o evangelho for impresso na memória da raça que vem surgindo.

Mais uma vez sobre esse ponto: parece que o jovem Timóteo foi ensinado de tal modo quando ele era criança que o ensino foi eficaz. "Você *conhece* as Sagradas Letras", diz Paulo (2Tm 3.15a). Já é muita coisa dizer de uma criança que ela conhece as Escrituras, mas que "desde criança você conhece" é outra coisa. Você poderá dizer: "Eu ensinei as Escrituras para as crianças", mas que elas já as conhecem é bem outra coisa. Será que todos vocês que já cresceram conhecem as Escrituras? Temo que embora o conhecimento geral cresça, o conhecimento das Escrituras seja raro demais. Se fôssemos agora fazer um exame, temo que alguns de vocês dificilmente brilhariam nas listas finais. Mas eis aqui um garotinho que conhecia as Escrituras sagradas, isso significa dizer que ele tinha boa familiaridade com elas.

As crianças podem conseguir isso, não é de modo algum um feito impossível. Deus abençoando seus esforços, caros amigos, seus filhos poderão conhecer toda a Escritura que é necessária para sua salvação. Podem ter uma idéia tão clara do pecado como sua mãe tem; podem ter uma visão tão clara da expiação como sua avó pode ter; eles podem ter uma fé em Jesus tão distinta como qualquer de nós pode ter. As coisas que cooperam para nossa paz não requerem longa experiência para nos preparar para recebê-las; estão entre as simplicidades do pensamento. Pode correr quem as lê, e uma criança pode lê-las logo que pode correr. A opinião de que as crianças não podem receber a verdade toda do evangelho é um grande erro, pois sua condição de criança é uma ajuda em vez de um empecilho; os mais velhos precisam se tornar crianças pequenas antes de poderem entrar no reino. Dê um bom alicerce para as crianças. Que o trabalho da aula da Escola Dominical não seja deixado de lado, nem feito de qualquer jeito. Que as crianças conheçam as Escrituras Sagradas. Que a Bíblia seja consultada em vez de qualquer livro humano.

Esse trabalho foi estimulado por uma fé salvadora. As Escrituras não salvam, mas podem tornar um homem sábio para a salvação. As crianças podem conhecer as Escrituras e, contudo, não serem filhas de Deus. A fé em Jesus Cristo é aquela graça que traz salvação imediata. Muitas queridas crianças são chamadas por Deus tão cedo que não podem dizer precisamente quando é que foram convertidas; mas foram convertidas, devem, em alguma ocasião, ter passado da morte para a vida. Você poderia não saber dizer hoje de manhã, por observação, o momento em que o sol raiou, mas raiou; e houve uma hora que esteve abaixo do horizonte, e outra hora em que já tinha se levantado acima dele. O momento, quer o vejamos ou não, em que a criança é realmente salva, é quando ela crê no Senhor Jesus Cristo. Talvez por anos, Lóide e Eunice estivessem ensinando o Antigo Testamento a Timóteo, enquanto elas mesmas não conheciam o Senhor Jesus e, se foi assim, estavam ensinando o tipo sem o antitipo--os enigmas sem as respostas -, mas foi bom ensino assim mesmo, visto que era toda a verdade que conheciam na época.

Quanto mais feliz, contudo, é nossa tarefa, visto que estamos habilitados a ensinar sobre o Senhor Jesus tão claramente, tendo o Novo Testamento para explicar o Antigo! Será

que nós não podemos esperar que, ainda mais cedo na vida do que Timóteo, nossas queridas crianças possam pegar a idéia de que Cristo Jesus é a soma e substância da Bíblia, e assim pela fé nele possam receber o poder de tornarem-se filhos de Deus? Menciono isso, simples como é, porque quero que todos os professores sintam que se suas crianças ainda não conhecem todas as doutrinas da Bíblia, e se há certas verdades mais altas ou mais profundas que suas mentes ainda não alcançaram, mesmo assim as crianças são salvas logo que são sábias para a salvação pela fé que está em Cristo Jesus. Fé no Senhor Jesus, conforme é exposto na Bíblia, salva mesmo. "Você pode, se crê de todo o coração", disse Filipe ao eunuco; e nós dizemos a mesma coisa para toda criança: você pode confessar sua fé se você tem qualquer fé verdadeira em Jesus para confessar. Se você crê que Jesus é o Cristo, e assim põe sua confiança nele, você está tão verdadeiramente salvo como se tivesse cabelo grisalho a adornar sua fronte.

Por essa fé em Cristo Jesus nós prosseguimos e avançamos na salvação. No momento em que cremos em Cristo, somos salvos, mas não somos imediatamente tão sábios como podemos ser e esperamos ser. Podemos ser, como se fosse, salvos sem que seja inteligentemente, isto é, num sentido comparativo; mas é desejável que possamos dar uma razão da esperança que há em nós, e assim sermos sábios para a salvação.

Pela fé, as crianças se tornam pequenos discípulos, e pela fé vão adiante para tornarem-se mais capazes. Como é que avançamos para a sabedoria? Não é largando o caminho da fé, e sim conservando aquela mesma fé em Cristo Jesus pela qual começamos a aprender. Na escola da graça, a fé é a grande faculdade pela qual fazemos progressos em sabedoria. Se pela fé você pôde dizer A e B e C, precisa ser por fé que você irá adiante para dizer D e E e F, até que chegue ao fim do alfabeto e seja perito no Livro de Sabedoria. Se por fé você pode ler a cartilha da fé simples, pela mesma fé em Cristo Jesus você pode ir adiante para ler nos clássicos de afirmação total, e tornar-se um escriba bem instruído nas coisas do reino. Portanto, conserve-se junto da prática da fé, da qual tantos estão se desviando.

Nestes tempos, os homens buscam fazer progresso por aquilo que chamam de *pensamento*, com o que querem dizer vãs imaginações e especulação. Não podemos avançar nem um passo pela dúvida; nosso único progresso é pela fé. Não existem tais coisas como "degraus de nossos egos mortos"; a não ser que sejam degraus para baixo, para a morte e destruição; os únicos degraus para a vida e o céu são encon-trados na verdade de Deus revelada à nossa fé. Creia em Deus, e você já fez progresso. Então, oremos por nossas crianças, que constantemente possam conhecer e crer mais e mais; pois a Escritura é capaz de torná-las sábias para a salvação, mas somente pela fé que está em Cristo Jesus. A fé é o resultado que deve ser visado; a fé no escolhido, ungido e exaltado Salvador. Este é o ancoradouro para o qual queremos trazer esses naviozinhos, pois aqui ficarão em perfeita segurança.

A instrução segura na Escritura sagrada, quando vivificada por uma fé viva, cria um caráter sólido. O homem que desde criança conhece as sagradas Escrituras, quando obtém fé em Cristo, será alicerçado e estabelecido sobre os princípios duradouros da Palavra imutável de Deus.

Oh, mestres, vejam o que podem fazer! Em suas escolas, estão sentados nossos futuros evangelistas. Naquela classe dos menorzinhos está sentado um apóstolo para alguma terra distante. Poderá vir sob sua mão de treinamento, minha irmã, um futuro pai em

Israel. Virão sob seu ensino, meu irmão, aqueles que carregarão as bandeiras do Senhor no grosso da batalha. As eras olham para vocês cada vez que sua classe se reúne. Ah, que Deus os ajude a fazer bem a sua parte! Oremos com um só coração e uma alma para que o Senhor Jesus Cristo esteja em nossas Escolas Dominicais do dia de hoje até que ele venha!

Capítulo 9: "O que significa esta cerimônia?" (Êxodo 12)

Nós devemos olhar tudo o que há neste mundo sob a luz da redenção, e assim o veremos corretamente. Faz uma diferença maravilhosa se você vê a providência do ponto de vista do merecimento humano ou do pé da cruz. Não vemos nada do modo real enquanto não o vemos através do vidro, o vidro vermelho do sacrifício expiatório. Use esse telescópio da cruz e então verá longe e claramente; olhe os pecadores através da cruz; olhe as alegrias e tristezas do mundo através da cruz; olhe o céu e inferno através da cruz. Veja o quanto era para ser realmente visível o sangue da Páscoa, e então aprenda de tudo isso a dar importância verdadeira ao sacrifício de Jesus--sim, dar-lhe toda a importância, pois Cristo é tudo.

Nós lemos em Deuteronômio, no sexto capítulo, versículo oito, com respeito às ordens da lei do Senhor, o seguinte: "Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões." Observe, então, que a lei deve ser escrita logo ao lado dos memoriais do sangue. Na Suíça, nas vilas protestantes, podiam ser vistos textos da Escritura nos umbrais das portas. Seria tão bom que tivéssemos esse costume na Inglaterra. Quanto do evangelho poderia ser pregado aos passantes se textos bíblicos estivessem acima das portas dos cristãos! Poderia ser ridicularizado como farisaísmo, mas poderíamos nos acostumar. Poucos são sujeitos, nos dias de hoje, à acusação de serem religiosos demais. Eu gosto de ver textos da Escritura em nossos lares, em todos os cômodos, nas molduras acima das portas, e nas paredes; mas do lado de fora da porta - que beleza de anúncio o evangelho poderia ter por preço tão econômico.

Mas note que, quando o judeu escrevia nas colunas de sua porta uma promessa, um preceito ou uma doutrina, ele tinha de escrever sobre uma superfície manchada de sangue, e quando a Páscoa do ano seguinte chegava, ele tinha de aspergir o sangue com hissopo bem em cima da escrita. Parece-me ótimo pensar na lei de Deus ligada àquele sacrifício expiatório que o engrandeceu e o tornou honrável. Os mandamentos de Deus vêm para mim como homem remido; suas promessas são para mim como homem comprado pelo sangue, seu ensino me instrui como pessoa por quem a expiação já foi feita. A lei na mão de Cristo não é uma espada para nos matar, e sim uma jóia para nos enriquecer. Toda a verdade aceita em relação à cruz é muito incrementada em seu valor. A Santa Escritura torna-se preciosa sete vezes mais quando vemos que ela vem a nós como sendo remidos do Senhor, e traz em cada página marcas daquelas mãos queridas que foram pregadas na cruz por nós.

Agora, é possível compreender como tudo foi feito que bem podia ser pensado de modo que elevasse o sangue do cordeiro pascoal a uma alta posição na estima das pessoas que o Senhor tirou do Egito; e você e eu precisamos fazer tudo que podemos para trazer à frente, e conservar diante dos homens para sempre, a preciosa doutrina do sacrifício

expiatório de Cristo. Ele foi feito pecado por nós, embora nenhum pecado conhecesse, para que nele nós pudéssemos ser feitos a justiça de Deus.

E agora quero lhes fazer lembrar da instituição que era ligada à memória da Páscoa. "Quando os seus filhos lhes perguntarem: 'O que significa esta cerimônia?', respondam-lhes: 'É o sacrifício da Páscoa ao Senhor'" (Êx 12.26-27a).

Investigação é coisa que deve ser estimulada na mente de nossas crianças. Ah, se pudéssemos levá-las a fazer perguntas sobre as coisas de Deus! Alguns perguntam bem cedo, outros parecem ter herdado o mal da indiferença que as pessoas mais velhas têm. Temos de lidar com os dois tipos de mente. É bom explicar às crianças a ordenança da Ceia do Senhor, pois isso mostra bem a morte de Cristo em símbolo. Sinto pena de que as crianças não vejam com maior freqüência essa ordenança. Os dois, o Batismo e a Ceia do Senhor, devem ser feitos à vista da geração que surge para que então nos perguntem: "O que significa essa cerimônia?" Ora, a Ceia do Senhor é um perene sermão evangelístico, e fala principalmente sobre o sacrifício do pecado. Você pode banir essa doutrina da expiação do púlpito, mas ela sempre viverá na igreja através da Ceia do Senhor. Você não pode explicar aquele pão partido e aquele copo cheio do fruto da vide sem referência à morte expiatória de nosso Senhor. Não pode explicar "a comunhão do corpo de Cristo" sem incluir, de uma forma ou outra, a morte de Jesus em nosso lugar e posição. Deixe que os seus pequenos, então, vejam a Santa Ceia, e que lhes seja explicado bem claramente o que ela apresenta. E se não a própria Ceia do Senhor--pois isso não é a coisa em si, mas só a sombra do fato glorioso--, demore-se muito e com freqüência nos sofrimentos e morte de nosso Redentor. Deixe que pensem no Getsêmane, e no Gabata (o local do Pretório), e no Gólgota, e que aprendam a cantar em tons melancólicos sobre aquele que deu sua vida por nós. Diga-lhes quem foi aquele que sofreu e por quê. Sim, embora o hino não seja bem ao meu gosto em algumas de suas expressões, gostaria que as crianças cantassem:

Mui longe o monte verde está
Fora dos muros de Jerusalém.

E eu gostaria que aprendessem versos parecidos com estes, de hinos com esta idéia:

Sabia como fomos maus,
Que Deus teria que castigar.
Então Jesus ofereceu
Morrer - em nosso lugar.

E quando a atenção é despertada para o melhor dos temas, estejamos preparados para explicar a grande transação pela qual Deus é justo, e ainda assim, os pecadores são justificados. As crianças podem entender muito bem a doutrina do sacrifício expiatório; a intenção foi mesmo que fosse um evangelho que até o mais novo pudesse apropriar. O evangelho da substituição é uma grande simplicidade, embora seja um mistério. Não devemos nos contentar até que nossos pequeninos conheçam e confiem no Sacrifício completado por eles. Isso é conhecimento essencial, e a chave para todo ensino espiritual. Que nossas queridas crianças conheçam a cruz, e já terão começado bem. Com todas as coisas que aprendem, que possam aprender a compreender isso, e já terão um fundamento bem construído.

Para isso, você deverá ensinar à criança que ela necessita de um Salvador. Você não pode se omitir dessa tarefa. Não bajule a criança com bobagens sobre sua natureza ser boa e precisar ser desenvolvida. Diga-lhe que precisa nascer de novo. Não a encoraje com a imaginação de sua própria inocência, mas mostre-lhe seu próprio pecado. Mencione os pecados infantis aos quais ela se inclina, e ore para que o Espírito Santo trabalhe a convicção no seu coração e na sua consciência.

Lide com os novos como lida com os velhos. Seja completo e honesto com eles. Religião frágil não é boa nem para jovens nem para velhos. Esses meninos e meninas precisam de perdão através do sangue precioso tanto como qualquer um de nós. Não hesite em contar à criança sua situação ruinosa; senão ela não há de querer o remédio. Diga-lhe também qual é o castigo do pecado, e avise-a de seu terror. Seja terno, mas seja verdadeiro. Não esconda do pecador jovem a verdade por mais terrível que possa ser. Agora que chegou aos anos de responsabilidade, se não acreditar em Cristo, ficará numa situação desfavorável com ele no grande dia final. Coloque diante dela o trono do grande julgamento, e lembre-a de que terá de dar contas das coisas feitas no corpo. Trabalhe para acordar a consciência; e ore a Deus pelo Espírito Santo para trabalhar junto a você até que o coração se enterneça e a mente perceba a necessidade da grande salvação.

As crianças precisam aprender a doutrina da cruz para que possam encontrar salvação imediata. Sou grato a Deus porque em nossa Escola Dominical nós cremos na salvação de crianças quando crianças. Quantos meninos e meninas tenho tido a alegria de ver se oferecerem para confessar sua fé em Cristo! E outra vez desejo dizer que os melhores convertidos, os convertidos mais óbvios, mais inteligentes que já tivemos têm sido os novos; e em vez de haver alguma deficiência em seu conhecimento da Palavra de Deus e das doutrinas da graça, geralmente, descobrimos terem um conhecimento encantador das grandes verdades cardeais de Cristo. Muitas dessas preciosas crianças falaram das coisas de Deus com grande prazer de coração e força de entendimento. Prossigam, queridos professores, e creiam que Deus salvará suas crianças. Não se contentem em semear princípios em suas mentes que possivelmente se desenvolvam em anos futuros, mas trabalhem por conversões imediatas. Espere frutos em suas crianças enquanto são crianças. Ore por elas para que não corram para o mundo e caiam nos males do pecado exterior, e depois voltem com ossos quebrados para o Bom Pastor; mas que possam pela rica misericórdia ser guardadas dos caminhos do destruidor, e crescer no aprisco de Cristo, primeiro como cordeiros de seu rebanho, e depois como ovelhas de sua mão.

De uma coisa estou certo: se ensinarmos às crianças a doutrina da expiação em termos inconfundíveis, estaremos agindo de forma muito boa. Às vezes, espero que Deus avive sua igreja e a restaure à antiga fé através de um trabalho da graça entre as crianças. Se ele trouxesse para dentro de nossas igrejas um grande influxo de crianças, como isso poderia apressar o sangue indolente dos preguiçosos. As crianças cristãs tendem a manter a casa animada, viva. Suspiramos por mais delas! Se apenas o Senhor nos ajudar a ensinar as crianças, nós estaremos ensinando a nós mesmos. Não há melhor modo de aprender do que ensinar, e você não sabe nada enquanto não consegue ensiná-la para outra pessoa. Você não conhece nenhuma verdade completamente enquanto não a coloca diante de uma criança para que ela possa vê-la. Ao tentar fazer uma criancinha entender a doutrina da expiação, você conseguirá ter visões mais claras dela, e por isso eu lhe recomendo esse exercício santo.

Que bênção será se nossas crianças forem bem enraizadas na doutrina da redenção por Cristo! Se elas forem avisadas contra os falsos evangelhos desta má era, e se forem ensinadas a descansar na rocha da obra completada de Cristo, poderemos esperar que a geração depois da nossa manterá a fé, e que será melhor do que seus pais foram.

Vejam, suas escolas dominicais são louváveis, mas qual é o propósito delas se vocês não ensinam nelas o evangelho? Vocês reúnem as crianças e as mantêm quietinhas por uma hora e meia, e depois as mandam para casa; mas qual é o proveito disso? Pode dar um pouco de sossego para os pais e as mães, e é por isso, talvez, que eles os mandam para a escola; mas todo o verdadeiro bem está naquilo que é ensinado às crianças. A verdade mais fundamental deve ser colocada como a mais importante, e qual será ela se não for a cruz? Alguma conversa com as crianças sobre ser bons meninos e meninas etc. e tal; isto é, pregam a lei às crianças, embora queiram pregar o evangelho aos adultos. Isso é honesto? É prudente? As crianças precisam do evangelho, do evangelho todo, o evangelho autêntico, sem ser adulterado; devem recebê-lo, e se são ensinadas pelo Espírito de Deus, são tão capazes de recebê-lo como pessoas de idade madura. Ensine aos pequenos que Jesus morreu, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus. Confiante, entrego esse trabalho aos professores. Nunca conheci uma equipe mais nobre de homens e mulheres cristãos, pois são tão sinceros em sua ligação com o velho evangelho como são ansiosos pela salvação de almas. Sintam-se encorajados; o Deus que salvou tantas de suas crianças salvará muitos mais delas, e teremos grande alegria à medida que vemos centenas trazidas a Cristo.

Capítulo 10: Samuel e seus mestres

Nos dias de Eli, a palavra do Senhor era preciosa, e não havia visão aberta. Foi ótimo que quando a palavra veio mesmo, um indivíduo escolhido tinha o ouvido que escutava para recebê-la, e o coração obediente para executá-la. Eli não educou seus filhos para serem os servos dispostos e os ouvintes atentos à palavra do Senhor. Nisso lhe faltava a desculpa de ser incapaz, porque treinou a criança Samuel com bom êxito em ser reverentemente atento à vontade divina. Ah, que aqueles que são diligentes com as almas de outros olhassem bem as suas próprias famílias. Mas ai do pobre Eli--como muitos em nossos dias, fizeram-te guarda dos vinhedos, mas tua própria vinha tu não guardaste. Sempre que olhava a criança graciosa, Samuel, deve ter sentido a dor de coração. Quando se lembrava de seus próprios filhos negligenciados e não punidos, e como se tornaram vis aos olhos de toda Israel, Samuel era o testemunho vivo do que a graça pode operar quando as crianças são educadas no temor do Senhor; e Hofni e Finéias eram tristes exemplos do que a tolerância demasiada dos pais pode causar nos filhos dos melhores dos homens. Ai, Eli, se você tivesse sido tão cuidadoso com seus próprios filhos como com o filho de Ana, não teriam sido homens de Belial como foram, nem Israel teria detestado as ofertas do Senhor por causa da fornicação que aqueles réprobos sacerdotes cometiam bem na porta do tabernáculo. Ah, que tenhamos graça para cuidar de nossos pequeninos pelo Senhor, para que eles possam ouvir o Senhor quando ele se agradar em lhes falar.

Samuel foi abençoado com um pai gracioso, e, o que é mais importante ainda, era filho de uma mãe eminentemente santa. Ana era uma mulher de grande talento poético, como fica evidente pelo seu cântico memorável--"Meu coração exulta no Senhor; no Senhor minha força é exaltada. Minha boca se exalta sobre os meus inimigos, pois me alegro em tua libertação" (1Sm 2.1). A alma da poesia vive em cada sentença. Mesmo a

Virgem Maria, a mais abençoada entre as mulheres, não pôde senão usar expressões de significado semelhante. Melhor ainda, Ana era uma mulher de grande oração. Fora uma mulher de espírito triste, mas suas orações pelo menos voltaram para ela em bênção, e Deus lhe concedeu esse filho. Ele era muito precioso para o coração de sua mãe, e ela, então, para mostrar sua gratidão, e em cumprimento do voto que na sua angústia havia feito ao Senhor, consagrou a coisa melhor que ela tinha, apresentando seu filho diante do Senhor em Siló--uma lição a todos os pais piedosos, para que não descuidem de dedicar seus filhos a Deus.

Como seremos favorecidos se nossos filhos forem todos como Isaque--filhos da promessa! Que pais abençoados seríamos se víssemos nossos filhos se levantarem para chamar o Redentor de abençoado! Já foi a sorte de alguns de vocês verem todos os seus filhos contados com o povo de Deus; todas as suas jóias já estão agora na caixa de jóias de Jeová. Na sua primeira infância, vocês já os deram a Deus, e dedicaram-nos em sincera oração, e agora o Senhor lhes deu a resposta da petição que a ele dirigiram. Eu gosto que nossos amigos façam um cultinho em sua própria casa quando sua família é aumentada; parece-me bom e proveitoso os amigos se reunirem, e uma oração ser oferecida para que o bebê possa cedo ser chamado pela graça poderosa e recebido para fazer parte da família divina. Você perceberá que logo que Samuel foi colocado sob o cuidado e tutela de Eli, foi instruído até certo ponto no espírito da religião, mas Eli não lhe parece ter explicado a forma e a natureza daquelas manifestações especiais e particulares de Deus que eram dadas a seus profetas; sonhando um pouco, ouso dizer que Samuel fosse algum dia o objeto delas. Naquela noite memorável, quando perto do amanhecer a lâmpada de Deus estava para se apagar, o Senhor clamou, "Samuel, Samuel", e o garotinho não pôde discernir--porque não lhe fora ensinado--que era a voz de Deus, e não a voz do homem.

Que ele havia aprendido o espírito da religião verdadeira é indicado pela sua obediência instantânea, e o hábito da obediência tornou-se uma diretriz valiosa nas perplexidades daquela hora cheia do evento. Ele corre para Eli, e diz: "Estou aqui; o senhor me chamou?"; e embora isso fosse repetido três vezes, mesmo então ele parecia não se importar de sair de sua cama quentinha, e correr para seu pai de criação, para ver se lhe podia buscar algum conforto que sua idade avançada poderia exigir durante a noite, ou de outra forma obedecer seu mando - um sinal seguro de que a criança havia adquirido o princípio saudável da obediência, embora não entendesse o mistério do chamado profético. Bem melhor ter o jovem coração treinado a carregar o jugo do que encher a cabeça infantil de conhecimento, por mais valioso que fosse. Um grama de obediência vale mais do que uma tonelada de instrução.

Quando Eli percebeu que Deus chamara a criança, ele o ensinou sua primeira oração. É curta, mas diz muito: "Fala, Senhor, pois o teu servo está ouvindo" (1Sm 3.10b). Que os pais cristãos expliquem à criança o que é a oração. Diga-lhe que Deus responde às orações; dirija-o ao Salvador, e então anime o menino a expressar seus desejos em sua própria linguagem quando ele se levanta ou quando vai para o descanso. Reúna os pequenos à sua volta e ouça suas palavras, sugerindo-lhes suas necessidades, e lembrando a eles a promessa graciosa de Deus. Você ficará maravilhado, e, posso acrescentar, às vezes, divertido também; mas também ficará surpreso com as expressões que usarão, as confissões que farão, os desejos que expressarão; e eu estou certo de que qualquer pessoa cristã que possa ouvi-los e escutar a simples oração de uma criancinha pedindo com sinceridade por aquilo que ela pensa querer nunca mais desejaria ensinar a

uma criança uma oração já formulada, porém, diria que como matéria de educação para o coração a fala improvisada foi infinitamente superior à melhor fórmula, e que se deveria desistir da fórmula para sempre.

No entanto, não me deixe falar tão radicalmente. Se você precisa ensinar seu filho a dizer uma forma de oração, pelo menos não lhe ensine nada que não seja verdade. Se você ensina a seus filhos um catecismo, que seja bem bíblico, ou você os ensina a dizer mentiras. Não ensine nada senão a verdade como está em Jesus até onde eles podem aprendê-la, e ore ao Espírito Santo para que escreva essa verdade sobre o coração deles. Melhor não fornecer postes de sinalização para o jovem viajante que levá-lo a errar o caminho por ter indicadores falsos. O farol de um demolidor é pior do que o escuro. Ensine nossa juventude a fazer afirmações mentirosas em assuntos religiosos, e o ateísmo pode corromper ainda mais suas mentes. A religião formal é inimiga mortal da piedade viva. Se você ensina um catecismo, ou se ensina uma fórmula de oração a seus pequenos, que seja tudo verdade; e, até onde for possível, nunca ponha na boca de uma criança uma palavra que a criança não possa dizer de todo seu coração.

Precisamos ser mais cuidadosos no que se refere a dizer o que é verdade e correto na fala. Se uma criança olhasse por uma janela para algo que estivesse acontecendo na rua, e depois lhe dissesse que ela o viu da porta, você deveria fazê-lo contar de novo o caso para imprimir nela a necessidade de ser verdadeiro a respeito de tudo. Principalmente sobre as coisas ligadas à religião, não deixe a criança usar nenhum formato feito até que tenha o direito de ser um participante. Nunca a incentive a vir à mesa do Senhor a não ser que você creia realmente que há uma obra de graça em seu coração; pois por que você o levaria a comer e beber para sua própria condenação? Insista de todo coração que a religião é uma realidade solene que não é para ser imitada ou feita de conta, e procure levar a criança a entender que não há vício que aborreça mais a Deus do que a hipocrisia. Não faça seu pequeno Samuel ser um jovem hipócrita, mas instrua seu queridinho a falar diante do Senhor com uma profunda solenidade e uma conscienciosa veracidade, e não o deixe ousar dizer, nem em resposta a uma pergunta de catecismo, nem como forma de oração, nada que não seja positivamente verdade. Se precisa ter uma oração decorada, que ela não expresse desejos como uma criança nunca teria, mas que seja adaptada à sua capacidade.

A respeito do reverendo John Angell James, diz-se: "Como a maioria dos homens que foram eminentes e honrados na igreja de Cristo, ele teve uma mãe piedosa, que costumava levar seus filhos a seu quarto, e com cada um separadamente orar pela salvação de sua alma. Esse exercício, que cumpria sua própria responsabilidade, estava formatando o caráter de seus filhos, e a maioria, se não todos, levantou-se para chamá-la abençoada. Será que tais meios já chegaram a falhar algum dia?" Eu lhes peço, professores da Escola Dominical, embora isso talvez nem seja necessário, pois sei como são zelosos nessa matéria--, logo que virem o primeiro prenúncio do dia em suas crianças, incentive seus desejos juvenis. Creia na conversão de crianças quando crianças; creia que o Senhor pode chamá-las por sua graça, pode renovar seus corações, pode dar-lhes um papel e uma sorte dentre seu povo muito antes de chegarem à plenitude da vida.

Capítulo 11: Instruções para professores e pais

A primeira coisa a ser feita, é providenciar para que as crianças venham à sua escola. A grande queixa de alguns professores é que eles não têm alunos. Em Londres, estamos fazendo um levantamento das crianças; essa é uma boa idéia, e deve-se fazer um levantamento em todo lugar, mesmo que seja um vilarejo, uma comunidade rural, e se esforçar para que toda criança que você conseguir possa ir à Escola Dominical. Mas para isso, eu o aconselho a fazê-lo por meios legítimos e certos. Não influencie as crianças com promessas; esse é um plano ao qual fazemos forte objeção, e só é adotado em escolas de natureza tão inferior que até os pais e mães das crianças são suficientemente sensatos para mandá-las até lá. "Mas vocês podem não conseguir mais trabalho, ou, o patrão pode não renovar o contrato da família; ou, se as crianças não vão à escola aos domingos, não podem ir nos dias de semana." Esse é um truque desprezível; só mostra fraqueza, miséria e abominação de uma seita que não pode ter êxito sem usar um sistema tão degradante. E também não seja tão rabugento. Se eu não puder trazer as pessoas até a minha capela usando um casaco preto, usaria um uniforme militar amanhã--eu teria uma congregação de alguma forma. Melhor fazer coisas estranhas do que ter uma capela vazia, ou uma sala de aula vazia. Quando eu estava na Escócia, nós mandávamos um homem com um sino na mão dar a volta nas ruas da vila para conseguir um público, e o plano foi muito bem-sucedido. Não poupe os meios certos, mas faça com que as crianças entrem. Já conheci ministros que saíam às ruas nas tardes do domingo e, conversando com as crianças que estavam brincando ali, as convencia de irem à escola. É dessa forma que agirá um professor sincero; ele dirá: "João, venha à nossa escola; você não imagina que lugar ótimo é." Então, ele consegue que as crianças entrem, e com seu modo bondoso e atraente, conta-lhes histórias e casos sobre meninas e meninos que amaram ao Salvador, e desse jeito a escola se enche. Vá e arrebanhe as crianças. Não há lei contra isso; tudo é justo na guerra contra o diabo.

Em seguida, faça com que as crianças o amem, se puder. "Venham, meninos, ouçam-me." Você sabe como éramos ensinados na nossa escolinha antiga, como ficávamos em pé com as mãos para traz para repetir nossas lições. Esse não era o plano de Davi. "Ah! Como é bom ter um professor assim, um professor que me deixa chegar pertinho dele, um professor que não diz 'Vai', e sim 'Venha!'", pensa a criança. O defeito de muitos professores é que não chamam as crianças para perto deles; mas tentam criar em seus estudantes um tipo de respeito venerável. Antes que possa ensinar crianças, você deve conseguir a chave reluzente da bondade para destravar o coração delas e, assim, assegurar sua atenção. Diga: "Venham, crianças". Nós já conhecemos alguns homens bons que eram detestados por crianças. Você se lembra da história de dois garotinhos que, quando lhes perguntaram se gostariam de ir para o céu, para grande surpresa de seu professor, disseram que realmente não gostariam. Quando lhes perguntaram a razão, um deles disse: "Eu não gostaria de ir para o céu porque o vovô está lá e na certa ele diria: 'Vão andando, meninos; vão embora, vão andando!'" Então, se um menino tem um professor que lhe fala sobre Jesus, mas que está sempre de cara fechada, o que ele vai pensar? "Será que Jesus é como você; se for, eu não iria gostar dele." Depois há outro professor que, se é provocado por um nadinha, dá uns tabefes nas orelhas da criança; e ao mesmo tempo lhe ensina que ela deve perdoar os outros e ser bondosa para com eles. "Bem, "isso é muito bonito, sem dúvida, mas meu professor não me mostra como fazer isso", pensa o garoto. Se você afasta um menino, sua influência sobre ele se foi, pois você não poderá lhe ensinar nada. Não adianta tentar ensinar os que não têm amor para

com você; por isso, tente e faça com que o amem, e então aprenderão qualquer coisa com você.

Em seguida, consiga a atenção das crianças. "Venham, crianças, prestem atenção". Se não lhe *escutarem*, você pode falar, mas falará sem propósito nenhum. Se não escutarem, você executa seu trabalho como uma tarefa sem sentido para você e para seus pupilos também. "Isso é justamente o que não posso fazer", diz alguém. Bem, isso depende de você - se você lhes der algo a que vale a pena prestar atenção, eles certamente o ouvirão. Essa regra pode não ser universal, mas é quase absolutamente segura. Não se esqueça de contar-lhes alguns casos engraçados. As anedotas são muito criticadas por avaliadores de sermões, que dizem que não devem ser usadas no púlpito; mas nós sabemos que não é bem assim, sabemos que uma boa brincadeira pode acordar uma congregação e despertar a atenção das pessoas. Por isso, colete durante a semana boas brincadeiras. Onde quer que estiver, se você é realmente um professor sábio, sempre poderá encontrar alguma coisas para transformar em história para contar às suas crianças. Então, quando estiver perdendo a atenção dos seus alunos, diga-lhes: "Vocês conhecem os Cinco Sinos?" Se esse lugar existir na cidade ou na vila, todos abrirão os olhos imediatamente. Ou, então, você pode perguntar: "Sabem a curva em frente do 'Leão Vermelho'?" Depois, conte-lhes algo que você leu ou ouviu sobre o assunto que prenda a atenção deles à lição. Uma criança disse uma vez: "Pai, eu gosto de ouvir o sr. Fulano pregar porque ele dá tantos exemplos." As crianças adoram exemplos. Faça parábolas, desenhos, e você conseguirá ir em frente. Tenho certeza de que, se eu fosse uma criança, a não ser que me contassem uma história de vez em quando, eu apareceria pouco na escola. E se eu estivesse sentado numa sala de aula quente, eu poderia cochilar, ou brincar com a criança sentada à minha esquerda, e mexer com tanta coisa como os outros, se você não trabalhasse para me interessar. Lembre-se, então, de fazer seus alunos escutarem.

Capítulo 12: Uma lição-modelo para professores

Ensine-lhes *moralidade*: "Guarde a sua língua do mal e os seus lábios da falsidade. Afaste-se do mal e faça o bem; busque a paz com perseverança" (Sl 34.13-14). Ora, não ensinamos moralidade como o caminho para a salvação. Deus nos livre de algum dia misturarmos as obras do homem com a redenção que está em Cristo Jesus! "Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus" (Efésios 2.8). Contudo, ensinamos moralidade enquanto ensinamos espiritualidade; e sempre descubro que o evangelho produz a melhor moralidade. Eu prefiro um professor de Escola Dominical vigilante sobre a moral dos meninos e meninas de quem cuidam, que fale com eles particularmente sobre os pecados que são mais comuns entre a criançada. Ele poderá dizer às crianças honesta e convenien-temente muitas coisas que ninguém mais pode dizer, especialmente quando faz com que eles se lembrem do pecado da mentira, tão comum às crianças, ou do pecado do pequeno roubo, da desobediência aos pais, da quebra do dia do Senhor. Preferiria que o professor fizesse muita questão de mencionar esses males um por um; pois pouco adianta falar-lhes sobre males em grande quantidade; é preciso mencioná-los um a um, assim como Davi fez. Primeiro cuide da *língua*: "Guarde a sua língua do mal e os seus lábios da falsidade" (Sl 34.13). Depois cuide da *conduta inteira*: "Afaste-se do mal e faça o bem; busque a paz com perseverança" (Sl 34.14). Se a alma da criança não está salva por outras partes do ensino, esta parte pode ter um efeito benéfico sobre a vida dela, e até aí tudo bem. A moralidade, no entanto, por si só, é uma coisa comparativamente pequena. A melhor

parte daquilo que você ensina é a *piedade divinamente inspirada*. Muitas pessoas são religiosas de certo modo, sem serem piedosas. Muitas têm todas as marcas externas da piedade, todo o lado de fora da piedade; a essas pessoas chamamos de "religiosos", mas elas não têm o pensamento certo com respeito a Deus. Pensam sobre seu lugar de culto, seu domingo, seus livros, mas nada sobre Deus. Quem não respeita a Deus, nem ora a Deus, nem ama Deus, é uma pessoa ímpia, qualquer que seja sua religião externa. Trabalhe para ensinar a criança a ter sempre um olho voltado para Deus; faça com que ela grave na memória estas palavras: "Tu me vês, ó Deus." Faça com que se lembre de que cada ato e pensamento dela é visto por Deus. Nenhum professor de Escola Dominical cumpre sua obrigação a não ser que frise sempre o fato de que há um Deus que tudo observa. Deveríamos ser mais piedosos, conversarmos mais sobre a piedade, e a amarmos mais.

A terceira lição é *o mal do pecado*. Se a criança não aprender isso, ela nunca aprenderá o caminho para o céu. Nenhum de nós sabia o que Cristo Salvador era até sabermos que coisa terrível é o pecado. Se o Espírito Santo não nos ensinar a grande pecaminosidade do pecado, nós nunca conheceremos a bem-aventurança da salvação. Busquemos a graça do Santo Espírito, então, quando ensinamos, para que possamos sempre ser capazes de dar ênfase à natureza abominável do pecado. "O rosto do Senhor volta-se contra os que praticam o mal para apagar da terra a memória deles" (Sl 34.16). Não poupe sua criança; deixe-a saber a que o pecado leva. Não tenha medo, como têm algumas pessoas, de falar claramente sobre as conseqüências do pecado. Ouvi falar de um pai que tinha um filho muito ímpio, e foi levado de modo bem repentino.

Ao contrário do que algumas famílias fariam, o pai, vencendo seus sentimentos naturais, pela graça divina, reuniu seus filhos e lhes disse: "Meus filhos, o irmão de vocês morreu; temo que esteja no inferno. Vocês conheciam sua vida e conduta, viram como se comportou; e agora Deus o apanhou em seus pecados." Então, ele lhes contou solenemente sobre o lugar do infortúnio em que acreditava - sim, quase tinha certeza que ele tinha ido, implorando que eles o evitassem, e fugissem da ira vindoura. Assim, ele foi o meio de levar seus filhos a um pensamento sério; mas tivesse ele agido, como alguns teriam feito, com ternura de coração, mas sem honestidade de propósito, e dito que esperava que seu filho tivesse ido ao céu, o que as outras crianças teriam dito? "Se ele foi para o céu, então não precisamos temer; podemos viver como quisermos." Não, não; eu mantenho que não é falta de cristandade dizer de alguns homens que eles vão para o inferno, quando já vimos que suas vidas eram infernais. Mas, pergunta-se: "Você pode julgar seus semelhantes?" Não, mas posso *conhecê-los* pelos seus frutos. Eu não os julgo, nem os condeno; eles julgam a si mesmos. Já vi seus pecados irem a juízo de antemão, e não duvido que eles seguirão atrás. "Mas não podem ser salvos na décima primeira hora?" Eu soube de uma pessoa que foi, mas não sei se isso aconteceu com outras pessoas, e não posso dizer que haverá outra algum dia. Seja honesto, pois, com seus filhos, e ensine-os, com a ajuda de Deus, que "o mal matará os maus".

Mas isso não é tudo e você não terá feito o suficiente se não ensinar cuidadosamente a quarta lição--a necessidade absoluta de uma mudança de coração. "O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito contrito" (Sl 34.18). Ah! possa Deus capacitar-nos para conservarmos isso constantemente na mente dos que são ensinados, que é preciso haver um coração quebrantado e um espírito contrito, que boas obras de nada valerão a não ser que haja um arrependimento verdadeiro e total do pecado, e um abandono completo do pecado pela graça e misericórdia de Deus! Se

precisar escolher, tenha a certeza de ensinar às crianças os três "r"--ruína, redenção e regeneração. Diga às crianças que a *ruína* deles veio pela queda e que há salvação para eles somente com o ser *redimido* pelo sangue de Jesus Cristo, e *regenerado* pelo Espírito Santo. Conserve constantemente diante deles essas verdades vitais porque assim terá a tarefa agradável de lhes contar o doce assunto da lição do final.

Em quinto lugar, então, fale às crianças sobre a alegria e bênção de ser cristão. "O Senhor redime a vida dos seus servos; ninguém que nele se refugia será condenado. Quem nele confia não ficará desolado" (Sl 34.22). Não preciso falar como você deve tratar deste assunto; pois, você sabe o que é ser cristão. Quando nos aprofundamos neste assunto, nossa mente não pára de trabalhar. Como disse o salmista: "Como é feliz aquele que tem suas transgressões perdoadas e seus pecados apagados!" (Sl 32.1). "Como é feliz o homem que põe no Senhor a sua confiança" (Sl 40.4). Sim, feliz é o homem, a mulher, a criança que confia no Senhor Jesus Cristo e que nele espera. Enfatize sempre este ponto - que os justos são pessoas abençoadas, que a família escolhida de Deus, redimida pelo sangue e salva pelo poder, são pessoas abençoadas aqui na Terra, e que eles serão abençoados para sempre lá no Céu. Faça com que suas crianças vejam que você também pertence a este grupo. Se eles sabem que você está com problemas, se possível, apresente-se diante de sua sala com um sorriso em sua face, para que seus alunos possam dizer: "O professor é um homem abençoado, embora esteja enfrentando problemas". Regozije-se sempre para que seus meninos e meninas saibam que sua religião é uma realidade abençoada. Que esse seja o ponto principal de seu ensino, que embora "o justo passa por muitas adversidades", porém, "o Senhor o livra de todas; protege todos os seus ossos; nenhum deles será quebrado. O Senhor redime a vida dos seus servos; ninguém que nele se refugia será condenado" (Sl 34.19, 20, 22).

Falamos aqui de dei cinco lições, e, com toda instrução que você possa dar a suas crianças, todos precisam estar profundamente conscientes de que não são capazes de fazer nada na aquisição da salvação da criança, mas que é Deus que, do começo ao fim, precisa efetuar toda ela. Você é simplesmente uma caneta; Deus pode escrever com você, mas você não pode escrever nada. Você é uma espada; Deus pode com você matar o pecado da criança, mas você não pode matá-lo. Esteja, portanto, sempre consciente disso, de que primeiro você precisa ser ensinado por Deus e, depois, você precisa pedir a Deus que o use para ensinar; porque a não ser que um professor que lhe seja superior trabalhe com você, e instrua a criança, a criança deve perecer. Não é a sua instrução que pode salvar a alma de suas crianças; é a bênção de Deus, o Espírito Santo, acompanhando seus labores. Possa Deus abençoar e coroar seus esforços com sucesso abundante! Ele o fará se você instar em oração, for constante nas súplicas. Até hoje, nunca o professor ou pregador "trabalhou em vão no Senhor", e muitas vezes se viu que o pão lançado sobre as águas foi encontrado após muitos dias.

Capítulo 13: "Venham, crianças"--Três advertências

A primeira delas: lembre-se de quem você está ensinando: "Venham, crianças". Creio que devemos sempre respeitar nossos espectadores. Não quero com isso dizer que devemos nos importar se estamos pregando a pessoas ilustres ou não, ao doutor Fulano de Tal, ao Excelentíssimo Senhor Sicrano, porque à vista de Deus tais títulos são meros detalhes; mas devemos lembrar que estamos pregando a homens e mulheres que têm alma, de modo que não devemos ocupar seu tempo com coisas que não vale a pena ouvirem. Mas quando ensinamos em Escolas Dominicais, a nossa situação é até de

maior responsabilidade que a de um ministro, se é que isso é possível. Ele prega a adultos, homens e mulheres de juízo feito que, se não gostam do que ele prega, podem ir a outro lugar; mas você ensina crianças que não têm a opção de ir a outra parte. Se você as ensina de maneira errada, ela crê em você; se você ensinar heresias, ela as recebe; o que você lhe ensinar agora, será lembrado. Você não está semeando, como alguns dizem, em solo virgem, porque há muito já foi ocupado pelo diabo; mas você está semeando num solo mais fértil agora do que será daqui para a frente--solo que produzirá fruto muito melhor do que fará em dias posteriores. Você está semeando num coração novo, e o que você semeia é bem capaz de ficar lá, especialmente se você ensina o mal, pois isso nunca será esquecido. Você está começando com a criança; cuidado com o que você faz com ela. Não a estrague. Muita criança já foi tratada como as crianças indígenas que tiveram chapas de cobre colocadas na testa para que não crescessem. Há muitos que são simplórios agora porque quem cuidou deles quando pequenos não lhes deram oportunidades de ganhar sabedoria, de modo que, à medida que ficaram adultos, não se importaram com ela.

Cuide bem daquilo que você busca; você está ensinando crianças, importe-se com o que você lhes ensina. Coloque veneno na fonte e contaminará todo o ribeirão. Cuidado com o resultado que você busca! Você está torcendo a árvore nova, e o carvalho velho vai estar curvado por isso. Cuide bem, é com a alma de uma criança que você está mexendo; é a alma de uma criança que você está preparando para a eternidade, se Deus está com você. Minha advertência solene vem da parte de todas as crianças. Realmente, se é assassinato administrar veneno a quem está morrendo, deve ser muito mais criminoso dar veneno à vida juvenil. Se é errado conduzir mal um idoso de cabeça branca, deve ser muito mais, dirigir mal os pés dos jovenzinhos na estrada do erro onde pode ser que caminhem para sempre.

A segunda: lembre-se também de que você está ensinando para Deus. "Venham, crianças, ouçam-me, eu lhes ensinarei o temor do Senhor." Se, como professores, você estivesse ensinando geografia, talvez não os ferisse eternamente você lhes dizer que o pólo Norte fica perto do Equador; ou que a extremidade da América do Sul fica pertinho do litoral da Europa; ou que a Inglaterra fica no meio da África. Mas você não está ensinando geografia, nem astronomia, nem está treinando as crianças para uma vida no comércio deste mundo; está, ao contrário, dando o melhor que pode para ensiná-las para Deus. Fira a mão da criança se for o caso, mas por amor de Deus não fira seu coração. Diga o que quiser sobre coisas temporais; mas em assuntos espirituais, eu lhe rogo, tenha muito cuidado com a maneira como você o dirige. Tome cuidado para ensinar apenas a verdade, só a verdade. Com essa responsabilidade, como é sério o seu trabalho! Aquele que trabalha para si, pode fazer como quiser; mas aquele que trabalha para outras pessoas, precisa cuidar de agradar seu mestre; quem é contratado por um monarca precisa tomar cuidado com o modo como desempenha sua obrigação; mas quem trabalha para Deus deve tremer para não fazer sua tarefa malfeita. Lembre-se de que você está trabalhando para Deus, se você é o que professa ser. Ai! temo que muitos estejam longe de ter essa visão séria do trabalho de um professor de Escola Dominical.

E a terceira: lembre-se de que suas crianças precisam de ensino. "Venham, meus filhos, ouçam-me: eu lhes ensinarei o temor do Senhor." Isso faz seu trabalho um tanto mais solene. Se as crianças não precisassem ser ensinadas, eu não teria motivos para me preocupar que você as ensinasse do modo certo. Trabalhos de super-rogação, trabalhos que não são necessários, os homens podem fazer como quiserem, mas esse trabalho é

absolutamente necessário. Sua criança precisa ser ensinada. Nasceu na iniqüidade; no pecado sua mãe a concebeu. Ela tem um coração mau; não conhece Deus, e nunca conhecerá o Senhor a não ser que seja ensinada a conhecê-lo. Ela não é como uma terra da qual ouvimos falar, que tem semente boa escondida em seus recessos; em vez disso, ela tem semente má em seu coração. Deus pode semear nele uma boa semente. Vocês professam ser instrumentos dele para espalhar a boa semente no coração dessas crianças; lembrem-se, se essa semente não for semeada, a criança será perdida para sempre, sua vida será uma vida de alienação de Deus; e na sua morte o castigo eterno terá que ser sua porção. Muito cuidado, então, como ensinam, lembrando-se da urgente necessidade do caso. Esta não é uma casa que pegou fogo e que precisa de sua ajuda com o hidrante, nem é um navio naufragado que exige seu remo no bote salva-vidas; mas é um espírito imortal clamando para você em voz alta: "Venha e me ajude." Por isso, eu lhe rogo, ensine o temor ao Senhor, e unicamente isso; tenha ansiedade em dizer, e dizer de verdade: "Eu lhe ensinarei o temor ao Senhor."

Capítulo 14: "Venham, crianças"--O convite do salmista (Salmo 34.11)

Não deixa de ser uma coisa singular o fato de que homens bons freqüentemente descobrem o seu dever quando são colocados nas mais humilhantes posições. Nunca na vida de Davi ele esteve em situação pior do que aquela que sugeriu este salmo. O cabeçalho é: "Salmo de Davi, quando ele se fingiu de louco diante de Abimeleque, que o expulsou, e ele partiu". Esse poema teve a intenção de comemorar aquele evento, e foi sugerido pela situação. Davi foi levado diante do rei Aquis, o Abimeleque da Filistia, e para conseguir escapar, fingiu ser louco, acompanhando sua afirmação de loucura com certas ações muito degradantes que bem poderiam parecer dar mostra de insanidade. Ele foi afastado do palácio, e, como é comum, quando tais homens estão na rua, é provável que um bom número de crianças tenha se reunido em volta dele.

A história triste é contada em 1Samuel 21.10-15. Em dias subseqüentes, quando Davi cantou louvores a Jeová, relembrando como ele se tornou o motivo de riso de criancinhas, ele parecia dizer: "Ah, pela minha tolice diante das crianças nas ruas, eu me reduzi na estima de gerações que viverão depois de mim; agora eu procurarei desfazer o dano--'Venham, meus filhos, ouçam-me, eu lhes ensinarei o temor do Senhor'".

É bem possível que, se Davi nunca tivesse estado numa posição dessas, ele jamais tivesse pensado nesse dever; pois não encontro outro salmo em que ele tenha dito: "Venham, meus filhos, ouçam-me." Ele tinha as responsabilidades de suas cidades, suas províncias e sua nação pressionando-o, e em outras ocasiões pode ter dado pouca atenção à educação dos jovens; mas aqui, levado à posição mais ridícula que um homem pode ocupar, tornando-se alguém privado de pensamento racional, ele se lembra de seu dever. O cristão importante ou próspero nem sempre se lembra dos "cordeiros". Essa responsabilidade geralmente é entregue aos Pedros, cujo orgulho e confiança foram esmagados, e que se alegram de terem na prática uma resposta à pergunta do Senhor: "Tu me amas?".

"Venham, meus filhos, ouçam-me; eu lhes ensinarei o temor do Senhor." A doutrina é que as crianças têm capacidade para que lhes seja ensinado o temor do Senhor.

Os homens, em geral, se tornam mais sábios depois de serem mais tolos. Davi havia sido extremamente tolo e, depois, se tornou verdadeiramente sábio; e, sendo assim, não

era provável que ele pronunciasse sentimentos tolos, nem desse instruções que indicariam uma mente fraca. Já ouvimos dizer que as crianças não podem entender os grandes mistérios da religião. Até conhecemos alguns professores de Escola Dominical que cautelosamente evitam mencionar as grandes doutrinas do evangelho, porque acham que as crianças não estão preparadas para recebê-las. Esse mesmo erro também já chegou ao púlpito; pois se acredita hoje, entre certa classe de pregadores, que muitas das doutrinas da Palavra de Deus, embora sejam verdadeiras, não são adequadas para serem ensinadas ao povo, visto que os perverteriam para sua própria destruição. Chega dessas artimanhas sacerdotais! Tudo o que Deus revelou deve ser pregado. Creio e pregarei tudo o que ele revelou, mesmo que eu não seja capaz de entender. Sustento que não há doutrina da Palavra de Deus que uma criança, se for capaz de ser salva, não seja capaz de receber. Às crianças devem ser ensinadas todas as grandes doutrinas da verdade, sem uma única exceção, para que, nos dias vindouros, elas possam retê-las firmemente.

Posso testemunhar que as crianças *sabem* entender as Escrituras; porque tenho certeza de que, quando eu era apenas uma criança, eu poderia ter discutido muitos pontos complicados de teologia controvertida, já que eu havia escutado ambos os lados da questão afirmados livremente no círculo dos amigos de meu pai. Na verdade, as crianças são capazes de entender algumas coisas bem cedo, que nós mal entendemos mais tarde. Elas têm sobretudo uma simplicidade de fé, e a simplicidade de fé é parecida com a mais alta sabedoria; de fato, nós desconhecemos se há grande distinção entre a simplicidade de uma criança e o gênio da mente profunda. As pessoas que recebem as coisas com simplicidade, como uma criança, muitas vezes terão idéias que alguém que costuma fazer silogismo de todo assunto nunca chegará a ter. Se você deseja saber se as crianças podem ser ensinadas, eu lhe indicarei muitas delas em nossas igrejas, e em famílias piedosas--não crianças prodígios, mas como as que vemos freqüentemente--Timóteos e Samuéis, e garotinhas também, que cedo conheceram o amor de um Salvador. Se uma criança pode se perder, ela também é capaz de ser salva. Se pode pecar, pode, se a graça de Deus a ajudar, crer e receber a Palavra de Deus. Se pode aprender o mal, tenha certeza de que são competentes, sob o ensino do Espírito Santo, para aprender o bem.

Nunca entre na sua classe com a idéia de que as crianças não podem compreendê-lo; porque se você não consegue fazer com que elas o compreendam, é possível que seja porque você mesmo não compreende; se você não ensina as crianças aquilo que quer que elas aprendam, talvez seja porque você não esteja apto para a tarefa; você deve usar palavras mais simples, mais adequadas à capacidade delas, e então descobrirá que não foi um problema da criança, mas sim do professor, se ela não aprendeu. Entenda que as crianças são capazes de salvação. Aquele que, na soberania divina, recuperou um pecador de cabeça branca do erro de seus hábitos, pode mudar uma criancinha para que ela abandone seus maus costumes juvenis. Aquele que, na décima primeira hora, acha homens desocupados e os manda para sua vinha, pode chamar e chama homens no raiar do dia para trabalhar por ele. Aquele que pode mudar o curso de um rio quando já correu muito e tornou-se uma enchente poderosa, pode controlar um riozinho recém-nascido que salta de sua fonte-berço, e fazer com que corra no leito que ele deseja. Ele pode fazer todas as coisas. Pode trabalhar no coração das crianças segundo a sua vontade, pois todas estão sob o seu controle.

Não vou estabelecer a doutrina porque não creio que exista alguém que possa duvidar disso. O meu medo, no entanto, é que muitos não esperam ter notícia de que as crianças estejam sendo salvas. Em todas as igrejas, tenho notado uma espécie de repugnância diante de qualquer coisa que se pareça com piedade infantil. Assustamo-nos com a idéia de um menino pequeno amar a Cristo; e se ouvimos falar de uma menina pequena seguir o Salvador, dizemos que é uma imaginação infantil, uma impressão que vai definhar. Eu lhes rogo, nunca suspeite da piedade dos pequenos. É uma planta muito nova, não a trate com mão pesada. Há algum tempo, me contaram um caso que me parece verídico. Uma menina, de 5 ou 6 anos, que amava Jesus de verdade, pediu à mãe se podia se tornar membro da igreja. A mãe lhe disse que ela era muito nova, e a pobrezinha ficou triste demais. Depois de algum tempo, a mãe, que viu que a piedade estava no coração da criança, falou com o pastor sobre o assunto. O pastor conversou com a criança, e disse à mãe: "Estou completamente convencido da piedade dela, mas não posso recebê-la na igreja, ela é nova demais." Quando a criança ouviu isso, uma melancolia estranha marcou seu rosto, e, na manhã seguinte, quando a mãe foi até sua caminha, ela estava deitada com uma lágrima nos olhos, morta de pura tristeza; seu coração tinha sido partido porque não podia seguir seu Salvador e fazer o que ele lhe mandara fazer. Eu não teria matado essa criança! Tenha muito cuidado com a forma como você trata a piedade juvenil. Seja delicado com ela. Creia que as crianças podem ser salvas tanto quanto você. Eu creio firmemente na salvação de crianças. Quando você vir o coração infantil levado ao Salvador, não se afaste e não use de um tom duro e que desconfia de tudo. Às vezes, é melhor ser enganado do que ser o meio de ofender um desses pequeninos que crêem em Jesus. Deus manda ao seu povo uma crença firme de que botõezinhos de graça merecem todo o cuidado!

Capítulo 15: Os dois incentivos do rei Davi aos pais e mestres

O primeiro incentivo é o do exemplo piedoso. Davi disse: "Venham meus filhos, ouçam-me; eu lhes ensinarei o temor ao Senhor." Você não teme andar nos passos de Davi, teme? Você não fará objeção quanto a seguir o exemplo de uma pessoa que foi muito santo e, depois, muito grande. Será que o pastorzinho, o matador do gigante, o doce salmista de Israel, o poderoso monarca, deixa pegadas em que você é orgulhoso demais para pisar? Oh, não! Você se agradará, eu sei, de ser como Davi era. Se quiser, no entanto, um exemplo ainda superior ao de Davi, ouça o filho de Davi enquanto de seus lábios fluem doces palavras: "Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam, pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas" (Mt 19.14). Estou certo de que você se sentiria incentivado se sempre pensasse nesses exemplos.

Vocês que ensinam crianças não são desonrados por essa ocupação. Alguns poderão dizer: "Você é só um(a) professor(a) de Escola Dominical", mas você é uma pessoa nobre, que tem uma ocupação honrosa, e teve antecessores ilustres. Nós gostamos de ver pessoas de alguma projeção na sociedade se interessando por escolas dominicais. Um grande defeito em muitas de nossas igrejas é que as crianças são deixadas aos cuidados dos jovens; os membros mais velhos, que têm mais sabedoria, lhes dão pouca atenção; e muitas vezes os membros mais endinheirados ficam de lado como se o ensino dos pobres não fosse (mas na verdade é) responsabilidade especial dos ricos. Almejo ver o dia em que os poderosos de Israel serão encontrados cooperando nessa grande guerra contra o inimigo. Nos Estados Unidos, já soubemos de presidentes, juízes, membros do Congresso e pessoas de posições elevadas, não condescendendo, porque eu recuso usar tal termo, mas honrando a si mesmos ao ensinar criancinhas em Escolas Dominicais.

Quem ensina uma classe numa Escola Dominical já ganhou um bom diploma. Prefiro receber um título de professor de Escola Dominical do que um título de mestre, bacharel ou qualquer outra honra conferida por homens. Então, se anime, pois seus deveres são muito honrados. Que o exemplo monárquico de Davi e o exemplo divino de Jesus Cristo o inspirem com nova diligência e crescente ardor, com perseverança confiante e duradoura, a prosseguir ainda mais em seu trabalho abençoado, dizendo como fez Davi: "Venham, meus filhos, ouçam-me; eu lhes ensinarei o temor ao Senhor."

O segundo é o incentivo de grande sucesso. Davi disse: "Venham, crianças, ouçam-me"; ele não acrescentou "talvez eu lhes ensine o temor ao Senhor", e sim, "eu as *ensinarei*". Ele obteve êxito; ou, se não, outros obtiveram. O êxito das Escolas Dominicais! Se eu começar a falar disso, terei um tema sem fim; portanto, não começarei. Muitos volumes poderiam ser escritos sobre o assunto, e depois de todos escritos, poderíamos dizer: "Suponho que nem o mundo todo poderia caber tudo que poderia ser escrito." Lá em cima, onde as hostes estreladas cantam perpetuamente os altos louvores de Deus, lá onde a multidão vestida de branco lança suas coroas aos pés dele, veremos o sucesso das escolas dominicais. Ali, também, onde milhões de crianças se reúnem domingo após domingo para cantar "Louvai e adorai-o, todas as crianças, Deus é amor", vemos com alegria o êxito das escolas dominicais. E aqui no norte, em quase todos os púlpitos de nossa terra, e ali nos bancos onde os diáconos estão, e membros piedosos se unem a eles em culto, vê-se o êxito das escolas dominicais. E bem longe, do outro lado daquele oceano imenso, nas ilhas do Sul, em terras onde moram aqueles que se curvam diante de blocos de madeira e pedra, há missionários que foram salvos nessas escolas, e os milhares, abençoados por seus esforços, contribuem para aumentar a corrente poderosa do incalculável, e quase disse do infinito, sucesso da instrução da escola dominical. Continuem com seu culto sagrado; muito já foi feito, mas mais será feito ainda. Que todas as suas vitórias passadas os inflamem com novo ardor, que a lembrança de seus triunfos em campanhas anteriores e todos os troféus ganhos pelo seu Salvador no campo de batalha do passado sejam seu incentivo para correr em frente com o dever do presente e do futuro.

A infância e a Bíblia sagrada (2 Timóteo 3.15)

Paulo ensinou o evangelho ao jovem Timóteo; ele não só o fez ouvir sua doutrina como o fez ver sua prática. Não podemos forçar a verdade sobre os homens, mas podemos tornar nosso ensino claro e decidido, de modo que nossa vida seja coerente com ela. A verdade e a santidade são os antídotos mais corretos para o erro e a impiedade. O apóstolo disse a Timóteo: "Permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste."

Ele então enfatizou outro remédio forte que tem sido de grande serventia para o jovem pregador - o conhecimento das Escrituras Sagradas desde criança. Isso foi para o jovem Timóteo uma de suas melhores salvaguardas. Seu treinamento o mantinha como âncora, e o salvava da terrível deriva da época. Moço feliz, de quem o apóstolo pôde dizer: "Desde a infância sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus!"

Para estar preparado para o conflito que vem pela frente, temos só que pregar o evangelho, e viver o evangelho; e também cuidar de ensinarmos às crianças a Palavra do Senhor. E isso é especialmente importante, pois é pela "boca dos pequeninos e das

crianças de peito" que Deus silenciará o inimigo. É tolice sonhar que o aprendizado humano precisa ser enfrentado com aprendizado humano, ou que Satanás deve expulsar Satanás. Não. Erga a serpente de bronze onde quer que as serpentes ardentes estiverem picando as pessoas, e os homens olharão para ela e viverão. Tire de casa as crianças, e erga-as ao alto, e volte seus olhinhos para o medicamento divinamente ordenado; pois ainda há vida em um olhar--vida em contraste com os variados venenos da serpente que agora estão envenenando o sangue dos homens. Afinal, não há cura para a escuridão da meia-noite senão o sol do raiar do dia, não há esperança para o mundo em trevas senão naquela luz que ilumina todo homem. Brilhe, ó, sol da justiça, e desaparecerão a névoa, a nuvem da neblina e o escuro. Mantenha os planos apostólicos e confie plenamente no sucesso apostólico. Pregue para Cristo; pregue a Palavra na estação própria e fora de estação: e ensine as crianças. Um dos métodos principais para evitar o joio nos campos delas, é semeá-las cedo com trigo.

O trabalho da graça de Deus em Timóteo começou com instrução bem cedo--"Desde a infância sabes as sagradas letras."

Observe o tempo para a instrução. A expressão "desde a infância" é melhor entendida como sendo "desde criancinha". Não significa uma criança crescida, ou jovem, mas sim uma criança bem pequenina. Desde criancinha Timóteo conheceu os escritos sagrados. Essa expressão é usada, sem dúvida, para mostrar que nunca é cedo demais para começar a preencher a mente de nossos filhos com conhecimento bíblico. Os bebês recebem impressões muito antes de ficarmos cientes do fato. Durante os primeiros meses da vida de uma criança, ela aprende mais do que imaginamos. Aprende bem cedo o amor de sua mãe, e sua própria dependência. E se a mão for sábia, aprende o que significa obediência, e a necessidade de ceder sua vontade a uma vontade superior. Essa pode ser a nota tônica de toda sua vida futura. Se ela aprende obediência e submissão cedo, isso pode evitar mil lágrimas dos olhos da criança, e outras tantas do coração da mãe. Perde-se uma posição de vantagem quando até mesmo a primeira infância é deixada sem esse cultivo.

A Bíblia pode ser aprendida por crianças logo que sejam capazes de entender qualquer coisa. É notável o fato, que tenho ouvido de muitos professores, de que as crianças aprendem a ler pela Bíblia melhor do que por qualquer outro livro. É difícil saber porque isso acontece, talvez seja pela simplicidade da linguagem; mas eu acho que isso é verdade. Um fato bíblico pode ser compreendido e, muitas vezes, um incidente da história comum é esquecido. Há uma adaptação dentro da Bíblia para pessoas de todas as idades, e, sendo assim, ela tem uma adequação para crianças. Erramos quando achamos que precisamos começar com outra coisa e depois chegar às Escrituras. A Bíblia é o livro para o raiar do dia. Partes dela estão acima do entendimento da criança, pois estão acima da compreensão dos mais avançados entre nós. Há profundidades nela em que leviatã pode nadar; mas há também ribeirões em que um cordeiro pode caminhar na água. Mestres sábios saberão conduzir seus pequeninos aos pastos verdes junto às águas de descanso.

Eu notava, na vida daquele homem de Deus cuja falta pesa sobre muitos de nossos corações, o conde de Shaftesbury, que suas primeiras impressões religiosas foram produzidas por uma senhora humilde. As impressões que o fizeram homem de Deus e amigo do homem foram recebidas no quarto de criança. O pequeno lorde Ashley teve uma ama piedosa que lhe falava das coisas de Deus. Ele nos conta que ela morreu antes

que ele completasse 7 anos, prova evidente de que cedo na vida seu coração fora capaz de receber o selo do Espírito de Deus, de recebê-lo por meio de uma instrumentalidade humilde. Bendita entre as mulheres foi aquela cujo nome desconhecemos, mas que prestou serviço inestimável para Deus e o homem pelo seu ensino santo da criança eleita. Babás jovens, notem isso.

Dê-nos os primeiros 7 anos de uma criança, com a graça de Deus, e poderemos desafiar o mundo, a carne e o diabo a estragar aquela alma imortal. Nesses primeiros anos, enquanto o barro está macio e moldável, vão longe para decidir o formato do vaso. Não diga que sua posição, vocês que ensinam os novos, fica um inferior àquela das pessoas cuja maior ocupação é com pessoas mais velhas. Não, vocês têm os primeiros tempos deles, e suas impressões, como vêm primeiro, serão duradouras, e que possam ser boas, somente boas! Entre os pensamentos que vêm a um idoso antes de ele entrar no céu, os mais numerosos são aqueles que antes conheceram quando se sentava no colo de sua mãe. Aquilo que fez com que o Dr. Guthrie pedisse um "hino de criança" quando estava morrendo, é apenas um instinto de nossa natureza que nos leva a completar o círculo, dobrando juntas as pontas da vida. As coisas que são caras à infância são as mais queridas da velhice. Livramo-nos de uma parte da serpentina que nos rodeia e atrapalha, e voltamos a nossos seres mais naturais; e por isso os velhos cantos estão sobre nossos lábios, e os velhos pensamentos estão em nossas mentes. Os ensinos de nossa infância deixam impressões definidas e distintas na mente, que permanecem depois que setenta anos já passaram. Cuidemos que tais impressões sejam feitas para os mais altos propósitos.

É bom *notar a admirável seleção de instrutores*. Não ficamos sem saber quem instruiu o jovem Timóteo. No primeiro capítulo desta epístola, Paulo fala: "Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe Eunice; e estou convencido de que também habita em você" (2Tm 1.5). Sem dúvida, a avó Lóide e a mãe Eunice se uniram para ensinar o pequeno. Quem deve ensinar as crianças senão os pais? O pai de Timóteo era grego, e provavelmente um pagão, mas seu filho dele foi feliz por ter uma avó venerável, tantas vezes a mais querida de todos os parentes de uma criança. Tinha também uma mãe graciosa, antes uma judia devota, e depois também uma cristã de fé firme, que fez seu prazer diário ser ensinar ao seu próprio filho a Palavra do Senhor. Ó, mães queridas, Deus lhes confiou uma obrigação sagrada muito grande! Com efeito, ele disse a cada uma de vocês: "Leve este menino e cuide dele para mim, e eu lhe pagarei por isso" (Êx 1.8b).

Você é chamada a equipar o futuro homem de Deus, para que ele possa ser equipado para toda boa obra. Se Deus o poupar, você poderá viver para ouvir no futuro esse menino falando para milhares de pessoas, e terá a doce reflexão em seu coração de que os ensinamentos tranqüilos do quarto do menino levaram o homem a amar a seu Deus e a servi-lo. Aqueles que acham que uma mulher presa em casa por sua pequena família não faz nada pensam o contrário do que é verdade. Dificilmente uma mãe piedosa pode deixar o lar para ir a um lugar de culto; mas não pense que ela se perde para o trabalho da igreja; longe disso, ela faz o melhor trabalho possível para seu Senhor. Mães, o treinamento piedoso de seus filhos é sua primeira e mais premente obrigação. Mulheres cristãs, ao ensinar a Bíblia às crianças, estão cumprindo seu papel para o Senhor tanto como Moisés ao julgar Israel, ou Salomão ao construir o templo.

Capítulo 17: Testemunhas para Deus convertidas na mocidade (1Reis 18.12)

Duvido que Elias tenha apreciado muito Obadias. Ele não o trata com nenhuma consideração, ao contrário, fala com ele mais rispidamente do que se imaginaria de um irmão na fé. Elias era o homem de ação--corajoso, sempre à frente, sem nada a ocultar; Obadias era um crente quieto, verdadeiro e firme, mas numa posição muito difícil, e por isso constrangido a fazer sua obrigação de maneira menos aberta. A fé que tinha no Senhor movia sua vida, mas não o impulsionava a sair da corte do rei. Mesmo depois que Elias soube mais como ele era, nessa entrevista, Elias fala acerca do povo de Deus como se não contasse muito com Obadias e com outras pessoas semelhantes. Ele diz para Deus: "Quebraram os teus altares, e mataram os teus profetas à espada. Sou o único que sobrou, e agora também me procuram para matar-me" (1Re 19.14b). Ele sabia muito bem que Obadias estava vivo, e que, embora não fosse exatamente um profeta, era um homem de destaque; mas parece ignorá-lo como se fosse de pequena estatura no grande embate. Talvez porque Elias, homem de ferro, profeta de fogo e trovão, servo poderoso do Altíssimo, desse pouco valor a alguém que não assumisse uma posição de realce e lutasse igual a ele. A tendência de mentes corajosas e zelosas é valorizar menos a piedade discreta, reservada. Servos fiéis de Deus e aceitos por ele podem dar o melhor de si sob grandes desvantagens, contra forte oposição, e não serem reconhecidos, e podem mesmo evitar até o menor reconhecimento; portanto, homens que vivem na luz feroz da vida pública poderão subestimá-los. Esses astros menores ficam perdidos no brilho do homem a quem Deus ilumina como um novo Sol para flamejar na escuridão. Elias flamejava no céu de Israel como um raio com trovão vindo da mão do Eterno, e naturalmente ele seria um tanto impaciente com aqueles cujos movimentos eram mais lentos e menos aparentes. É Marta e Maria de novo, em alguns aspectos.

O Senhor não ama que seus servos, por maiores que sejam, pensem pouco de seus companheiros menores, e me ocorre que ele tenha arranjado as coisas de maneira que Obadias se tornasse importante para Elias quando ele tinha de enfrentar o rei irado de Israel. Solicitou-se ao profeta que se apresentasse a Acabe, e ele o faz; mas julga ser melhor começar mostrando-se ao governador do palácio, para que ele leve a notícia a seu mestre, o rei, e o prepare para a entrevista. Acabe estava nervoso com os resultados terríveis da longa seca e poderia, na sua fúria, tentar matar o profeta, e como tem tempo para reconsiderar, pode se acalmar um pouco.

Elias tem uma entrevista com Obadias, e manda que este vá e diga a Acabe: "Eis aí Elias." Às vezes, o caminho mais curto para atingirmos o nosso objetivo pode dar algumas voltas. Mas é notável que Obadias seja útil para um homem tão superior a ele. Ele, que nunca temeu enfrentar reis, se vê usando como ajudante um indivíduo muito mais tímido do que ele.

Aprendemos mais pela narrativa que Deus nunca se deixa ficar sem testemunhas neste mundo. Sim, e não se deixará ficar sem testemunhas nos lugares piores do mundo. Que moradia horrível para um crente verdadeiro deve ter sido a corte de Acabe! Mesmo que não houvesse outro pecador lá, além daquela mulher Jezabel, ela já seria suficiente para tornar o lugar uma poça de iniqüidade. Aquela rainha sidônia, decidida e orgulhosa, fazia o que queria com o pobre Acabe. Talvez ele jamais tivesse sido o perseguidor que foi se sua esposa não o tivesse instigado; mas ela detestava intensamente o culto de Jeová e desprezava a simplicidade de Israel comparada com o estilo mais pomposo dos sidônios. Acabe devia ceder às suas exigências imperiosas, pois ela não aceitava

contradições, e quando seu espírito altivo se levantava ela desafiava toda oposição. Contudo, naquela mesma corte onde Jezabel era senhora, o mordomo era um homem que temia muito a Deus. Nunca se surpreenda por encontrar um crente em qualquer parte. A graça pode viver onde você nunca esperaria vê-la sobreviver por uma hora.

José temeu a Deus na corte do faraó; Daniel foi um conselheiro de confiança de Nabucodonosor; Mordecai esperou na porta do rei Xerxes; a esposa de Pilatos rogou pela vida de Jesus; e haviam santos na casa de César. Ima-gine, então, encontrar diamantes de excelente qualidade no palácio imundo de Nero. Aqueles que temiam a Deus em Roma não só foram cristãos, como foram exemplos para todos os outros cristãos pelo seu amor fraterno e sua generosidade. Certamente, não há lugar nesta terra onde não haja alguma luz: a caverna de iniqüidade mais escura tem sua tocha. Não tema; você pode achar seguidores de Jesus dentro do território do Pandemônio. No palácio de Acabe, você encontra um Obadias que se alegra em manter comunhão com santos desprezados, e deixa a assembléia de um monarca pelos esconderijos de ministros perseguidos.

Essas testemunhas de Deus muitas vezes são pessoas convertidas na mocidade. Ele parece deleitar-se em fazer estes seus porta-bandeiras especiais no dia da batalha. Veja Samuel! Quando Israel se aborreceu com a maldade dos filhos de Eli, a criança Samuel ministrava diante do Senhor. Veja Davi! Quando é apenas um pastorzinho, ele acorda os ecos dos montes solitários com seus salmos e o acompanhamento da música de sua harpa. Veja Josias! Quando Israel se revoltou, foi uma criança chamada Josias que quebrou os altares de Baal e queimou os ossos de seus sacerdotes. Daniel era apenas um rapaz quando se postou pela pureza e por Deus. O Senhor tem hoje - não sei onde--um pequeno Lutero no colo de sua mãe, um pequeno Calvino aprendendo na escola dominical, um jovem Zuínglio cantando um hino a Jesus. Esta era pode se tornar cada vez pior; às vezes, creio que se tornará mesmo, porque muitos sinais apontam para isso; mas o Senhor está preparado para ela.

Os dias são turvos e pressagiam o mal; e esse entardecer pode tornar-se cada vez mais escuro e ser uma noite mais negra que nunca; mas a causa de Deus está segura nas mãos de Deus. Seu trabalho não demorará por falta de homens. Não estenda a mão de Uzias para firmar a arca do Senhor; ela passará em segurança no caminho predestinado de Deus. Cristo não falhará nem ficará desanimado. Deus enterra seus servos, mas sua obra continua viva. Se não houver no palácio um rei que honre a Deus, ainda será encontrado ali um governador que desde a mocidade teme ao Senhor, que cuidará dos profetas do Senhor, e os ocultará até que venham dias melhores. Portanto, tenham coragem, e aguardem horas mais felizes. Nada de valor real está em perigo enquanto Jeová está no trono. As reservas do Senhor estão se apresentando, e seus tambores rufam a vitória.

Capítulo 18: Piedade "desde a juventude" em Obadias

Obadias possuiu *piedade cedo*--"Eu, que sou teu servo, tenho adorado o Senhor desde a minha juventude" (1Re 18.12). Ah, que todas as nossas crianças cheguem à idade adulta, homens e mulheres, e possam falar a mesma coisa! Felizes são as pessoas que estão em tal situação!

Como Obadias veio a temer o Senhor na juventude, nós não podemos saber. O instrutor por meio de quem ele foi levado à fé em Jeová não é mencionado. Contudo, é razoável

concluirmos que ele teve pais crentes em Deus. Por menor que possa parecer a prova, acho que é bastante firme quando eu lhes faço lembrar *seu nome*. Naturalmente, deve lhe ter sido dado pelo seu pai ou sua mãe, e como significa "o servo de Jeová", creio que indicava a piedade de seus pais. Nos dias em que existia perseguição em toda parte contra os fiéis, e o nome de Jeová estava sendo desprezado porque os bezerros de Betel e as imagens de Baal estavam expostos em toda parte, não acho que pais incrédulos teriam dado ao filho o nome que significasse "o servo de Jeová", se eles não sentissem reverência diante do Senhor. Não teriam sem motivo se exposto aos comentários de seus vizinhos idólatras e à inimizade dos grandes. Numa época em que nomes significavam alguma coisa, eles o teriam chamado de "o filho de Baal", ou de "o servo de Camos", ou de qualquer outro nome que expressasse reverência aos deuses populares, se o temor de Deus não estivesse diante de seus olhos. Para mim, a escolha desse nome revela seu desejo sincero de que seu menino pudesse crescer para servir a Jeová, e nunca dobrar os joelhos diante dos detestados ídolos da rainha sidônia. Quer tenha ou não sido assim, é bem certo que milhares dos crentes mais inteligentes devem sua primeira inclinação para a piedade às doces associações do lar. Quantos de nós poderíamos ter tido um nome como o de Obadias; pois nem bem vimos a luz, nossos pais procuraram nos iluminar com a verdade. Fomos consagrados ao serviço de Deus antes de sabermos que existia um Deus. Muita oração comovida e sincera foi feita sobre nossa fronte infantil e selou-nos para o céu; fomos amamentados na atmosfera de devoção; quase nenhum dia passava sem que insistissem conosco para que fôssemos fiéis servos de Deus, e ainda jovens pediam que buscássemos a Jesus e déssemos nosso coração a ele.

Se Obadias não teve pais cheios de graça, não posso lhes dizer como ele veio a ser um crente no Senhor naqueles dias tristes, a não ser que tenha chegado a ter a companhia de algum professor bondoso, alguma ama gentil, ou talvez um bom servo na casa de seu pai, ou quem sabe um vizinho piedoso, que ousou reunir criancinhas à sua volta e contar-lhes sobre o Senhor Deus de Israel. Alguma santa mulher pode ter instilado a lei do Senhor em sua mente juvenil antes que os sacerdotes de Baal pudessem envenená-la com suas mentiras. Nenhuma menção é feita em relação à conversão desse homem em sua juventude, e não faz mal, faz? Você e eu não queremos ser mencionados se nós somos servos de Deus de coração correto.

Essa piedade juvenil de Obadias teve as marcas da sinceridade. O modo como ele a descreveu é bastante instrutivo. "Tenho adorado o Senhor desde a minha juventude." Quase não me lembro em minha vida toda de ter ouvido a piedade de crianças descrita em conversa comum nesses termos, mas é expressão comum nas Escrituras. Nós dizemos: "A criança querida amava a Deus." Falamos delas "ficarem tão felizes" etc., e não questiono se a linguagem está certa; o Espírito Santo fala do "temor do Senhor" como sendo "o princípio da sabedoria"; e Davi diz: "Venham crianças, ouçam-me: eu lhes ensinarei o temor do Senhor." As crianças receberão muita alegria pela sua fé no Senhor Jesus, mas, essa alegria, se é verdadeira, está cheia de reverência humilde e admiração pelo Senhor.

Nem é preciso que eu lhes fale das vantagens da piedade vir cedo. Vou, no entanto, fazer um resumo. Ser crente em Deus cedo na vida é ser salvo de mil arrependimentos. Esse indivíduo nunca precisará dizer que leva nos ossos os pecados de sua mocidade. Desde cedo, a piedade nos ajuda a formar associações importantes para o resto da vida e também nos salva daquelas que são prejudiciais. O moço cristão não cairá nos pecados

que são comuns aos homens novos, e não estragará a saúde de seu corpo com excessos. Provavelmente, se casará com uma mulher cristã, e assim terá uma companheira santa em sua marcha em direção ao céu. Escolherá como compa-nheiros aqueles que serão seus amigos na igreja e não no bar; seus ajudantes na virtude, e não seus tentadores no vício. Muita coisa depende de quem escolhemos como companheiros quando começamos a vida. Se começamos em má companhia, é difícil mudar. O homem levado a Cristo cedo na vida tem essa vantagem, ele é ajudado a formar hábitos santos e é salvo de se tornar escravo dos hábitos contrários. Hábitos logo se tornam parte de sua natureza; formar novos é difícil; mas aqueles formados cedo na vida permanecem na velhice. Tem sentido o verso:

É mais fácil começar,
Conforme Cristo disse;
Quem se acostuma a pecar
Não muda na velhice.

Estou certo de que é assim. E mais, noto que, com freqüência, aqueles que são levados a Cristo quando novos crescem na graça mais rapidamente, mais prontamente do que outras pessoas. Não têm tanta coisa para desaprender, e nem têm um peso tão grande de antigas memórias para carregar. Essas pessoas escapam das cicatrizes e feridas abertas que vêm de ter passado anos a serviço de Satã, porque Deus as traz para sua igreja antes de terem andado longe no mundo.

Por isso, recomendamos a piedade cedo na vida. A graça fica mais bonita nos jovens. Aquilo que não seria notado no homem crescido nos chama a atenção imediatamente quando visto numa criança. A graça numa criança tem uma força convincente; o infiel larga a arma e admira. Uma palavra dita por uma criança fica na memória, e sua naturalidade no jeito toca o coração. Quando o sermão do ministro falha, a oração da criança pode obter vitória. E mais, a religião nas crianças sugere encorajamento àqueles de anos mais maduros; pois outros, vendo o pequeno salvo dizem de si para si: "Por que nós também não vamos achar o Senhor?" Com um certo poder secreto isso abre portas fechadas, e dá uma volta na chave na fechadura da descrença. Onde nenhuma outra coisa pode ganhar entrada para a verdade, o amor de uma criança realiza isso. Ainda é verdade: "Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador" (Sl 8.3).

Capítulo 19: Obadias e Elias

A piedade jovem conduz à piedade perseverante. Obadias pôde dizer: "Tenho adorado o Senhor desde a minha juventude." O tempo não o havia mudado: qualquer que tenha sido sua idade, sua religião não deteriorara. Todos nós gostamos de novidade, e já vi alguns homens caírem no mal, como se fosse por uma mudança. Não se trata de se queimar até a morte no martírio que é a obra dura; tostar-se perto de um fogo lento é um teste de firmeza muito mais terrível. Continuar com graça durante uma longa vida de tentação é ser gracioso de fato. Pois a graça de Deus converter um homem como Paulo, que está cheio de ameaças contra os santos, é uma grande maravilha; mas a graça de Deus preservar um crente por dez, vinte, trinta, quarenta, cinqüenta anos, é milagre igualmente grande e merece mais de nosso louvor do que geralmente ganha. Obadias não foi afetado pela passagem do tempo; ele foi visto quando velho o que era quando jovem.

Nem foi ele levado pela moda daqueles tempos maus. Ser servo de Jeová era considerado coisa desprezível, antiga, ignorante, coisa do passado; o culto a Baal era o "pensamento moderno" da hora. Toda a corte andava atrás do deus de Sidon, e todos os cortesãos iam pelo mesmo caminho. Meu lorde adorava Baal, e minha dama adorava Baal, porque a rainha adorava Baal; mas Obadias disse: "Tenho adorado o Senhor desde a minha juventude." Bendito é o homem que não se importa com a moda, pois ela passa. Se por um tempo ela se entusiasma pelo erro, o que faz o homem crente senão permanecer firmemente com o certo? Obadias nem era afetado pela ausência dos meios de graça. Os sacerdotes e levitas tinham fugido para Judá, e os profetas foram mortos ou tiveram de se esconder, e não havia culto público de Jeová em Israel. O templo estava lá longe em Jerusalém; portanto, ele não tinha oportunidade de ouvir qualquer coisa que pudesse fortalecê-lo ou incentivá-lo; contudo, mantinha seu curso.

Além disso, havia as dificuldades de sua posição. Ele era mordomo do palácio. Se tivesse agradado Jezabel e adorado Baal, talvez se sentisse mais seguro em sua posição, pois teria patrocínio real; mas estava ali, governador na casa de Acabe, mas temente a Jeová. Deve ter tido que caminhar muito delicadamente, e vigiar bem suas palavras. Imagino que ele tenha se tornado uma pessoa muito cautelosa, e que tivesse um pouco de medo mesmo de Elias, esperando que não lhe desse uma ordem que pudesse levar à sua destruição. Tornou-se extremamente prudente, e olhava as coisas em volta para nem comprometer sua consciência nem pôr em perigo sua posição.

É preciso ser um homem notavelmente sábio para fazer isso, mas aquele que pode fazê-lo deve ser louvado. Ele não fugiu de sua posição, nem retrocedeu de sua religião. Se tivesse sido forçado a fazer coisa errada, tenho certeza de que teria imitado os sacerdotes e levitas, e fugido para Judá, onde o culto a Jeová continuava; mas sentiu que, sem ceder à idolatria, podia fazer algo a favor de Deus em sua posição avantajada, e assim se determinou a ficar e a lutar até o fim.

Quando não há esperança de vitória, você pode resolver se retirar; mas é um bravo homem aquele que, quando a corneta soa o toque de retirada, não o ouve, que põe seu olho cego à luneta e não pode ver o sinal de cessar fogo, mas segura sua posição contra todas as probabilidades, e causa todo o prejuízo possível ao inimigo. Obadias foi um homem que na verdade "segurou o forte", pois sentiu que quando todos os profetas estavam condenados por Jezabel, era papel dele ficar perto da tigre fêmea e salvar a vida de pelo menos cem servos de Deus do poder cruel dela. Se não pudesse fazer mais, com isso já não teria vivido em vão. Admiro o homem cujo poder decisivo é igual à sua prudência, embora eu tivesse temido muito ocupar um lugar tão perigoso. O caminho que seguia era equivalente a andar na corda bamba com Blondim.

Eu mesmo não gostaria de tentar isso, nem recomendo que alguém tente um feito tão difícil. O papel de Elias é muito mais seguro e grandioso. O curso do profeta era simples; não tinha de agradar, e sim de reprovar Acabe; e não tinha que ser cauteloso, mas agir de um modo ousado e forte pelo Deus de Israel. Quanto parece ser o homem mais importante quando os dois estão de pé juntos diante de todos nós. Obadias cai com o rosto na terra e o chama "Meu senhor Elias"; e estava certo, porque era seu inferior. Mas eu preciso não cair moralmente na veia de Elias para que não precise deter-me com uma parada brusca. Foi um grande feito Obadias poder gerenciar a casa de Acabe com Jezabel nela, e mesmo assim, com tudo isso, ganhar essa comenda do Espírito de Deus, que *ele temia ao Senhor grandemente*.

Ele perseverou, também, não se opondo ao seu sucesso na vida; e isso é crédito dele. Nada há mais perigoso para um homem do que prosperar neste mundo, e tornar-se rico e respeitável. Naturalmente, nós o desejamos, lutamos por isso; mas quantos que, ao ganhar, têm perdido tudo, quanto à riqueza espiritual! Antes, o homem amava o povo de Deus, e agora diz: "São uma classe vulgar de pessoas." Conquanto pudesse ouvir o evangelho, ele não se importava com a arquitetura do prédio da igreja; mas agora que se tornou crítico de arte, precisa ter uma torre, arquitetura gótica, um púlpito de mármore, trajes sacerdotais, um belo jardim, e toda sorte de coisas bonitas. À medida que encheu o bolso, esvaziou o coração. Ficou longe da verdade e dos princípios ao prosperar quanto aos bens materiais. É um negócio ruim, que em certo tempo ele teria sido o primeiro a condenar. Não há nobreza nessa conduta; é covarde até o último grau.

Deus nos salve dessa situação; mas muitas pessoas não são salvas dela. Sua religião não é matéria de princípios, mas matéria de interesses: não é a busca da verdade, mas uma ansiedade por alta sociedade, seja isso o que for; não é seu objetivo glorificar a Deus, mas obter maridos ricos para as filhas; não é a consciência que os guia, mas a esperança de poder convidar um nobre cavaleiro para jantar com eles, e poder comer na mansão dele depois. Não pense que é sarcasmo meu: falo com tristeza de coisas que deixam a pessoa envergonhada. Ouço falar delas diariamente, embora não me afetem pessoalmente. Vivemos uma época de maldades disfarçadas sob a noção de respeitabilidade. Deus nos envie homens do calibre de John Knox, ou, se preferir, do metal inquebrável de Elias; e se esses provarem ser muito duros e sérios podemos nos contentar com homens como Obadias. É possível que estes sejam mais difíceis de produzir do que os Elias: mas com Deus, todas as coisas são possíveis.

Obadias, com sua graça precoce e decisão perseverante, tornou-se um homem de piedade eminente, e isso é mais admirável considerando o que ele era e onde estava. Piedade eminente em um lorde da corte de Acabe! Essa é mesmo uma maravilha da graça. A religião desse homem era intensa dentro dele. Se ele não fazia o uso aberto dela que Elias fazia, é que não tinha sido chamado para tal carreira, mas ela residia fundo em sua alma, e os outros sabiam disso. Jezabel o sabia, sem dúvida nenhuma. Ela não gostava dele, mas precisava suportá-lo; olhava-o de lado, mas não podia desalojá-lo. Acabe aprendera a confiar nele e não podia passar sem ele, pois provavelmente lhe fornecia um pouco de força de mente. É possível que Acabe gostasse de segurá-lo só para mostrar a Jezabel que ele podia ser teimoso se quisesse, e ainda era um homem.

Qualquer que seja a explicação, é fora do comum que no centro da rebelião contra Deus houvesse alguém cuja devoção a Deus fosse intensa. Como é horrível achar um Judas entre os apóstolos, assim é grandioso descobrir um Obadias entre os cortesãos de Acabe. Que grande graça deve ter estado em operação para manter um fogo desse no meio do mar, tal piedade no meio da mais vil iniqüidade!

A religião de sua juventude tornou-se para Obadias uma piedade confortável depois. Quando ele pensou que Elias estava para expô-lo a grande perigo, pleiteou seu longo tempo de serviço prestado a Deus, dizendo "temo ao Senhor desde a minha mocidade"; assim como Davi, quando ficou velho, disse: "Desde a minha juventude, ó Deus, tens me ensinado, e até hoje eu anuncio as tuas maravilhas. Agora que estou velho, de cabelos brancos, não me abandones, ó Deus" (Sl 71.17-18a). Será um grande consolo para as pessoas, quando idosas, olharem para uma vida que foi passada no serviço de Deus. Você não confiará nela, não achará que tem mérito; mas bendirá a Deus por ela.

Um servo que esteve com seu mestre desde a mocidade não deve ser dispensado da casa quando se torna grisalho. Um mestre correto respeita a pessoa que o serviu muito tempo e bem. Suponha que você tenha tido uma ama que cuidou de você quando era criança, seria capaz de colocá-la na rua quando ela não pudesse mais fazer o seu trabalho? Não, você faria o que pudesse por ela; se pudesse, não a deixaria viver num asilo. Ora, o Senhor é muito mais bondoso e gracioso do que nós, e ele nunca deixará seus velhos servos desamparados.

Capítulo 20: Alguma coisa boa de Abias (1) (1Reis 14.13)

Jeroboão provou ser falso para com o Senhor que o havia colocado no trono de Israel, e o tempo de ser derrubado do trono tinha chegado. O Senhor, que geralmente mostra a vara antes de levantar o machado, mandou doença para a casa dele: Seu filho, Abias, caiu doente. Então, os pais se lembraram de um velho profeta de Deus, e desejaram saber dele o que aconteceria com a criança. Temendo que o profeta denunciasse pragas sobre ele e seu filho se soubesse que quem perguntava era a esposa de Jeroboão, o rei implorou à princesa egípcia com quem ele se casara que se disfarçasse de esposa de fazendeiro e, assim, conseguisse do homem de Deus uma resposta mais favorável. Pobre rei tolo, imaginar que um profeta que podia enxergar o futuro não poderia também ver através de qualquer disfarce com o qual sua rainha pudesse se cercar! Tão ansiosa estava a mãe para saber a sorte de seu filho, que ela saiu do quarto do menino doente para ir a Siló ouvir a sentença do profeta. Foi em vão o seu disfarce! O profeta cego ainda era um vidente, e não só a discerniu antes que entrasse na casa, como viu o futuro de sua família. Ela chegou cheia de superstição para saber sua sorte, mas saiu com o peso da tristeza, tendo ouvido seus defeitos e seu fim.

Nas terríveis novas que o profeta Aías transmitiu a essa esposa de Jeroboão havia só um ponto de luz, só uma palavra de consolo; e parece não ter consolado à rainha pagã. A criança misericordiosamente estava marcada para morrer, "pois é o único da família de Jeroboão em quem o Senhor, o Deus de Israel, encontrou alguma coisa boa" (1Re 14.13).

Vamos olhar o pouco que sabemos do jovem príncipe, Abias. Seu nome era apropriado. Um bom nome pode pertencer a um homem bem mau; mas, neste caso, um nome gracioso foi bem empregado. Ele chamava Deus de seu Pai, e seu nome quer dizer isso. *Ab* é a palavra para *Pai*, e *Jah* é Jeová--Jeová era seu Pai. Eu não teria mencionado o nome não tivesse sua vida tornado isso verdade. Ah, vocês que têm bons nomes bíblicos, tratem de não desonrá-los!

Havia nessa criança "alguma coisa boa para com o Senhor Deus de Israel"; mas o que era? Quem o definirá? Um campo ilimitado de suposições se abre diante de nós. Sabemos que havia nele *algo* bom, mas que forma esse bem tomou não sabemos. A tradição já fez afirmações, mas como são meras invenções para preencher lacunas, nem vale a pena mencioná-las. É provável que nossas reflexões se aproximem tanto dessas evidências como essas tradições improváveis. Poderemos aprender muito com o silêncio das Escrituras: não nos dizem precisamente qual era a coisa boa, porque qualquer coisa boa para com o Senhor é um sinal suficiente de graça. Embora a *fé* da criança não seja mencionada, acreditamos que ela tinha fé no Deus vivo, visto que sem isso nada nele teria agradado a Deus; pois "sem fé é impossível agradar a Deus". Ele era uma criança crente em Jeová, o Deus de Israel: talvez sua mãe tivesse deixado que ele mesmo

pedisse para procurar o profeta do Senhor. Muitos falsos profetas estavam por ali no palácio: seu pai poderia não ter mandado ninguém a Siló, se o menino não tivesse pedido. O menino acreditava no grande Deus invisível que fez os céus e a terra, e ele o adorava em fé.

Não me surpreenderia, porém, se, naquela criança, seu *amor* fosse mais aparente do que sua fé; porque crianças convertidas na maioria das vezes falam em amar Cristo mais do que de confiar nele: não porque não tenham fé interior, mas porque a emoção do amor é mais compatível com a natureza da criança do que o ato mais intelectual da fé. O coração da criança é bem grande, e o amor, portanto, torna-se seu fruto mais notado. Não duvido que essa criança tenha mostrado uma afeição desde cedo para com o Jeová não visto, e uma aversão pelos ídolos da corte do pai. Possivelmente, tenha demonstrado horror do culto de Deus sob a figura de um bezerro. Até uma criança seria capaz de entender que devia ser errado igualar o grande e glorioso Deus a um animal com chifres e patas. Talvez a natureza aguçada da criança também achasse repugnantes aqueles sacerdotes baixos, dos confins da Terra, que seu pai tinha reunido. Não sabemos exatamente a forma que assumiu, mas havia "alguma coisa boa" no coração da criança para com Jeová, Deus de Israel.

Não se tratava apenas de uma boa inclinação que havia nele, nem um bom desejo, mas sim uma virtude substancial, realmente boa. Havia nele uma verdadeira e substancial existência de graça, e isso vai muito além de um desejo passageiro. Qual a criança que nunca, em uma ou outra ocasião, se foi treinada no temor do Senhor, sentiu tremores de coração e aspirações em direção a Deus? Essa qualidade é tão comum como o orvalho da manhã; mas, ai!, também acaba tão depressa como o orvalho. O jovem Abias possuía algo em seu interior suficientemente real e substancial para isso ser chamado de uma "boa *coisa*"; o Espírito de Deus operara uma obra segura nele, e deixara nele uma jóia valiosa de graça. Admiremos esta coisa boa, embora não possamos descrevê-la com precisão.

Admiremos, também, que esta "coisa boa" estivesse no coração da criança, porque *sua entrada é desconhecida*. Não podemos dizer como a graça penetrou no palácio de Tirza e ganhou esse coração juvenil. Deus viu a coisa boa, pois ele vê as menores coisas boas em nós, visto que tem um olho rápido para perceber qualquer coisa que se volta para sua direção. Mas como essa obra preciosa chegou à criança? Não nos é dito, e esse silêncio é uma lição para nós. Não é essencial sabermos *como* uma criança recebe graça. Não precisamos ficar ansiosos para saber quando, onde ou como uma criança é convertida; pode ser até impossível saber, pois o ato pode ter sido tão gradual que não se possa conhecer o dia e a hora. Mesmo aqueles que são convertidos em anos mais maduros não podem descrever sua conversão em detalhe, muito menos podemos manear a experiência de crianças que nunca entraram em pecado externo, mas que o comedimento de uma educação piedosa tem observado os mandamentos desde a sua mocidade, como o jovem da narrativa no evangelho.

Como foi que essa criança passou a ter essa "coisa boa" em seu coração? Até aqui sabemos: estamos certos de que Deus a colocou ali; mas por meio de quê? A criança, com toda probabilidade, não ouviu os ensinamentos dos profetas de Deus; ele nunca foi levado, como o menino Samuel, para a casa do Senhor. Sua mãe era uma princesa idólatra, seu pai estava entre os piores dos homens, e mesmo assim a graça de Deus alcançou seu filho. Será que o Espírito do Senhor operou no seu coração através de seus

próprios pensamentos? Teria ele pensado no assunto, e chegado à conclusão de que Deus era Deus, e que ele não precisava adorá-lo como seu pai o adorava, sob a imagem de um bezerro? Até uma criança podia ver isso. Será que algum hino a Jeová foi cantado embaixo do palácio por algum adorador solitário? Tinha a criança visto seu pai naquele dia em que ele ergueu a mão contra o profeta de Jeová no altar de Betel, onde de repente sua mão direita se encolheu ao seu lado? Será que as lágrimas apareceram nos olhos do menino quando viu seu pai assim paralisado no braço de sua força? E será que riu de pura alegria de coração quando pela oração do profeta seu pai ficou bom de novo? Aquele grande milagre de misericórdia fez com que ele amasse o Deus de Israel? Será mera imaginação pensar que isso pode ter acontecido? Uma mão direita mirrada num pai, e esse pai um rei, é uma coisa que é quase certo a criança ter ouvido contar, e se foi restaurada pela oração, a admiração naturalmente encheu o palácio, e era assunto para todos, e o príncipe o ouviria.

Ou será que essa criança pequena teve uma ama piedosa? E se alguma menina como aquela que servia a esposa de Naamã foi a mensageira de amor para ele? Carregando-o para lá e para cá, a babá cantava para ele um dos cânticos de Sião, e lhe contava sobre José e Samuel? Israel não tinha deixado seu Deus há tanto tempo que estivesse sem muitos seguidores fiéis do Deus de Abraão, e talvez por intermédio de um deles suficiente conhecimento tenha sido transmitido à criança para se tornar o meio de passar o amor de Deus à alma dele. Podemos supor, mas não podemos falar que temos certeza, de que tenha sido assim, nem há necessidade disso. Se o sol se levanta, faz pouca diferença quando o dia amanheceu. Que nós, quando vemos nas crianças alguma coisa boa, ficamos contentes com essa verdade, mesmo quando não conseguimos dizer como isso aconteceu. Ao amor eletivo de Deus, nunca faltam meios para desempenhar seu propósito: Ele pode mandar sua graça eficaz para o cerne da família de Jeroboão, e enquanto o pai está prostrado diante de seus ídolos, o Senhor pode achar um verdadeiro adorador para si no filho do próprio rei. "Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos firmaste o teu nome como fortaleza, por causa dos teus adversários." Teus passos nem sempre são vistos, ó, Deus da graça, mas nós aprendemos a adorar-te em tua obra, mesmo quando não discernimos teu caminho.

Essa "boa coisa" é descrita até certo ponto. Foi uma "coisa boa para Jeová, o Deus de Israel". A coisa boa olhava para o Deus vivo. Nas crianças muitas vezes se encontram coisas boas com respeito aos seus pais: que estas sejam cultivadas - mas não são evidências suficientes de graça. Nas crianças, às vezes, serão encontradas coisas boas no que diz respeito à amabilidade e excelência moral: que todas as coisas boas sejam louvadas e nutridas, mas não são frutos seguros de graça. É em relação a Deus que a coisa boa deve estar para que possa salvar a alma. Lembre-se de como lemos no Novo Testamento sobre o arrependimento no que diz respeito a Deus e sobre a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Como a face da coisa boa se revela é um ponto principal a seu respeito. Há vida em um olhar. Se um homem está viajando para longe de Deus, cada passo que ele dá amplia a distância; mas se seu rosto estiver voltado para o Senhor, ele pode ser apenas capaz do passo cambaleante da criancinha, mas mesmo assim ele está se aproximando mais e mais a cada momento. Havia algo de bom nessa criança *em relação a Deus*, e esta é a marca mais distinta de uma coisa realmente boa. A criança tinha amor, e havia nela amor para com Jeová. Tinha fé, mas era fé em Jeová. Seu temor religioso era o temor do Deus vivo; seus pensamentos infantis, desejos, orações e hinos diziam respeito ao verdadeiro Deus. É isso que desejamos ver não só em crianças, mas

em adultos; desejamos ver seus corações voltados para o Senhor, com a mente e as vontades movendo-se em direção ao Altíssimo.

Nessa querida criança, aquela "coisa boa" criou um caráter exterior tal que ela se tornou muito amada. Estamos certos disso, porque foi dito que "todo o Israel chorou por ele" (1Re 14.18). Ele era provavelmente o herdeiro à coroa de seu pai, e havia corações piedosos em Israel que esperavam ver tempos de reforma quando aquele jovem chegasse ao trono; e talvez mesmo aqueles que não se importavam com religião, mas de algum modo tinham marcado o jovem e observado sua entrada e saída diante deles, teriam dito: "Ele é a esperança de Israel; ainda haverá melhores dias quando aquele menino se tornar homem"; de modo que, quando Abias morreu, só ele de toda sua raça recebeu tanto lágrimas quanto uma sepultura; morreu lamentado, e foi enterrado com respeito, enquanto todos os restantes da casa de Jeroboão foram devorados por cães e abutres.

É uma grande benção quando há uma coisa tão boa em nossos filhos que eles venham a ser queridos em suas esferas. Eles não têm todo o raio de influência que esse jovem príncipe gozava de modo a ter admiração universal; mas, ainda assim, a graça de Deus numa criança é uma coisa muito bela, e atrai aprovação geral. A piedade juvenil é coisa muito tocante para mim; eu vejo a graça de Deus em homens e mulheres com muita gratidão, mas não consigo percebê-la em crianças sem chorar de alegria. Há uma grande beleza nesses botões de rosa do jardim do Senhor; eles têm uma fragrância que não encontramos nos lírios mais lindos. Ganha-se o amor para o Senhor Jesus em muitos corações com essas pequeninas setas do Senhor, das quais a própria pequenez é parte de seu poder de penetrar o coração. Os ímpios podem não amar a graça que está nas crianças, mas visto que amam as crianças nas quais essa graça é encontrada, não conseguem mais falar contra a religião como fariam de outro modo. Sim, e mais, o Espírito Santo usa essas crianças para fins mais elevados ainda, e aqueles que as vêem muitas vezes ficam marcadas com desejos de coisas melhores.

Capítulo 21: Alguma coisa boa de Abias (2)

Ele não usava o filactério largo, mas tinha um espírito manso e quieto. Pode não ter sido grande orador, senão talvez se dissesse dele: "Ele falou coisas boas a respeito do Deus de Israel"; ele pode ter sido um garoto tímido, reservado, quase silencioso, mas a boa coisa estava "nele". E este é o tipo de coisa que desejamos para cada um de nossos amigos, uma obra de graça *interior*. O ponto importante não é usar a vestimenta, nem usar a fala da religião, mas possuir a vida de Deus *dentro* de si, e sentir e pensar como Jesus faria por causa dessa vida interior. Pequeno é o valor exterior a não ser que seja o resultado de uma vida interior. A graça verdadeira não é como uma roupa, que pode ser vestida e tirada; mas é uma parte integral da pessoa que a possui. A piedade dessa criança era do tipo verdadeiro, pessoal, interior: possam todas as nossas crianças possuir alguma coisa boa!

Disseram-nos que essa boa coisa "foi encontrada" nela: isso significa que era bem visível, pois a expressão "encontrada" é usada mesmo quando não significa uma grande busca. O Senhor não diz mesmo: "Fui achado por aqueles que não me procuravam" (Rm 10.20)? A piedade zelosa do tipo infantil logo se revela; em geral, uma criança é bem menos reservada nas palavras do que um homem; seus lábios não ficam imóveis por prudência reservada, ao contrário, revelam o coração. Piedade numa criança aparece

mesmo na aparência, de modo que pessoas que chegam à casa como visitantes ficam surpresos com as afirmações naturais que revelam o pequeno cristão. Muitas pessoas em Tirza não tinham como não saber que essa criança tinha alguma coisa boa em relação a Jeová. Podiam não se preocupar em entender isso, podiam esperar que isso fosse oprimido na criança pelo exemplo da corte à sua volta, mesmo assim sabiam que estava lá, fizeram essa descoberta sem dificuldade.

Contudo, a expressão tem outro sentido: sugere que quando Deus, o examinador rigoroso, que prova as rédeas dos filhos dos homens, visitou essa criança, ele encontrou nela algo para louvor e glória: "alguma coisa boa" foi descoberta nela por aqueles olhos que não podem ser enganados. Nem tudo que reluz é ouro, mas o que estava nessa criança era o metal genuíno. Ah, que isso possa ser verdade sobre cada um de nós quando formos testados como pelo fogo! Pode ser que o pai do menino estivesse zangado com ele por servir a Jeová, mas qualquer que tenha sido sua tribulação, ele saiu dela incólume.

Para mim, a expressão sugere surpresa. Como essa boa coisa entrou na criança? "Nela foi *encontrado* alguma coisa boa"--como quando um homem encontra um tesouro num campo. O fazendeiro não pensava em nada senão em seus bois, suas terras e sua colheita, quando de repente o arado deixou à vista um tesouro escondido: ele o achou onde estava, mas não podia saber como esse tesouro chegou até ali. Assim, nessa criança, colocada em posição nada vantajosa, para surpresa de todos, ali se encontrou alguma coisa boa para com o Senhor Deus de Israel. Sua conversão está velada em mistério. Não nos contaram como era a graça em seu coração, nem de onde veio, nem que ações especiais produzia, mas ali estava, *encontrada* onde ninguém a esperava. Creio que esse caso é típico de muitas das crianças eleitas a quem Deus chama por sua graça nas praças e vielas das grandes cidades. Não pense em anotar a experiência delas, seus sentimentos e sua vida, e somar tudo; não espere saber datas e meios especificamente, mas você precisa aceitar a criança assim como temos de aceitar Abias, alegrando-nos em achar nela uma pequena maravilha de graça com o selo do próprio Deus sobre ela. O velho profeta, em nome do Senhor, atestou o jovem príncipe como um seguidor do Altíssimo de coração puro; e do mesmo modo o Senhor coloca sua marca de graça atestando as crianças regeneradas, e devemos ficar contentes com isso, mesmo que faltem algumas outras coisas. Vamos receber com alegria essas obras do Espírito Santo que nós nem sabemos descrever com precisão.

Tudo o que se diz sobre este caso é que nele havia "alguma coisa boa"; e isso deve ser compreendido como se a obra divina fosse apenas uma centelha de graça, o início da vida espiritual. Não havia nada muito marcante nele, ou seria mencionado com mais clareza. Ele não era um seguidor heróico de Jeová, e seus feitos de lealdade a Deus não estão escritos, porque por razão de seus tenros anos ele não teve nem poder nem oportunidade para fazer muita coisa que pudesse ser escrita. À medida que compreendemos que nele havia "alguma coisa boa", subentende-se que não era uma coisa perfeita, e que não era acompanhada de todas as coisas boas que se pudesse desejar. Faltavam muitas coisas boas, mas "alguma coisa boa" se manifestou, e, portanto, a criança foi aceita e, por amor divino, salva de uma morte ignóbil.

Somos capazes de passar sem ver "alguma coisa boa" numa casa má. Esta foi a maior maravilha de tudo, o fato de haver uma criança graciosa no palácio de Jeroboão. A mãe geralmente domina a casa, mas a rainha era uma princesa do Egito e uma idólatra. Um

pai tem grande influência, mas, neste caso, Jeroboão pecou e fez a nação de Israel pecar, mas não pôde fazer seu filho pecar. Toda a Terra sente a influência pestilenta de Jeroboão, contudo, perto de seus pés há um espaço belo que a graça soberana salvou da praga; seu primogênito, que normalmente imitaria seu pai, é o contrário dele--ali estava o herdeiro de Jeroboão, "alguma coisa boa em relação a Jeová, Deus de Israel". Em tal lugar nós não procuramos por graça, e somos capazes de passar sem vê-la. Se você for às praças de nossas grandes cidades, que são magníficas, você verá que fervilham de crianças dos pobres, você não espera encontrar graça onde o pecado existe em abundância. Nos recantos e vielas das grandes cidades, ouvimos blasfêmia e vemos viciados por todo lado, mas nem por isso devemos concluir que ali não há uma criança de Deus; não devemos dizer: "O amor eleitor de Deus nunca caiu sobre qualquer uma dessas crianças". Como podemos saber? Uma dessas criancinhas vestidas pobremente, brincando em cima de uma pilha de pó, pode ter encontrado Cristo por aí, e pode estar destinada a um lugar à mão direita de Cristo. Preciosa é esta jóia, embora fundida no meio dessas pedrinhas. Brilhante é aquele diamante, embora se ache em cima do monturo. Se na criança há "alguma coisa boa em relação ao Senhor Deus de Israel", ela deve assim mesmo ser valorizada porque seu pai é um ladrão e sua mãe bebe demais. Nunca despreze a criança mais maltrapilha.

Na Irlanda, um ministro, que estava pastoreando uma pequena congregação protestante, notou por vários domingos, em pé no corredor perto da porta, um menino muito maltrapilho, que escutava o sermão com avidez. Ele desejava saber quem era o menino, mas o garoto sempre desaparecia logo que o sermão terminava. Ele pediu a um ou dois amigos que vigiassem, mas de alguma forma o garoto sempre escapava, e não podia ser descoberto. Um Domingo, o pastor pregou um sermão que dizia: "Sua própria mão direita e seu braço santo lhe conseguiram a vitória", e depois desse dia sentiu falta do menino. Seis semanas se passaram, e a criança não veio mais, mas um homem desceu das montanhas e rogou ao ministro que fosse ver seu menino, que estava morrendo. Ele vivia num casebre muito pobre. Andaram seis quilômetros na chuva, por terra encharcada e sobre morros, e o ministro chegou à porta do casebre. Ao entrar, o pobre garoto que estava sentado na cama viu o pregador; ele agitou seu braço e exclamou alto: "Sua própria mão direita e seu braço santo lhe conseguiram a vitória". Foi sua última exclamação, seu brado final de triunfo. Quem sabe se não há muitos e muitos casos em que a mão direita do Senhor e seu braço santo lhe conseguiram a vitória, a despeito da pobreza, do pecado e da ignorância que podem ter rodeado o jovem convertido? Então, não desprezemos a graça, onde quer que seja, mas valorizemos com vontade aquilo que facilmente somos capazes deixar passar sem que percebamos.

Nós não podemos entender *que as crianças queridas que amam a Deus possam muitas vezes ser chamadas a sofrer*. Dizemos: "Ora, se fosse meu filho, eu o curaria e tiraria os sofrimentos dele imediatamente." Mas o Pai Todo-Poderoso permite que seus queridos sofram. A criança piedosa de Jeroboão está prostrada pela doença, e seu pai ímpio não está doente, e sua mãe não está doente; podíamos quase desejar que estivessem, para que fizessem menos maldade. Só um piedoso na família, e ele doente! Por que isso aconteceu? Por que é assim em outros casos? Você pode encontrar um menino cheio de graça que é aleijado, uma menina com a mente voltada ao céu que é tuberculosa: muitas vezes, verá a mão pesada de Deus descansando onde seu amor eterno fixou sua escolha. Há um sentido em tudo isso, e nós conhecemos um pouco disso; e se nada soubéssemos, mesmo assim creríamos na bondade do Senhor. O filho de Jeroboão era como o figo do sicômoro, que não amadurece até que seja machucado: pela sua doença, ele amadureceu

rapidamente para a glória. Também, foi pelo bem de seu pai e de sua mãe que ele estava doente. Se estivessem dispostos a aprender pela tristeza, isso poderia ter abençoado muito a eles. Pelo menos os impulsionou a irem ao profeta de Deus. Ah, se pelo menos o impulso os tivesse levado ao próprio Deus! Já aconteceu de uma criança enferma conduzir parentes cegos ao Salvador, e com isso os olhos deles foram abertos.

Há algo ainda mais notável: *algumas das crianças mais queridas de Deus morrem ainda novos*. Eu teria dito: que Jeroboão morra e sua esposa também, mas que a criança seja poupada. Sim, mas a criança precisa ir; ela é a mais capacitada. Sua partida teve o propósito de atribuir glória à graça de Deus por salvar essa criança, e assim aperfeiçoá-la. Seria a recompensa da graça, pois a criança foi tirada do mal que viria; era para morrer em paz e ser sepultada, enquanto o resto de sua família enfrentaria a morte pela espada e seria entregue aos chacais e aos abutres para serem rasgados em pedaços. No caso desta criança, sua morte precoce foi uma prova de graça. Se alguém disser que crianças convertidas não devem ser recebidas na igreja, eu responderei: como é que o Senhor leva tantos delas para o céu? O Senhor, em misericórdia infinita, muitas vezes leva as crianças para si, e as salva das tribulações de uma longa vida e da tentação, não só porque há graça nelas, mas há muito mais graça do que o normal, que não é necessário demorar; já estão maduras para a colheita. É maravilhoso ver que uma grande graça pode habitar o coração de um menino: a piedade infantil não é de modo algum de um tipo inferior, e por vezes está madura para o céu.

Capítulo 22: O filho da mulher sunamita (1)

O profeta Eliseu realizou um milagre muito instrutivo, conforme registrado no Livro de Reis. A hospitalidade da mulher sunamita havia sido recompensada com a dádiva de um menino; mas, todas as misericórdias terrestres são de posse incerta, e depois de certo tempo a criança adoeceu e morreu.

A mãe aflita, mas crente, foi imediatamente ter com o homem de Deus; por meio dele é que Deus tinha transmitido a promessa que satisfez o desejo de seu coração, e ela resolveu declarar a ele o seu caso, para que ele o pudesse expor diante de seu Mestre Divino, e obter para ela uma resposta de paz. A ação de Eliseu está registrada nos seguintes versículos:

Então Eliseu disse a Geazi: "Ponha a capa por dentro do cinto, pegue o meu cajado e corra. Se você encontrar alguém, não o cumprimente e, se alguém o cumprimentar, não responda. Quando lá chegar, ponha o meu cajado sobre o rosto do menino". Mas a mãe do menino disse: "Juro pelo nome do Senhor e por tua vida que, se ficares, não irei." Então ele foi com ela. Geazi chegou primeiro e pôs o cajado sobre o rosto do menino, mas ele não falou nem reagiu. Então Geazi voltou para encontrar-se com Eliseu e lhe disse: "O menino não voltou a si." Quando Eliseu chegou à casa, lá estava o menino, morto, estendido na cama. Ele entrou, fechou a porta e orou ao Senhor. Depois deitou-se sobre o menino, boca a boca, olhos com olhos, mãos com mãos. Enquanto se debruçava sobre ele, o corpo do menino foi se aquecendo. Eliseu levantou-se e começou a andar pelo quarto; depois subiu na cama e debruçou-se mais uma vez sobre ele. O menino espirrou sete vezes e abriu os olhos. Eliseu chamou Geazi e o mandou chamar a sunamita. E ele obedeceu. Quando ele chegou, Eliseu disse: "Pegue seu filho." Ela entrou, prostrou-se a seus pés, curvando-se até o chão. Então pegou o filho e saiu. (2R 4.29-37).

Eliseu teve de se haver com uma criança morta. É verdade que, neste caso, foi uma morte natural; mas a morte com a qual você tem de entrar em contato não é uma morte menos real por ser espiritual. Meninos e meninas estão, tão certamente como adultos, "mortos em delitos e pecados". Ninguém deve deixar de perceber plenamente o estado no qual todos os seres humanos se encontram por natureza. A não ser que você tenha uma clara percepção da ruína total e da morte espiritual das crianças, você será incapaz de se tornar uma bênção para elas. Vá ao encontro delas, eu lhe rogo, não como pessoas que dormem e que você pelo seu próprio poder pode acordar de seu sono, mas, sim, como defuntos espirituais que só podem ser despertados para a vida por um poder divino. Eliseu visava nada menos do que a restauração da criança para a vida. Que você nunca se contente com benefícios secundários, ou mesmo em consegui-los; que lute pelo maior de todos os propósitos, a salvação de almas imortais. Sua tarefa não é meramente ensinar crianças a ler a Bíblia, não é simplesmente inculcar os deveres da moralidade, nem mesmo de instruí-las nas letras da Bíblia, mas sua alta vocação é ser o meio, nas mãos de Deus, de levar vida do céu a almas mortas.

Ressurreição, portanto, é nosso objetivo! Levantar os mortos é nossa missão. Como realizar um trabalho tão surpreendente? Se cedermos à descrença, ficaremos confusos pelo fato evidente de que o trabalho para o qual o Senhor nos chamou está bem além de nosso próprio poder pessoal. Não podemos levantar os mortos. No entanto, não somos mais impotentes do que Eliseu, porque ele, por si mesmo, não podia restaurar o filho da sunamita. Esse fato precisa nos desanimar? Em vez disso, ele não nos dirige ao nosso verdadeiro poder ao nos cortar nosso poder imaginado? Acredito que todos nós já sabemos que o homem que vive na fé habita a esfera dos milagres.

Eliseu não era um homem comum agora que o Espírito de Deus estava sobre ele, chamando-o para a obra de Deus, e ajudando-o a realizá-la. E você, professor de oração devotado, ansioso, não continue mais sendo um ser comum; você já se tornou, de maneira especial, o templo do Espírito Santo. Deus habita em você, e, pela fé, você entrou na carreira de um operador de milagres. Você foi enviado ao mundo não para fazer as coisas que são possíveis aos homens, mas para aquelas impossibilidades que Deus opera pelo Espírito dele, por meio de seu povo crente. Você deve operar milagres e fazer maravilhas. Você não deve, portanto, olhar a restauração dessas crianças mortas, que em nome de Deus você é chamado para reavivar, como sendo coisa pouco provável ou difícil quando você se lembra quem é que trabalha através de sua fraca instrumentalidade.

Teria sido bom se Eliseu tivesse recordado que ele antes foi servo de Elias, e se tivesse, assim, estudado o exemplo de seu mestre de forma a imitá-lo. Se tivesse, ele não teria mandado Geazi com um cajado, mas teria feito imediatamente o que foi constrangido a fazer. Em 1Reis 17, você encontrará a história de Elias levantando uma criança morta, e verá ali que Elias, o mestre, tinha deixado um exemplo completo para seu servo; e foi só quando Eliseu o seguiu em todos os aspectos que o poder miraculoso se manifestou. Teria sido prudente, penso eu, se Eliseu tivesse imitado logo o exemplo do mestre cujo manto ele vestia.

Com mais vigor, eu lhe digo que tudo ficará bem se, como professores, imitarmos os modos e métodos de nosso Mestre glorificado, e aprendermos aos seus pés a arte de ganhar almas. Assim como ele veio com a maior solidariedade ao contato mais íntimo com nossa humanidade sofrida, e condescendeu abaixar-se à nossa condição triste,

assim precisamos chegar bem perto das almas com as quais temos de nos ocupar, sensibilizarmo-nos com elas com o desejo amoroso dele, e chorar por elas com as lágrimas do Mestre, se nós as queremos ver livres do estado de pecado. Só imitando o espírito e a maneira do Senhor Jesus é que nós nos tornaremos sábios para ganhar almas.

Temo que muitas vezes a verdade que nós libertamos nos seja alheia; como um cajado que seguramos em nossa mão, mas que não é parte de nós mesmos. Levamos verdade doutrinária e prática, como Geazi fez com o cajado, e a deitamos sobre a face da criança, mas nós mesmos não agonizamos em favor de sua alma. Tentamos essa doutrina e aquela verdade, essa história e a outra ilustração, esse modo de ensinar uma lição e aquele modo de apresentar uma mensagem; mas enquanto a verdade que nós libertamos for um assunto alheio a nós e desligada de nosso ser íntimo, ela não terá mais efeito sobre uma alma morta do que o cajado de Eliseu teve sobre a criança morta. Não sabemos ao certo se Geazi estava convencido de que a criança estava realmente morta; ele falou como se estivesse apenas dormindo e precisasse ser acordada. Deus não abençoará esses professores que não compreendem, no coração o estado realmente caído de suas crianças. Se você acha que a criança não está realmente corrompida, se você favorece idéias tolas sobre a inocência da infância e a dignidade da natureza humana, não deve ficar surpreso se permanecer estéril e infrutífero.

Observe cuidadosamente o que Eliseu fez quando foi frustrado em seu primeiro esforço. Quando falhamos em uma tentativa, nem por isso devemos desistir de nosso trabalho. Se você não tem tido sucessos até agora, não deve inferir daí que não é chamado para o trabalho, não mais do que Eliseu poderia ter concluído que a criança não podia ser restaurada. A lição de sua falta de sucesso não é--cesse a obra, e sim--mudar o método. Não é a pessoa que está fora do lugar, é o plano que não é prudente. Se seu primeiro método não foi bem-sucedido, você precisa melhorar o plano. Examine onde foi que você falhou, e então, mudando seu modo, ou espírito, o Senhor poderá prepará-lo para um grau de utilidade muito além de sua expectativa. Eliseu, em vez de ficar desanimado quando viu que a criança não estava desperta, arregaçou as mangas e se apressou a realizar o trabalho que tinha pela frente.

Capítulo 23: O filho da mulher sunamita (2)

Veja onde a criança morta tinha sido colocada: "Quando Eliseu chegou à casa, lá estava o menino, morto, estendido na cama." Esta era a cama que a hospitalidade da sunamita havia preparado para Eliseu, a famosa cama que, com a mesa, o banquinho e a lamparina, nunca será esquecida na igreja de Deus.

Continuando a leitura, encontramos: "Ele [Eliseu] entrou, fechou a porta e orou ao Senhor" (2Re 4.33). Agora, o profeta está no seu trabalho com seriedade, e nós temos uma oportunidade nobre de aprender com ele o segredo de levantar crianças dos mortos. Se você voltar para a narrativa de Elias, verá que Eliseu adotou o método ortodoxo de proceder, o método de seu mestre Elias: "E ele [Elias] disse: Dê-me o seu filho. Elias o apanhou dos braços dela, levou-o para o quarto de cima onde estava hospedado, e o pôs na cama. Então clamou ao Senhor: 'Ó Senhor, meu Deus, trouxeste também desgraça sobre esta viúva, com quem estou hospedado, fazendo morrer o seu filho?' Então ele se deitou sobre o menino três vezes e clamou ao Senhor: 'Ó Senhor, meu Deus, faze voltar a vida a este menino'. O Senhor ouviu o clamor de Elias, e a vida voltou ao menino, e

ele viveu" (1Re 17.19-24). O grande segredo está na súplica poderosa. "Ele entrou, fechou a porta [sobre eles dois - kjv] e orou." O velho provérbio é: "Todo púlpito verdadeiro é erguido no céu", o que significa que o verdadeiro pregador passa muito tempo com Deus. Se não oramos a Deus por uma bênção, se o alicerce do púlpito não for edificado em oração particular, nosso ministério aberto não será um sucesso. Assim é com você; o poder de cada professor verdadeiro precisa vir do alto. Se você nunca se recolher para orar e fechar a porta, se nunca rogar junto ao lugar celeste de misericórdia por sua criança, como pode esperar que Deus o honrará com a conversão dela? É um método excelente, creio eu, levar as crianças, uma por uma, para o seu quarto e orar com elas. Você verá suas crianças convertidas quando Deus individualizar seus casos, agonizar por elas, e levá-las uma de cada vez, e com a porta fechada, para orar com elas e por elas. Há muito mais influência na oração oferecida em particular do que em oração dita publicamente na classe - não mais influência com Deus, é claro, mas mais influência com a criança. Tal oração muitas vezes será a própria resposta; pois Deus pode, enquanto você está derramando sua alma, fazer sua oração ser um martelo para quebrantar o coração que meras mensagens nunca haviam tocado.

Depois de orar, Eliseu adotou os meios. A oração e os meios devem andar juntos. Meios sem oração pressupõem oração sem meios: hipocrisia! Ali estava deitada a criança, e ali estava de pé o venerável homem de Deus! Assista seu proceder singular: ele se abaixa sobre o corpo e põe sua boca sobre a boca da criança. A boca fria e morta da criança foi tocada pelos lábios quentes e vivos do profeta, e uma corrente vital de hálito quente novo foi mandada lá para as passagens da boca do morto que eram frias como pedra, e para a garganta e os pulmões. Em seguida, o santo homem, com o ardor amoroso da esperança, colocou seus olhos sobre os olhos da criança, e suas mãos sobre as mãos da criança; as mãos quentes do velho cobriram as palmas frias da criança que partiu. Então, ele se estendeu sobre a criança, e a cobriu com seu corpo todo, como se quisesse transferir sua própria vida àquele corpo inerte, morreria com ele ou o faria viver. Era uma vez, um caçador de antílope que estava trabalhando como guia de um viajante cheio de medo; quando chegaram a uma parte muito perigosa da estrada, ele usou uma tira para amarrar o viajante a si mesmo firmemente, e disse: "Ou nós dois ou nenhum dos dois." Com isso, quis dizer: "Viveremos os dois ou nenhum de nós viverá; nós somos um." Assim, o profeta efetuou uma união misteriosa entre ele e o garoto, e na sua mente estava resolvido que ou ele gelaria com a morte da criança ou esquentaria a criança com sua vida.

O que isso nos ensina? As lições são muitas e óbvias. Vemos aqui, como num quadro, que se nós queremos trazer vida espiritual a uma criança, precisamos perceber muito vivamente o estado dessa criança. Ela está morta, morta. Deus fará com que você sinta que a criança está tão morta em dívidas e pecados como você esteve um dia. Deus quer que você entre em contato com essa morte através de dolorosa, esmagadora, humilhante solidariedade. Para ganhar almas, devemos observar como nosso Mestre operou; então, como ele operou? Quando ele quis nos erguer da morte, o que lhe coube fazer? Ele precisou morrer: não houve outro meio. Assim é com você. Se você quer fazer viver aquela criança morta, você precisa sentir o frio e o horror da morte dessa criança. É necessário um homem moribundo para levantar homens moribundos.

Para tirar uma brasa do fogo, você teria de colocar a sua mão suficientemente perto para sentir o calor do fogo. Então você tem, mais ou menos, uma idéia precisa da terrível ira de Deus e dos terrores do juízo que virá, porque se não tiver, vai lhe faltar energia em

seu trabalho, e assim faltará um dos aspectos essenciais do êxito. Na minha opinião, o pregador nunca fala bem sobre tais tópicos antes que os sinta pressionando-o como um fardo pesado vindo do Senhor. "Eu preguei em cadeias", disse John Bunyan, "para homens em cadeias". Pode crer, quando a morte que está em suas crianças o assusta, deprime e domina, então Deus está prestes a abençoá-lo.

Assim reconhecendo o estado da criança, e como que pondo sua boca sobre a boca da criança, e suas mãos sobre as mãos dela, você precisa em seguida procurar se adaptar até onde for possível à natureza, aos hábitos e ao temperamento da criança. Sua boca precisa descobrir as palavras da criança, para que ela entenda o que você quer dizer; você precisa ver as coisas com os olhos de uma criança; seu coração precisa sentir os sentimentos de uma criança, para ser seu companheiro e amigo; você precisa ser um estudante do pecado juvenil, precisa condoer-se das provações juvenis; precisa, até onde for possível, entrar no espírito das alegrias e tristezas juvenis. Não pode se irritar com a dificuldade desse assunto, ou sentir que isso é humilhante. Se é exigido algo difícil, você precisa fazê-lo e não achar difícil. Deus não ressuscitará uma criança morta por meio de você se você não estiver disposto a ser todas as coisas para aquela criança, se você não estiver disposto a tornar-se todas as coisas para aquela criança, para que, se alguma possibilidade houver, você possa ganhar a sua alma.

O profeta "*se estendeu sobre o menino*". Era de esperar que estivesse escrito "ele se contraiu"! Afinal, ele era um homem feito, e o outro um mero menino. Não devia ser "ele se contraiu"? Não, "ele se estendeu"; e pode crer, nenhum estender é mais difícil do que para o homem estender-se a uma criança. Quem sabe falar com crianças não é tolo; um simplório está muito enganado se acha que sua tolice pode interessar meninos e meninas. São necessários nossa melhor inteligência, nossos estudos mais zelosos, nossos pensamentos mais sinceros, nossas capacidades mais maduras, para ensinar os nossos pequenos. Você não vivificará a criança até que se tenha "estendido"; e embora pareça estranho, ainda é verdade. O homem mais sábio precisará exercitar todas as suas capacidades se quiser tornar-se um professor bem-sucedido de crianças.

Vemos, então, em Eliseu, uma percepção da morte da criança e uma adaptação sua ao seu trabalho, mas, acima de tudo, vemos *solidariedade*. Enquanto o próprio Eliseu sentia o frio do corpo morto, seu calor pessoal estava penetrando o corpo morto. Isso por si só não levantou a criança; mas Deus operou através dele--o calor do corpo do velho passou para a criança, e tornou-se o meio de vivificá-lo. Que todo professor pese bem essas palavras de Paulo: Nós "nos tornamos carinhosos entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos" (1Ts 2.7, ara). "Sentindo, assim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, *mas também a nossa própria vida*, porque vocês se tornaram muito amados por nós" (1Ts 2.8 nvi). Deus abençoará pelo seu Espírito nossa forte afinidade com a sua própria verdade, e fará com que faça aquilo que a verdade sozinha falada com frieza não realizaria. Aqui, então, está o segredo. Você precisa comunicar ao pequeno sua própria alma; você precisa se sentir como se a ruína daquela criança fosse sua própria ruína.

O resultado do trabalho do profeta logo apareceu: "O corpo do menino foi se aquecendo" (2Re 4.34b). Como Eliseu deve ter ficado contente; mas seu prazer e satisfação não diminuíram seus esforços. Nunca se satisfaça em achar suas crianças num estado apenas esperançoso. O que você quer não é mera convicção, mas conversão;

você deseja não apenas impressionar, mas regenerar. Vida, vida de Deus, a vida de Jesus. É isso que seus pupilos precisam ter, e nada menos deve contentá-lo.

"Eliseu levantou-se e começou a andar pelo quarto." Observe o desassossego do homem de Deus; ele não pode ficar à vontade. A criança está quentinha (bendito seja Deus por isso), mas não vive ainda; então, em vez de se sentar à mesa, o profeta caminha para lá e para cá, com pés inquietos, gemendo, respirando rapidamente, ansiando, nem um pouco à vontade. Não podia suportar olhar para a mãe desconsolada, nem ouvi-la perguntar: "A criança já está restabelecida?", mas ele continuou andando na casa porque sua alma não estava satisfeita. Imite essa inquietude consagrada. Quando você vir um menino ficando um tanto sensibilizado, não se sente para dizer: "A criança tem esperança, graças a Deus; estou perfeitamente satisfeito". Desse jeito, você nunca ganhará a jóia inestimável de uma alma salva; você deve se sentir triste, inquieto, preocupado, se você se tornar um pai na igreja.

Depois de um tempo caminhando para lá e para cá, o profeta novamente "subiu na cama e debruçou-se mais uma vez sobre a criança". O que é bom fazer uma vez, convém fazer uma segunda vez. O que é bom duas vezes, é bom sete vezes. Deve haver perseverança e paciência. Tão certo quanto o calor passou de Eliseu à criança, assim pode passar o seu frio para a sua classe, a não ser que você esteja num estado de espírito bem sincero.

Eliseu se estendeu na cama novamente com muita oração, muito suspiro, muita confiança, e, finalmente, seu desejo lhe foi concedido. *"O menino espirrou sete vezes e abriu os olhos."* Qualquer forma de ação indicaria vida, e deixaria o profeta contente. A criança "espirrou", alguns dizem, porque morreu com uma doença da cabeça, pois antes ele disse ao seu pai, "Minha cabeça! minha cabeça!", e o espirro limpou as passagens de vida que se tinham bloqueado. Isso não sabemos. Ao entrar novamente nos pulmões, o ar poderia bem forçar um espirro. O som não era nada muito articulado ou musical, mas indicava vida. É só isso que devemos esperar de crianças pequenas quando Deus lhes dá vida espiritual. Alguns membros de igreja esperam muitas coisas mais, mas eu fico satisfeito se as crianças espirram--se dão qualquer indicação verdadeira de graça, por mais fraquinha ou indistinta que seja.

Talvez se Geazi tivesse estado lá, não tivesse achado esse espirro nada demais, porque não havia se estendido sobre a criança, mas Eliseu ficou contente com isso. Mesmo assim, se você e eu temos realmente agonizado em oração pelas almas, perceberemos rapidamente o primeiro sinal de graça, e ficaremos muito agradecidos a Deus mesmo que o sinal seja só um espirro.

Então, a criança *abriu os olhos*, e arriscamos dizer que Eliseu pensou que nunca antes tinha visto olhos tão lindos. Não sei que espécie de olhos era, castanhos ou azuis, mas sei que qualquer olho que Deus o ajudar a abrir será para você um olho lindo.